

Raça e Assimilação

1599

OBRAS DO AUTOR

Populações Meridionaes do Brasil 4.^a edição, São Paulo, 1938.

Pequenos estudos de psychologia social, 2.^a edição, São Paulo, 1923.

Evolução do Povo Brasileiro, 3.^a edição, São Paulo, 1938.

O occaso do Imperio, 2.^a edição, São Paulo, 1933.

O idealismo da Constituição, Rio, 1927.

O credito sobre o café, Rio 1927.

Problemas de politica objectiva, São Paulo, 1930.

Formation ethnique du Brésil Colonial, Paris, 1932.

Os typos ethnicos brasileiros (in "Diccionario Historico e Geographico do Brasil").

OLIVEIRA VIANNA

Do Instituto Internacional de An'ropologia ; da Sociedade dos Americanistas de Paris; da Sociedade Portuguesa de Anthropologia e Ethnologia; da Academia Portuguesa da Historia; da Union Cultural Universal de Sevilha; da Academia de Sciencias Sociaes de Havana; do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, etc.

Raça e Assimilação

- I. *Os problemas da raça.*
- II. *Os problemas da assimilação.*

3.^a EDIÇÃO AUGMENTADA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto-Alegre

1938



A' MARGEM DA 2.^a EDIÇÃO

Teve este livro uma acolhida benevola por parte da critica e do publico. Houve um certo movimento de interesse em torno dos themas nelle agitados. Em alguns centros de cultura medica, varios dos seus pontos de vista foram discutidos. Quando mais não fosse, pelo menos parece ter tido o merito de chamar attenção dos homens de sciencia e dos estudiosos das questões sociaes para os problemas da raça, até então inteiramente descuidados ou postos á margem. Não tive, aliás, outro intuito — e isto mesmo confessei no pequeno prefacio que escrevi para a primeira edição. Por isto mesmo é que não tem razão um dos criticos deste livro, quando me accusa de não ter trazido solução aos problemas raciais do meu paiz. Para elle, eu não fiz mais do que *tentar* resolver, sem exito, estes problemas. Ora, na verdade, eu nem sequer “tentei” resolvel-os. Contentei-me simplesmente em suggerir a necessidade de pesquisas systematisadas, scientificamente conduzidas, no sentido de achar solução para os varios problemas da nossa formação e evolução racial. Encareci, apenas, a importancia delles, exemplificando para maior clareza. Tanto na parte relativa aos problemas da raça, como na parte relativa aos problemas da assimilação, os exemplos citados e os dados exhibidos o foram apenas a titulo de exemplo, com o intuito de esclarecer, definir, precisar um pensamento ou uma these — e não de expôr nenhum resultado definitivo ou enunciar a formula de nenhuma lei descoberta. E poderia dizer como Herri Berr:

— “Comme je suis préoccupé de science à fonder et non de système à défendre, je n'aprouverai aucune mortification — mais plutôt de la joie — à combler des lacunes ou à corriger des erreurs”.

Preparando esta 2.^a edição, nada modifiquei da 1.^a e 2.^a partes da edição anterior. Apenas ajuntei, a alguns capitulos, indicações da bibliographia mais recente.

Quanto ás *Notas complementares*, estas apparecem accrescidas de mais tres capitulos:

I — *Os typos anthropologicos brasileiros e o problema da sua classificação*. Nelle opponho algumas objecções á classificação do professor Roquete Pinto, do Museu Nacional;

II — *Pesquiza sobre psychologia ethnica no Brasil*. Nelle attendo uma observação do prof. Waldemar Bernardinelli, da Faculdade de Medicina do Rio;

III — *O problema do valor mental do negro*. Nelle respondo a uma critica do prof. Arthur Ramos, da Faculdade de Medicina da Bahia.

O. V.

NESTE pequeno volume, faço uma rapida synthese de apenas alguns capitulos de duas obras mais vastas: uma — *O aryano no Brasil* (biologia e mesologia da raça — já quasi concluida; outra, a *Anthropologia Social* (psychologia e sociologia da raça), em preparação.

Neste volumezinho procuro resaltar alguns aspectos, que me parecem interessantes, do problema da raça ou das raças no Brasil. Não concluo nada, porque nada ha feito, em nosso paiz, sobre os themes aqui agitados. Formulo apenas algumas hypotheses — e as pesquisas dos technicos irão dizer se são ou não verdadeiras. Pertencem, na sua maioria, ao grupo daquellas “working hypothesis”, de que fala HADDON, isto é, sujeitas ainda ao *referendum* dos investigadores.

Estas hypotheses, aliás, não causam mal nenhum á sciencia: são estimulos para o trabalho, são suggestões para pesquisas. Mesmo que se verifiquem erradas, a sciencia lucrará com ellas; porque, como observava ha pouco

ELLWOOD, "a sciencia tem sempre progredido sobre a ruina das hypotheses". Umas são destruidas e, em logar dellas, outras surgem, mais fecundas e verdadeiras: e assim se acrescenta o patrimonio commum do saber humano.

OLIVEIRA VIANNA.

JANEIRO, 1932.

São Boaventura, 41

NICHEROY

R a ç a e A s s i m i l a ç ã o



PARTE PRIMEIRA

OS PROBLEMAS DA RAÇA

CAP. I — Raças historicas, raças nacionaes e raças zoologicas.

CAP. II — Bio-typologia e psychologia ethnica

CAP. III — Os typos anthropologicos e os problemas da bio-sociologia.



CAPITULO I

Raças historicas, raças nacionaes e raças zoologicas

SUMMARIO: — I. O problema das raças superiores: os “nordecistas” e os seus oppositores. Reacção latina: sua repercussão entre nós. O continente americano como centro de estudos da raça. — **II.** Os estudos da raça no Brasil: o seu interesse ha 40 annos e a razão do desinteresse actual das nossas elites intellectuaes. — **III.** Conceito das “raças nacionaes” e das “raças historicas”: como concorreu para obscurecer o problema da psychologia da raça. — **IV.** Definição da psychologia da raça. O que se entende hoje por psychologia da raça.



I

DENTRE os factores que mais têm concorrido para obscurecer o valor incomparavel das nacionalidades americanas para os estudos da raça, especialmente para os estudos da biologia ethnica, está a acção exercida por aquelles publicistas e scientists europeus que reagiram contra os theorizadores da superioridade das raças germanicas. Os pregoeiros do “pan-germanismo”, do “nordecismo”, do “anglo-saxonismo” haviam creado, com a sua doutrina, um systema de idéas extremamente chocantes do orgulho nacional de varios povos civilizados (1).

Este facto deu motivo a uma reacção que se caracterizou, como era de esperar, pela sustentação da these opposta: da *egualdade de todas as raças* (2). No

(1) HANKINS — *The racial basis of civilization*, 1926, caps. II, III, IV, V e VII.

(2) PAPILLAULT — *Consequences psyco-sociales de la grande guerre au point de vue eugénique* (in “Eugénique et sélection”, 1922, pag. 135).

esforço pela demonstração da these egualitarista, estes doutrinadores reaccionarios se preoccuparam em accentuar a nenhuma importancia dos estudos da raça. Como todas as raças eram eguaes, que valeria estarmos a perder tempo com as pesquisas sobre biologia differencial das raças? sobre psychologia differencial das raças? sobre a questão da mestiçagem das raças? sobre o problema das raças aptas á civilização e das raças por ventura inaptas á civilização?

Estas preoccupações egualitaristas e a massa de dados aparentemente corroborativos das suas allegações dogmaticas, reforçadas pelas incertezas, contradicções e exaggeros dos theoristas da superioridade, lançaram uma confusão indescriptivel sobre a comprehensão dos problemas raciaes. Tamaña foi a obscuridade que em torno delles se fez, que ainda hoje ninguem consegue ver com clareza nenhum dos problemas a elles relativos. Constituiu-se como que um estado de scepticismo generalizado, sob a acção do qual os factos de differenciação racial mais patentes são postos em duvida, formando-se em torno delles um ambiente de displiencia e desinteresse.

Ora, a verdade é que este scepticismo, estas duvidas, essas incertezas só são plenamente justificaveis entre os povos europeus. Comprehende-se, realmente, que seja impossivel a esses povos discernirem o papel que cada uma das suas raças formadoras desempenhou na elaboração da sua civilização e na evolução da sua historia. Tão remota é a época em que estas raças

começaram a se caldear alli, que é realmente um problema insolúvel a discriminação da função exercida por cada uma dellas nos destinos desses diversos povos. Desde o neolithico, talvez mesmo desde o paleolithico superior ou desde o mezopaleolithico, os pesquisadores da Prehistoria encontram signaes, documentos, provas, em summa, de que essas diversas raças, que actualmente a analyse ethnica reconhece como sendo a origem dos elementos formadores das nacionalidades europeas, já viviam dentro do mesmo habitat, já se cruzavam, já cooperavam na obra da formação das culturas e na evolução historica de cada grupo. E este periodo longinquo deve remotar, no minimo, a trinta mil annos!

E' natural, pois, que os modernos investigadores europeus, quando procuram determinar o papel que cada uma dessas raças, a Nordica, a Celtica, a Iberica, etc., tem exercido na historia geral da civilização e na dos seus grupos nacionaes, sintam-se realmente embaraçados. E' realmente difficil para elles chegarem a uma determinação exacta e justa da contribuição trazida por cada uma dellas. São logicos, portanto, no seu scepticismo.

Ora, a nossa situação não é de modo algum comparavel á destes povos: nossa formação foi feita de modo inteiramente differente. O encontro das diversas raças humanas, vindas da Europa e da Africa, em terras americanas tem, no maximo, um horizonte de 400 annos. Os phenomenos resultantes dos contactos ethnicos, não só no ponto de vista das culturas, como no ponto de

vista dos cruzamentos, apresentam uma evidencia, uma visibilidade, uma clareza que fere o olhar dos mais inexperientes observadores.

Deixamos de lado os factos resultantes dos contactos de culturas, das accomodações, interfusões, assimilações e absorpções de culturas. Consideremos apenas os problemas relativos aos factos puramente biologicos e anthropologicos. E' facil comprehender que nada menos razoavel existe do que adoptarmos a attitude de indiferença e displicencia assumida pelos publicistas, ethnologos e sociologos que, *na Europa*, reagiram contra a doutrina da superioridade germanica.

O nosso problema ethnico começa por não concernir apenas ás raças europeas; no mundo americano, outros elementos entraram como factores de formação e elaboração dos grupos humanos. No meio da confusão de tantos typos, trazidos pelas correntes emigratorias, sahidas dos centros aryanos, outros typos, inteiramente distinctos pela cultura e pela morphologia, tambem appareceram, tambem trouxeram a sua parcella para formação das novas nacionalidades. E' o negro com as suas varias modalidades de cultura e de typo. E' o indio tambem com as suas differenciações de cultura e a sua diversidade de typos, distinguindo-se em grupos retardarios e em grupos de organização superior: desde o azteca e do inca, senhores de uma alta civilização, até ao tapuya neolithico, puro caçador nomade, ainda numa phase rudimentar de civilização.

Não é possível, pois, sustentar nestes lados do Atlantico, onde as desigualdades ethnicas se revestem de um relevo tão nitido, que os problemas de differenciação das raças sejam problemas sem interesse. O facto de terem affluido para aqui ethnias vindas de todos os continentes torna a America, ao contrario, o centro por excellencia dos estudos da Raça, quer no ponto de vista da anthropologia physica, quer no ponto de vista da anthropologia social.

Especialmente nos seus aspectos biologicos. Os phenomenos da Raça mostram-se aqui em estado de elaboração continua: nós os temos, por assim dizer, sob as nossas vistas, visiveis a olhos nús — e tudo é como se estivessemos observando numa retorta as phases de uma reacção chimica. Os phenomenos de hybridação podem aqui ser estudados com uma amplitude e uma precisão impossiveis no mundo europeu — porque só aqui se dá a mestiçagem de raças extremamente distinctas, o que nos permite observar os phenomenos heredologicos, oriundos desses cruzamentos, em condições optimas de visibilidade. E' um privilegio todo nosso, de que não podem gosar os observadores dos mesmos phenomenos, quando operados unicamente nos centros de origem dos grupos brancos.

Os povos americanos são, pois, tão preciosos para os estudos de biologia da raça quanto os climas tropicaes o são para as pesquisas sobre a febre amarella e a malaria. Os germens pathogenicos, que produzem o impaludismo ou o typho ichtheroide, podem ser observa-

dos nos tubos e caldos de cultura dos laboratorios, na França, na Inglaterra, na Allemanha; mas só nos tropicos, só debaixo dos seus climas ardentes, é que o seu estudo pode ser feito de maneira fecunda. O mesmo acontece com a biologia e a psychologia das raças: uma e outra podem ser estudadas em centros puramente arianos, em populações puramente arianas; mas só na America, só entre as suas populações heterogeneas, onde se caldeiam os typos anthropologicos mais differentes, onde as raças mais primitivas se misturam com as raças arianas; só ahi é que ellas podem ser estudadas em condições aptimas de efficiencia investigadora.

II

Prova de que, para esse desinteresse que se nota presentemente aqui pelos estudos raciaes, collaborou, senão influiu exclusivamente, a corrente antigermanista, creada pela suggestão dos orgulhos nacionaes feridos, está em que o abandono dos estudos das differenciações raciaes entre nós coincide exactamente com a época do advento, na Europa, das idéas egualitaristas.

Ha cerca de 40 annos, pelo menos até 1890, os nossos meios intellectuaes, os nossos centros de cultura, os grandes nomes mais representativos das sciencias sociaes, como das sciencias naturaes, estavam, com effeito, deixando-se impressionar pelas provas innegaveis das differenciações raciaes em nosso paiz. Para não falar

dos sociologos e historiadores, como SYLVIO ROMERO e JOSÉ VERISSIMO, basta recordar o que se passava nos centros de cultura, onde se moviam os especialistas na sciencia do Homem: naturalistas como BAPTISTA CAETANO e BAPTISTA LACERDA, ou medicos como MOURA BRASIL, ERICO COELHO, JANSEN FERREIRA e, principalmente, NINA RODRIGUES.

Este grupo de espiritos, na sua maior parte medicos, estavam então vivamente empenhados em estabelecer a discriminação, sob criterios rigorosamente scientificos, dos caracteres differenciaes das tres raças formadoras da nossa nacionalidade: a negra, a americana, a caucasica. Elles já haviam observado que essas raças, esses "typos anthropologicos" como diriamos hoje, não reagiam de uma maneira identica aos diversos estimulos vindos do meio social ou do meio cosmico: cada qual parecia ter uma individualidade propria, uma maneira peculiar, uma forma especifica de reacção.

E' assim que MOURA BRASIL já havia notado, na sua vasta clinica ophtalmologica, certa tendencia preferencial do typo negro para o glaucoma; havia mesmo começado a observar uma certa variação no campo visual entre as tres raças formadoras. JANSEN FERREIRA, por sua vez, já discriminara certas particularidades da raça negra, observadas no dominio da sua clinica gynecologica. ERICO COELHO, notavel professor da Faculdade de Medicina, havia encontrado tambem correlações differenciaes entre o puerperismo e as tres raças

fundamentaes (3). Os trabalhos de NINA RODRIGUES chegaram mesmo a fixar certas idiosyncrasias de ordem pathologica e de ordem psychologica, proprias aos nossos typos mestiços, especialmente aos typos componentes do grupo afro-aryano. Ninguem, como NINA RODRIGUES, até hoje traçou, com methodo tanto quanto possivel scientifico, os caracteristicos, não só physiologicos, como principalmente psychopathologicos que differenciam os nossos mulatos dos typos fundamentaes que lhes dão origem (4).

Pois bem. Estas preocupações de differenciação racial estavam crescentemente empolgando os nossos meios de cultura medica e attrahindo as attentões dos nossos clinicos até os fins do II Imperio; mas, por motivos que não foram claramente expressos ou, pelo menos, expressamente confessados, este esplendido movimento de interesse scientifico e de pesquisas como que bruscamente cessou. Todos esses espiritos investigadores evitaram dahi por diante tocar na questão das

(3) v. NINA RODRIGUES — *Os mestiços brasileiros* (in “*Brasil Medico*”, Rio, 1890, pags. 51-9, 67, 77). Diz elle, falando dos medicos do seu tempo: — “A idéa de uma reacção differente para os diversos typos anthropologicos de que se compõe a população deste paiz tinha já fundadas razões na consciencia do nosso publico profissional”. Vide ainda: Nina Rodrigues — *Os africanos no Brasil*, 1933.

(4) v. NINA RODRIGUES — *Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, Bahia, 1894.

differentiações raciaes. Pelo menos, desinteressaram-se della.

Ora, não é preciso grande esforço de penetração para comprehendermos que, para esta brusca parada, para esta cessação tão subita do interesse pelas pesquisas da raça, a causa determinante foi, sem duvida, a influencia exercida sobre o espirito dos nossos homens da sciencia pelas theorias tendenciosas, construidas para contrabater a theoria da superioridade racial dos povos germanicos, desenvolvida principalmente pelos pensadores e anthropologistas allemães. Basta confrontar a data em que essas theorias equalitaristas surgiram nos centros latinos e slavos e a época em que cessou entre nós o interesse pelos problemas da pathologia e da psychologia differencial das raças, para nos convencermos de que essa nossa attitude de indiferença, de abandono, de desinteresse foi apenas um movimento reflexo, um movimento de imitação, daquella attitude reaccionaria das grandes figuras representativas da cultura latina e slava. Não viamos que essa attitude era, aliás, tão tendenciosa e excessiva quanto era excessiva e tendenciosa a attitude dos theoristas allemães do pan-germanismo...

III

Não é esta a causa unica que tem contribuido para crear em torno da psychologia differencial das raças esse ambiente de equívocos, que tanto está difficultando,

ainda hoje, o estudo desse problema delicado, por certo o mais delicado e importante problema da anthropologia social. Ha ainda uma outra causa, tão poderosa como a primeira — e é a confusão trazida á comprehensão da psychologia das raças pela noção das “raças nacionaes” e das “raças historicas”.

Na verdade, o que se tem feito até agora com o nome de psychologia differencial de “raças” não tem sido outra cousa senão má ou boa psychologia differencia de “povos”, ou mais propriamente, de “ethnias”.

Diziamos, por exemplo, que a psychologia da *raça* franceza era tal; mas, quando assim nos expressavamos, o que realmente queriamos dizer era que a psychologia da *ethnia* franceza era tal. O mesmo se dava quando tentavamos definir a psychologia da “raça ingleza”, da “raça allemã”, da “raça italiana” — e assim por diante. Em todas essas “psychologias” o que faziamos, realmente, era a caracterização dos attributos differenciaes da mentalidade *collectiva* de cada um desses grupos racionaes: o *povo* francez, o *povo* inglez, o *povo* allemão, o *povo* italiano, etc.

Houve, entretanto, para esta confusão inicial uma razão justificativa. Na época em que dominou o conceito das “raças historicas” e das “raças nacionaes”, os methodos de analyse anthropologica differencial não haviam ainda attingido a exactidão que attingiram na actualidade, nem as pesquisas anthropometricas se haviam realizado com a extensão e a systematização da época actual. Os allemães pensavam então que eram

formados de uma raça unica; que todos elles pertenciam, apesar das suas variações individuaes, a um mesmo typo anthropologico, isto é, á mesma "raça" germanica dolico-loura (*H. europeus*). Tambem os francezes julgavam que elles, apesar da diversidade dos seus typos individuaes, eram derivados de um typo commum, morphologicamente caracterizado: a raça celta (*H. alpinus*), distincto do typo que formava a base das outras nações vizinhas.

Esta presumpção de homogeneidade fazia com que a expressão "raça" pudesse ser empregada indifferentemente para exprimir: ou o proprio *grupo nacional*, ou o *typo anthropologico* presumidamente constitutivo do grupo. Eis por que, traçando a psychologia do *povo* inglez, do *povo* francez, do *povo* allemão, os antigos psychologistas da raça pensavam ter traçado a psychologia do typo ethnico respectivo: da *raça* ingleza, da *raça* franceza, da *raça* allemã.

Ora, este grande equivoco, nascido do falso conceito de homogeneidade ethnica dos diversos grupos nacionaes ou historicos, desappareceu em face dos resultados da analyse anthropometrica, a que os investigadores modernos submetteram esses diversos povos. Viu-se então que não havia propriamente uma "raça allemã", uma "raça franceza", uma "raça ingleza", uma "raça italiana", etc., no sentido de um typo unico, morphologicamente caracterizado, constituindo, *como elemento exclusivo*, o povo inglez, o povo allemão, o povo francez, o povo italiano. O que as pesquisas de anthropologia

verificaram foi que cada um destes grupos nacionaes, cada uma dessas ethnias era composta de varias raças, isto é, de varios typos anthropologicos, caracterizados por attributos differenciaes, descriptiva e anthropometricamente determinados.

O povo francez, por exemplo. Ficou demonstrado ser elle composto de tres ou quatro raças, no minimo — o que levou TOPINARD a dizer espirituosamente: “Em França, ha francezes, mas não ha raça franceza”. Reconheceu-se, realmente, que a nação franceza era formada de elementos de raça nordica, de elementos de raça celta, de elementos de raça iberica e de outros elementos secundarios, alguns mesmo remanescentes atavicos de antigas populações neolithicas.

Por sua vez, os allemães tiveram, ao procurar determinar o typo anthropologico de sua nação, a surpresa, para elles desagradavel, de verificar o que os francezes já haviam verificado: que a sua nação não era composta de uma raça unica — o grande dolico-louro, filho das brumas balticas; mas, de varias raças, isto é, de varios typos anthropologicos; o nordico, o celta, o slavonico e outros menos importantes (5). O mesmo aconteceu com o povo inglez, com o povo italiano, com todos os outros povos europeus.

Todas aquellas “psycologias” de raças, formuladas na época em que a analyse ethnica não havia revelado ainda essa complexidade de composição anthropologica

(5) HANKINS — *obr. cit.*, cap. III.

das varias ethnias européas, deixaram, pois, de ter sentido como *psychologia de raça*, considerando esta no sentido biologico. Não merecem, entretanto, que as ponhamos á margem: podemos consideral-as como formulas mais ou menos felizes de expressão de *psychologias de povos* ou de ethnias. Neste ponto, podem ser acceitas, como sendo relativamente exactas, a *psychologia da "raça" germanica* e da "*raça*" celta, feita por LAPOUGE, da "*raça*" dinarica, feita por GUNTHER (6). Todas essas suppostas *psychologias de raças* não passam, no fundo, de *psychologias de collectividades*, de grupos nacionaes — de ethnias, á maneira da *psychologia dos povos europeus*, de FOULLÉE, ou da *psychologia geral das raças*, de LE BON (7).

IV

Comprehende-se agora a série de equivoccos, confusões, malentendidos e contradicções que naturalmente surgiram dessas idéas tão erroneas sobre a composição ethnica das nacionalidades européas e sobre a *psychologia das suas raças formadoras*.

(6) LAPOUGE — *Les sélections sociales*, 1896, paga. 13-7; GUNTHER — *The racial elements of European History* (trad.) New York, s/d., pag. 58.

(7) FOULLÉE — *Esquisse psychologique des peuples européens*, Paris, s/d.; LE BON — *Les lois psychologiques de l'évolution des peuples*, Paris, 1905,

Em primeiro lugar, os negadores e oppositores da psychologia das raças accentuaram o desmentido que os factos traziam ás affirmações da psychologia differencial das raças, quando estas "raças" eram consideradas nas diversas phases da sua evolução historica. O povo inglez, por exemplo — diziam elles — na época em que era ainda um povo de agricultores e de pastores exhibia uma psychologia muito differente daquella que exhibia na época em que se transformou num povo de industriaes, commerciantes e navegadores. Onde então a psychologia da "raça" ingleza?

Outras vezes o ataque incidia sobre os psycho-racistas que attribuiam certos caracteristicos psycholicos ou sociaes como *especificos* de uma determinada raça, da raça germanica, por exemplo: genio inventivo, genio guerreiro, instincto de independencia, individualismo, fidelidade, migrabilidade, etc. Os oppugnadores acabavam descobrindo que estes caracteristicos, ou nem sempre haviam existido na historia da "raça", ou então não eram privativos desta "raça". Tanto que tambem eram encontrados em outras "raças". E a psychologia da "raça" desmoronava. Era o argumento de HERTZ, de COLAJANNI, de KIDD (8).

Outras vezes ainda se lançava mão de um grande argumento, aparentemente decisivo — e era que os

(8) HERTZ — *Race and civilisation*, 1928, cap. XIII; COLAJANNI — *Latins et anglo-saxons*, 1905; KIDD — *La science de puissance*, 1919, pag. 309.

povos germanicos, por exemplo, modernamente considerados os mais altos vanguardeiros da civilização, já haviam sido, entretanto, ha pouco mais de dois mil annos, puros barbaros, vivendo dentro da espessura das florestas, enquanto resplandecia na orla do Mediterraneo a civilização greco-romana, formada por povos que eram, entretanto, considerados inferiores pelos pregoeiros da superioridade germanica. Era, e é ainda, este o argumento predilecto dos publicistas, literatos, historiadores e amadores de todo genero.

Consequencia, como é facil de ver, dessa nefasta confusão feita entre “*psychologia de ethnia*” e “*psyco-*este o argumento predilecto dos publicistas, dos literatos, dos historiadores, dos amadores de todo genero.

a) a *psychologia das ethnias* — sciencia social, ramo da *psychologia collectiva*, estudando o que chamamos a “*alma dos povos*”, producto complexo, para cuja formação contribuem todas as forças elaboradoras da civilização e da evolução historica dos povos: o meio *physiographico*, o clima, os agentes economicos, os choques de culturas, as migrações, as luctas de classes, mil outros factores, inclusive a “*raça*”, no sentido zoológico ou *morphologico*.

b) a *psychologia das raças* — sciencia natural, sciencia puramente *anthropologica*, para a qual a *raça* é um facto biologico e *psychologia da raça* uma pura questão de *psyco-physiologia humana*, nada tendo que ver, pelo menos immediatamente, com a *psychologia dos grupos sociaes* (nacionalidade, povos, *ethnias*).

Quando se fala, pois, da "psychologia" da raça A, o que se quer hoje significar com esta expressão é o conjunto de qualidades que caracterizam a psychophysiologia de um certo typo morphologico (raça A) em confronto com outros typos morphologicos (raças B, C, D, E, etc.). Problemas, portanto, de biologia humana, de physiologia dos temperamentos, isto é, de determinação da base physica do character, da sensibilidade e da intelligencia. O objectivo desta nova sciencia são as *correlações* possivelmente existentes entre este ou aquelle typo morphologico (raça) e este ou aquelle typo de temperamento e de intelligencia. E' sobre estas bases, dentro destas limitações, que a sciencia moderna colloca o problema da psychologia differencial das raças.

Poderíamos, para evitar confusões, chamar *psychologia ethnica* a esta psychologia da raça considerada como typo zoologico, da raça encarada biologicamente, reservando a expressão *psychologia nacional* para a antiga psychologia dos grupos nacionaes, isto é, para aquillo que os antigos psycoracistas, GOBINEAU, WOLTMANN, LAPOUGE, AMMON, julgavam erradamente ser *psychologia de raça* (9).

Com esta distincção, dissiparemos, sem duvida, confusões lamentaveis, que têm sido a causa geradora de uma infinidade de questões irritantes. *Psychologia nacional* estamos fazendo desde HERODOTO; *psychologia*

(9) v. HERTZ — *obr. cit.*, cap. VIII.

ethnica, esta só presentemente, com os methodos da biometria, da psychometria e da bio-typologia, é que estamos começando a fazer.

Esclarece-se agora o equívoco dos que arguam contra a psychologia das raças, allegando, por exemplo, que a “raça ingleza” do tempo dos Plantagenets não tinha a mesma mentalidade que a da era elizabethiana e victoriana. Realmente, da época dos Plantagenets á era victoriana muita cousa variou na Inglaterra; mas, o que variou não foi a psychologia da “raça” ingleza; esta não existe, sendo o povo inglez, como sabemos, composta de varias raças. O que variou foi a mentalidade *collectiva* da nação ingleza: na época normanda, esta mentalidade era a de uma nação agricola e pastoril, vivendo isolada dentro do seu mundo insular; já na época victoriana, esta mentalidade era de uma nação industrial, commercial, navegadora, colonizadora, dotada de espirito aggressivo e bellicoso (10). O Nordico (*H. europeus*) — que é dentre os typos anthropologicos formadores do povo inglez, o typo principal e mais numeroso — este, porém, não variou em nada; a sua psycho-physiologia, que é uma consequencia do seu “typo constitucional”, como veremos, é, hoje, a mesma da época victoriana, da época normanda, da época dos anglos e pictos, da época paleolithica,

(10) v. SEELEY — *The expansion of England*, cap. II; BARDOUX (J.) *Psychologie de l'Angleterre contemporaine*, 1905 caps. I, II e III.

quando por alli deviam ter apparecido as primeiras hordas nordicas.

O mesmo podemos dizer da nação franceza. Ella poderá ter variado, como variou, na sua mentalidade collectiva, isto é, na sua psychologia *nacional*; mas, o elemento celta (*H. alpinus*), que lhe constitue a base da estructura racial, este, certamente deve ter hoje a mesma psycho-physiologia que o seu typo morphologico lhe impoz desde que elle fez a sua apparição na face do globo, como uma das muitas variedades da especie humana.

CAPITULO II

Bio-typologia e psychologia ethnica

(Esboço de uma theoria da raça)

SUMMARIO: — I. O problema da psychologia differencial das raças em face da bio-typologia: a theoria dos "typos constitucionaes" e a psychologia ethnica. Niceforo e o seu plano de pesquisas. — II. Theoria dos typos constitucionaes: Kretschmer e a sua escola. Correlações entre os "typos morphologicos" e os "typos de temperamento". — III. O negro e o seu temperamento. O indio e o seu temperamento. Psychometria dos mestiços: conclusões de Pascal e Sullivan. Psychometria dos typos aryanos: as conclusões de Yerke. — IV. Relatividade do conceito da raça e da psychologia da raça. — V. O papel da raça nos grupos: como se mostra á sua importancia.



OU muito nos enganamos, ou o advento dos estudos da bio-typologia humana, á maneira da escola de SIGAUD, PENDE, VIOLA, MAC-AULIFFE, KRETSCHMER, recollocou o problema da psychologia differencial das raças sobre novas bases — sobre bases rigorosamente scientificas. Diante das revelações trazidas pelos theoristas dos “typos constitucionaes” — endocrinologistas, bio-typologistas, etc. — não ha mais razão para que se ponha em duvida a possibilidade de uma correlação entre os typos somatologicos chamados “raças” e os typos de intelligencia e de temperamento descriptos pelos psycho-physiologistas, psycho-metristas, nosologistas em geral.

Os bio-typologistas concluem, por exemplo, que o temperamento que elles chamam *ciclothimico* corresponde, em geral, a um individuo de typo physico entroncado e brevilíneo, e o typo de temperamento, a que chamam *schizothimico*, corresponde, em geral, a um typo de individuo magro, alto, longuíneo. Ora, sendo assim, por que é que os typos morphologicos repre-

sentativos das diversas raças não darão também, com mais ou menos frequencia, este ou aquelle typo de temperamento, este ou aquelle typo de constituição psychica?

Os estudos da bio-typologia contemporanea estão, realmente, demonstrando que ha uma connexão muito intima entre os aspectos morphologicos do individuo e as peculiaridades da sua physiologia, da sua pathologia e da sua psychologia (temperamento, intelligencia). E' tão intima esta connexão que DRAPER, depois de mostrar que a personalidade do individuo se desdobra em quatro "painéis", como elle chama (o painel anatomico; o painel physiologico; o painel pathologico; o painel psicologico), conclue que ha entre estes painéis uma relação de interdependencia tal que, conhecido um painel, se podem, quasi com inteira segurança, determinar, por inducção, os outros painéis correlativos. Conhecido, por exemplo, o painel anatomico, isto é, o typo physico ou anthropologico de um individuo, podem-se inferir, *dentro de um coefficiente de probabilidades muito alto*, quaes as suas predisposições pathologicas, quaes as modalidades provaveis do seu temperamento e da sua intelligencia (1).

(1) DRAPER — *Human Constitution*, 1924, pag. 25. Cfr. DAVENPORT — *Body-build and its inheritance*, 1925, pags. 152-3. E também: MENDES CORREIA — *Introducção á Anthropobiologia*, 1933; BERNARDINELLI (W.) — *Noções de Bio-typologia*, 1933; BERNARDINELLI e MENDONÇA — *Bio-typologia Criminal*, 1933.

Estas conclusões da biologia contemporanea nos obrigam a fazer a revisão das nossas velhas idéas e de certos preconceitos relativos aos problemas da biologia differencial das raças, isto é, da sua physiologia differencial, da sua pathologia differencial, da sua psychologia differencial. Portanto: da sua sociologia differencial.

Os typos ethnicos não são typos morphologicos distinctos? sim, são. O typo do nordico não é distincto do typo do Celta? sim, é. Este não é differente do typo do Nordico e do Iberico? sim, é differente. Por outro lado, estes typos arianos não differem dos typos negros e dos typos amerindios? Differem, sem duvida. Logo, se, para empregar a expressão de DRAPER, cada uma dessas raças apresenta um "painel anatomico" distincto do das outras, por que não um "painel psycho-physiologico" tambem distincto? Em face das revelações da sciencia contemporanea, por que continuar a contestar que haja differença no ponto de vista da mentalidade e do character entre o Negro e o Indio, entre esses dois typos e os typos brancos e, no grupo desses brancos, entre o Celta e o Germanico, entre estes e o Iberico e o Dinarico, se estamos de accôrdo em acceitar o facto de que todas essas raças differem anatomicamente entre si, cada uma dellas representando um typo somatologico distincto?

Certos anthropologistas já começam a notar, aliás, a preponderancia deste ou daquelle typo nesta ou naquella raça; alguns mesmos, como PAULSEN, já conce-

bem a raça como uma “constellação endocrinica hereditaria”:

— “Dahi se segue — diz NICEFORO, num estudo recente, traçando novos methodos de pesquisas sobre a psychologia das raças — dahi se segue que certos temperamentos psicologicos, ou melhor, certos temperamentos endocrinicos se apresentam com maior frequencia numa raça determinada. Crê-se mesmo poder reconhecer, por exemplo, maior frequencia de temperamentos schizoides entre os individuos de raça Nordica, como querem HENCKEL, ROHDEN, VERSCHNER. Já o temperamento ciclothimico parece predominante entre os individuos de typo celta” (2).

E’ ainda debaixo desta corrente de idéas que certos morphologistas e anthropologistas, partindo da classificação dos typos fundamentaes de KRETSCHMER (longuilíneos ou asthenicos; musculares ou athleticos; brevilinearíneos ou piknicos) acharam que esses typos correspondiam a tres das grandes raças aryanas: o “typo asthenico” — á raça Nordica; o “typo piknico” — á raça Celta; o “typo athletico” — á raça Dinarica (3).

Como se vê, nos proprios centros europeus, onde ainda dominam as idéas egualitaristas, já se começa a

(2) NICEFORO — *Quelle est la meilleure méthode à suivre pour faire une psychologie des “races”?* (“Revue Anthropologique”, 1930, pag. 40).

(3) NICEFORO — *obr. cit.*, pag. 40. Sobre os typos constitucionaes do povo portuguez, v. MENDES CORREIA — *Introducção á anthropologie*, 1933. Cf.: — Martial (R.) — *Race, hérédité, Folie*, 1938.

romper com o preconceito de que as raças, embora differam entre si no ponto de vista da sua anatomia, não differem entre si no ponto de vista da sua psychologia. Psychologicamente, todas *devem* ser eguaes; anatomicamente é que são differentes...

Esta attitude de credulidade na indiscriminação psychologica dos diversos "typos" arianos está sendo considerada crescentemente como absurda em face dos dados que os pesquisadores e experimentadores modernos estão trazendo das suas investigações no dominio da physio-psychologia dos "typos constitucionaes". NICEFORO, por exemplo, procurando assentar sobre bases rigorosamente scientificas (isto é, biologicas) o problema da psychologia differencial das raças, collocou-se, por isso, precisamente no ponto de vista da bio-typologia, isto é, da escola de PENDE e KRETSCHMER. Esboçando um plano de pesquisas sobre psychologia differencial das raças, elle suggere a criação de comités locais de technicos em anthropologia, psychologia e bio-typologia com o objectivo de observar as populações locais para o fim de levantar uma estatistica da frequencia dos differentes "typos de constituição" em cada uma das raças formadoras da população (4).

Os observadores, em cada centro local de pesquisas, seleccionariam os representantes mais aproximados de cada typo ethnico (Nordico, Celta, Dinarico, Iberico, Negro, Amerindio, etc.). Determinariam, em seguida,

(4) NICEFORO — *obr. cit.*, pag. 41.

para cada um delles o typo constitucional mais frequente, a sua formula endocrinica. Concomitantemente, com estes grupos de typos aparentemente puros, formar-se-iam outros grupos, de typos mestiços, oriundos das varias combinações dessas diversas raças; e, em relação a esses typos mestiços, seria determinado tambem, para cada um delles, o seu typo constitucional, a sua fórmula bio-typologica.

Por outro lado, especialistas em psychologia, em psychiatria e endocrinologia deveriam realizar pesquisas tendentes a discernir e isolar, de uma maneira objectiva e scientifica, as correlações provaveis entre a formula constitucional desses individuos ou desses grupos (puros ou mestiços) e os typos psicologicos mais frequentes. Somente depois de todo este trabalho — conclue NICEFORO — sómente depois que estas duas ordens de pesquisas tivessem chegado a conclusões definitivas, expressas em formulas quantitativas e qualitativas, em porcentagens, em coefficients de correlação, etc.; sómente depois de tudo isto é que se poderiam estabelecer, sobre bases verdadeiramente scientificas, conclusões de ordem geral sobre a psychologia differencial das raças:

— “E’ preciso não esquecer — acrescenta ainda NICEFORO — que, em todas estas pesquisas, será necessario empregar methodos estatisticos, finos, delicados, que não são certamente os methodos de que se tem servido até agora nas pesquisas do genero daquelles que

acabamos de falar. Uma boa parte do material numerico, que se tem colhido até agora sobre estes pontos, é, com effeito, sem possibilidade de utilização para um verdadeiro estatista e isto em virtude da falta de methods na exposição e na elaboração dos dados. Em outros termos, trata-se de uma destas pesquisas biologicas, psicologicas e sociaes, em que a anthropologia, a psychologia, a psychiatria e a endocrinologia collaboram estreitamente, uma dessas pesquisas, da qual o professor PAPILLAULT traçou as linhas methodologicas numa das suas memorias publicadas na "Revue Anthropologique".

Este é tambem o pensamento de VAN LOON — o anthropologista hollandez, a que devemos algumas contribuições valiosas sobre este ponto (5).

II

Nas suas investigações sobre as correlações existentes entre os tres typos morphologicos — o piknico, o asthenico, o athletico da sua classificação — e os dois typos psicologicos, o ciclothimico e o schizothimico, KRETSCHMER, por exemplo, encontrou a seguinte dis-

(5) VAN LOON — *Organisation de l'étude comparative de la psychologie des races* (Compte-rendu de la III session de l'Institute International d'Anthropologie, 1927, pag. 87); — *Psychological experiments with malay students* (idem, pag. 612).

tribuição, aliás, muito semelhante á encontrada por KIBLER, VON DER HOLST, MUNTZ e outros (6) :

TYPOS	CICLOIDES	SCHIZOIDES
Asthenicos	5 %	95 %
Athleticos	9 %	91 %
Piknicos	96 %	4 %

Como se vê, os typos morphologicos do athletico, do piknico e do asthenico não têm, cada um delles, uma psychologia privativa, *sua*, exclusiva; nenhum destes typos é correlativo a um typo psychologico particular e proprio, que só a elle seja attributivo; não. Cada um delles gera os dois typos psychologicos, o ciclothimico e o schizothimico; mas, como se vê das percentualidades exhibidas, o typo morphologico do asthenico é extraordinariamente frequente em temperamentos schizoides: dos asthenicos 95% pertencem a este typo psychologico; apenas 5% ao typo ciclothimico. Os piknicos têm uma physio-psychologia inteiramente diversa: são menos fecundos em temperamentos schizoides, dando apenas uma proporção fraquissima delles: 4%; ao passo que é enorme a sua frequencia em typos ciclothimicos, produzindo-os numa proporção de 96%.

Essas differenças na proporção dos “typos psychologicos” correlacionados aos diversos “typos morphologicos” nós as encontraremos adoptando outra qualquer

(6) KRETSCHMER — *La structure du corps et le caractère*, 1930, pags. 44 e 209. Cfr. MAC-AULIFFE — *Les tempéraments*, 1926. KRETSCHMER — *Manuel de psychologie médicale*, 1927, cap. X.

das classificações de typos de temperamento ou de intelligencia: a de RIBOT, a de OSTWALD, a de PAULHAM, a de BINET, etc. (7). Mas, como quer que seja, com esta ou com aquella classificação, o que sempre acabaremos por verificar é que *nenhum typo de temperamento ou de intelligencia é privativo deste ou daquelle typo morphologico*. Ha, apenas, para cada typo morphologico maiores ou menores probabilidades de apparecer correlacionado a este ou áquelle typo de temperamento, a este ou áquelle typo de intelligencia.

III

Esta maior ou menor frequencia de certos typos de temperamento ou de intelligencia nós tambem a encontramos quando consideramos estas modalidades morphologicas chamadas *raças*. Ha-as mais fecundas neste ou naquelle typo de temperamento; ha-as mais fecundas neste ou naquelle typo de intelligencia. Entre os negros, como entre os indios, por exemplo, encontramos uma certa capacidade dos seus diversos typos anthropologicos para produzirem mais frequentemente este ou aquelle typo de temperamento, este ou aquelle typo de intelligencia. (7-bis)

(7) v. MENTRÉ — *Espéces et variétés d'intelligences*. 1920.

(7bis) E' o que se constata com os esquimáus e os finnezes: — "Os finnezes são uma raça mais energica e emprehendedora do que os lappões" (v. LUNDBORG — *The race biology of the swedish Laps*, Upsala, 1932, pag. 8).

Quem poderá negar que o AFER, nos seus varios typos, tenha uma predisposição particular para gerar temperamentos ciclothimicos? O negro é realmente, na generalidade dos casos, um cicloide caracteristico. Pelo que observamos em nosso povo, já o sabiamos disto; mas vale a pena recordar esse perfil psicologico que delle nos deixou FREDERICO MULLER (8).

— “O negro — diz MULLER — é, em todas as cousas, um sensitivo, em que a fantasia domina. O fundo do seu temperamento é uma serenidade expansiva. E’ a esta fantasia sem freio que elle deve o seu amor aos enfeites e a sua frivolidade, assim como seu gosto pelos espectaculos e pela dança. Elle esquece as suas preocupações como as suas penas e se reconcilia com a sua sorte triste. Vive, por assim dizer, *au jour le jour*; não se inquieta nem do futuro, nem do passado. Desta falta de energia resulta uma certa bondade de temperamento para os seus camaradas e para os seus hospedes: elle tem a mão e o coração abertos; partilha com elles a sua fortuna suppondo que farão o mesmo para com elle. Cheio de benevolencia para com os seus amigos, é cruel para os seus inimigos; mas, como acontece com todas as pessoas sanguineas, a sua colera, o seu rancor acabam com a morte da victimã. Elle não conhece essa especie de crueldade canibalesca com que costumam saciar as suas paixões outras raças, como a malaya e a amerindia. A vida do negro se passa em contrastes; os sentimentos

(8) v. HOVELOQUER — *Les races humaines*, 1882, pag. 38.

mais opostos acham lugar no seu coração. Da alegria mais intensa e mais insensata elle passa ao mais amargo dos desesperos; da esperança sem limite ao extremo terror; da prodigalidade inconsideravel á avareza sordida”.

Não é este o retrato do cyclothimico que dá KRETSCHMER? Sente-se que o typo morphologico do negro é frequentemente correlativo aos temperamentos expansivos, como o dos cicloides kretschmerianos.

O contrario se dá com o indio. O selvagem, em geral, é sombrio, reservado, recordando muito, na sua constituição affectiva, o "autista" de BLEULER. Observando-o nas suas attitudes e nos seus modos de vida, sente-se que, na generalidade dos casos, elle se comporta como schizoide typico. Eu não quero referir-me ao que nossos proprios testemunhos contemporaneos nos dizem; basta-nos apenas reproduzir esta pagina de RODRIGUES FERREIRA, o celebre naturalista, escripta ha quasi cento e cincoenta annos, em que elle deu do indio esta tão curiosa e exacta psychologia:

— “Para desgostar-se um destes qualquer cousa basta e sobeja: basta que o director o advirta que trate de fazer a sua casa onde mora; basta que o vigario o admoeste da obrigação que tem de aprender a doutrina para se baptizar; e basta, emfim, que, lá de si para si, chegue a desconfiar de uma acção ou de um dito que elle não entenda; ao que tudo accrece que, se chega a ver que adocece ou morre algum dos companheiros, desconfia então do logar da povoação, desconfia da qualidade do sustento, desconfia do remedio que lhes fazem

e dos que o fazem. Em termos semelhantes, está mostrando a experiencia que nem o tel-os mui mimosos e ainda mais guardados que bichos de seda, nem por isso mudam de conducta" (9).

Este retrato é, como se vê, de um puro schizoide, com todas as características que lhes attribuem KRETSCHMER e os da sua escola.

Não seria razoavel, pois, se diante de um grupo social, em que dominasse a raça amerindia, concluíssemos pela presença nelle de uma maioria de temperamentos schizoides, com todas as consequencias de ordem moral e intellectual dahi decorrentes? De um grupo onde o elemento preponderante fosse o negro seria porventura absurdo concluirmos pela presença neste grupo de uma maioria de individuos caracteristicamente ciclo-thimicos?

Esta correlação entre o typo morphologico e o typo psicologico revela-se entre os proprios mestiços. Bem sei que este dominio da psychologia dos mestiços ainda é um terreno mal explorado, em que as pesquisas ainda não permitem conclusões definitivas (10); mas já começam a definir-se algumas das linhas do seu perfil psicologico.

Recordo aqui as interessantes pesquisas psychometricas de PASCAL e SULLIVAN sobre os mestiços de indio

(9) RODRIGUES FERREIRA — *Viagem philosophica ao Rio Negro* ("Rev. Trimestral", vol. 48, pag. 57).

(10) MEAD (M.) — *The methodology of racial testings its significance for sociology* ("Amer. Journ. of Sociology", 1926, pag. 65).

e branco em Tuscon, no Mexico (11). Estes investigadores encontraram uma sensível correlação entre o typo psychologico e o typo morphologico dos mestiços, nas suas varias gradações de sangue. Os dados de SULLIVAN e PASCAL não se referem ao temperamento e sim ao typo de intelligencia; isto mostra, porém, que os bio-typologistas estão pisando em caminho certo quando affirmam que o typo constitucional não determina apenas o typo de temperamento, mas tambem o typo de intelligencia; não rege apenas a condição affectiva do individuo, mas tambem a sua condição intellectual.

Os dois pesquisadores americanos chegaram, com effeito, á conclusão de que ha uma directa correlação entre a quantidade de sangue indio e o quociente intellectual, o coefficiente de aproveitamento escolar e a condição social dos mexicanos em Tuscan. Dizem elles ainda que a igual conclusão chegaram HUNTER e GARTH sobre os mestiços de indio e branco. Isto é, quanto maior a somma de sangue indigena no individuo e, portanto, quanto mais o typo de individuo se aproxima do typo morphologico do indio, tanto mais estes individuos reproduzem, nas suas condições intellectuaes, as características intellectuaes do indio, e vice-versa.

(11) PASCAL AND SULLIVAN — *Racial influences in the mental and physical development of mexican children*, 1925. V. tambem uma pesquisa de SMITH realisada sobre indigenas e brancos numa escola americana no *Journal of Social Forces*, Março, 1935, pag. 418 ss.

Estas pesquisas no campo da *psychometria*, realizadas, por estes, como por outros investigadores, sobre a *psychologia differencial* do negro e do branco, é possível que offereçam até ao momento presente conclusões contradictorias (11-bis). Considerando-se, porém, toda essa massa de dados obtidos sobre quasi 32 mil individuos (12), entre negros, brancos e indios, é impossivel deixar de reconhecer que ha uma certa correlação (estabelecida, é claro, sobre bases de maior frequencia) entre esses typos *morphologicos* (*ethnicos*) e certos attributos *intellectuaes*.

E' esta tambem a conclusão a que têm chegado os que fizeram o estudo *psychometrico comparativo* entre os diversos typos *aryanos*, como é o caso dos *anthropometristas* americanos nas suas investigações sobre os recrutas (cerca de 112.000 individuos) do grade exercito americano da Grande Guerra. Estes technicos verificaram que os diversos typos *aryanos* não se apresentavam, em face de analyse *psychometrica*, em egualdade de condições: nem os *nordicos*, nem os *celtas*, nem os *mediterraneos* davam o mesmo *coefficiente* neste ou naquella *test* de intelligencia. Em certos *tests*, apresentavam-se mais favorecidos os typos *nordicos* do que

(11bis) E' preciso sempre ter em vista que a technica dos *tests* está ainda em evolução; ha ainda muito aperfeçoamento a introduzir-se nella para que dê tudo o que della se pode esperar.

(12) Cfr. SOROKIN. — *Contemporary sociological theories*, 1928, pags. 295-9.

os typos celtas; em outros, estes e o typos mediterraneos mais do que os nordicos (13).

Nessas pesquisas tão vastas, realizadas em escala tão gigantesca, é certo que houve, nos methodos empregados, muitas imperfeições (14); é certo que muitos outros factores concorreram, que não os puramente raciaes, para as diferenças encontradas entre as diversas ethnias (15); mas, não ha duvida que, pelo volume dos grupos dos anthropologicos sobre que se realizaram essas pesquisas, é impossivel pôr em duvida que haja qualquer traço substancial de verdade nas conclusões a que chegaram. Ha um conceito de RIPLEY que convem lembrar: é de que o Acaso não opera por atacado. Realmente: *não é possivel que se possa attribuir a condições meramente accidentaes este conjunto tão consideravel de correlações morpho-psycologicas reveladas por aquelles investigadores.*

IV

Para que nos identifiquemos com esta comprehensão scientifica da psychologia das raças é preciso, antes de

(13) DUTHIL -- *L'immigration aux E'tats-Unis et le déclin de l'intelligence américaine* ("La Grande Revue", 1925, pag. 130).

(14) V. PORTEUS AND BABCOCK — *Temperament and race*, 1926, cap. XIII; MEAD — *obr. cit.*, pag. 657 ss.; BOLDRINI — *Biometrica*, 1927, pags. 232-3 (nota).

(15) NEIFELD — *The race hypothesis* ("Amer. Journ. of Sociology", 1926, pag. 423); REINNARD — *The Negro: is he a biological inferior?* (Idem, 1927, pag. 256).

tudo, um certo senso de relatividade, cousa que nem sempre levamos para esse dominio. Em geral, temos desses phenomenos uma noção rigida, dogmatica, monotypica; não comprehendemos que as forças da vida organica, taes como as da vida superorganica, não se subordinam a formulas rigidas, a leis inflexiveis, a schemas invariaveis. Hoje, em sciencias naturaes como em sciencias sociaes, nenhuma lei é absoluta, nenhum principio é absoluto, nenhuma affirmacão é absoluta; tudo deve ser sempre comprehendido num sentido relativo. Dil-o magnificamente FRANK HANKINS:

— “No uso da expressão “raça”, a primeira difficuldade é a difficuldade em pensar em termos relativos e não em termos absolutos, em *probabilidades* e não em *certezas*. O homem commum pede á sua sciencia o que pede á sua religião e á sua philosophia moral: que lhe forneça verdades absolutas e eternas; mas o certo é que o mundo em que estamos é um mundo de variabilidade, de probabilidade, de transformação continua, de relatividade. Os typos ethnicos vivem num estado de fluctuação e as differenças entre os typos são relativas e não absolutas. Isto não significa que estas differenças sejam sem significacão; mas apenas que ellas devem ser consideradas como sendo o que realmente são, isto é, como variações de certos attributos fundamentaes, que pertencem a toda a humanidade” (16).

(16) HANKINS — *Introduction to the study of society*, 1929, pag. 96.

E' este sentimento de relatividade que deve presidir a nossa comprehensão dos problemas concernentes á psychologia differencial das raças. Esta deve ser encarada segundo o criterio dos "grupos de frequencia" e da distribuição dos caracteres nas grandes séries; em summa, segundo o criterio da "lei dos grandes numeros".

Em principio, nenhum attributo da psyche humana é privativo desta ou daquella raça, como queriam fazer acreditar os antigos psychologistas de raças. Esse attributo apenas deve-se revelar *mais frequentemente* neste ou naquelle typo anthropologico. E' justamente nesta maior ou menor frequencia na apparição deste ou daquelle attributo que vamos encontrar a caracterização psychica *differencial* de um typo anthropologico qualquer em face dos outros. Do Branco em face do Amarello. Do Branco em face do Negro. Do Celta em face do Nordico.

V

Comprehende-se agora por que uma nação não pode ser indifferente nem á *qualidade*, nem á *quantidade* dos elementos raciaes que entram na sua composição. Trazendo para a formação do plasma racial os seus "typos de constituição" mais frequentes, estes elementos raciaes determinam os typos de temperamento e de intelligencia que devem preponderar na massa social. Ora, para os destinos de uma qualquer sociedade ou grupo humano não é indifferente contar em seu seio uma quantidade maior ou menor de individuos de tem-

peramento "activo" ou de temperamento "fleugmatico", de naturezas "sensiveis" ou de naturezas "frias", de indoles ciclothimicas ou de indoles schizothimicas; como não será indifferente possuir uma quantidade maior ou menor de intelligencias "imaginosas" ou de intelligencias "positivas", de espiritos "calculistas" ou de espiritos "sonhadores", de mentalidades "praticas" ou de mentalidades "artisticas", de typos "subjectivos" ou de typos "objectivos", — de "tenders" ou de "toughs", de JAMES. Um povo, cujas matrizes ethnicas geram, digamos, 80% de individuos do temperamento "instavel", de RIBOT, não pode dar a mesma forma de civilização, nem ter o mesmo rythmo de progresso, nem revelar as mesmas expressões de cultura, nas artes, nas sciencias, na politica, nas actividades economicas, que um outro povo, cujas matrizes ethnicas produzem, em quantidade mais numerosa, temperamentos praticos activos ou resolutos.

Esta verdade prova-se por si mesma, prova-se com a nossa propria experiencia pessoal; basta considerarmos uma pequena sociedade, um grupo, uma associação, um club. Ninguem dirá que as actividades de um pequeno circulo de homens de sciencia, uma academia, ou um centro de estudos, em que preponderem intelligencias de typo concreto e positivo, sejam as mesmas de um outro, em que os typos intellectuaes preponderantes sejam intelligencias imaginosas e artisticas. — "Um pintor fornecerá uma obra de qualidade muito differente — diz CLAPARÈDE — conforme pertença ao

typo "introverso" ou ao typo "extroverso", ao typo "estatico" ou ao typo "dynamico"; mas, num e noutro caso, estamos diante de aptidões para a pintura" (17).

Duas raças — a Nordica e Celtica, por exemplo — podem exhibir uma fecundidade exactamente igual em temperamentos artisticos; mas basta que uma seja mais fecunda em temperamentos artisticos do typo introverso e outra mais fecunda em temperamentos artisticos de typo extroverso; que uma dê maior proporção de intelligencias do typo "classico" de OSWALD, e outra, maior proporção de intelligencias de typo "romantico" (18), para que as formas das suas manifestações culturaes, num e noutro grupo, apresentem um cunho proprio, exhibam um colorido especial, que torna estes dois grupos nitidamente diferenciados um do outro.

PORTEUS se compraz em imaginar os reflexos sociaes que se podem manifestar num grupo humano, quando nelle prepondera este ou aquelle typo de temperamento. Por exemplo, um grupo em que sejam mais numerosos os individuos de temperamento irresoluto, fraca capacidade de acção, instabilidade nas deliberações e attitudes. Neste grupo — conclue elle — a actividade economica se revelará pouco efficiente, a pobreza se generalizará, o numero dos indigentes não pode deixar de ser avultado. Elle suppõe outro grupo, em

(17) CLAPARÈDE — *Comment diagnostiquer les aptitudes chez les écoliers*, 1925, pag. 42.

(18) OSTWALD — *Les grands hommes*, 1920, cap. XI,

que os typos impulsivos e moralmente “descontrolados” sejam mais abundantes — e conclue que este grupo ha de apresentar forçosamente uma elevação maior no indice da sua criminalidade e na intensidade dos conflictos sociaes — o que se traduzirá, na vida administrativa do grupo, num maior numero de instituições penaes, prisões, penitenciarias, reformatórios, e numa maior actividade do organismo judiciario e policial (19).

Os modos de expressão da vida social, sejam moraes, sejam intellectuaes, de um dado grupo, como se vê, estão dependentes dos typos de temperamentos e dos typos de intelligencia nelle preponderantes. Estes typos de intelligencia e de temperamento estão, por sua vez, dependentes dos “typos de constituição”. Ora, como estes, por sua vez, estão dependentes dos “types ethnicos”, isto é, daquelles typos somatologicos a que chamamos “raças”, a conclusão é que a raça é, em ultima analyse, um factor determinante das actividades e dos destinos dos grupos humanos.

Imaginemos uma sociedade relativamente homogenea, onde domine fortemente um determinado typo ethnico. O encadeiamento causal, o sorites anthropo-sociologico deve ser este:

a) a “raça” (typo ethnico) determina a maior frequencia deste ou daquelle “typo de constituição”;

(19) PORTEUS AND BABCOCK — *obr. cit.*, capitulos IX, XVII e XVIII.

b) este "typo de constituição" determina a maior frequencia dos "typo de temperamentos" e dos "typos de intelligencia";

c) estes typos de intelligencia e de temperamento mais frequentes, portanto mais numerosos, vão condicionar as manifestações das actividades sociaes e culturaes do grupo.

Imaginemos, a titulo de exemplo, duas sociedades em nosso meio: uma, em que dominassem os mestiços do indio, e outra, em que dominassem os mestiços do negro; havendo para a formação destes mestiços, num e noutro grupo, um elemento commum, digamos: o branco peninsular. Dando que o branco seja mais fecundo no temperamento A, suppondo que o indio seja mais fecundo no temperamento B e o negro mais fecundo no temperamento C, é claro que os dois grupos em hypothese não poderão apresentar, no ponto de vista da sua psychologia collectiva, a mesma physionomia. No primeiro, dominarão os temperamentos resultantes da combinação $A \times B$ e, no segundo, os temperamentos resultantes da combinação $A \times C$. Nas actividades economicas destes dois grupos, na vida familiar, nas relações da politica, nas relações da arte, da sciencia, etc., em tudo se descobrirá sempre o traço dessa composição differencial.

Suppondo que C represente um temperamento schizoide e B um temperamento cicloide, pode-se imaginar como serão differentes os destinos de cada um

desses grupos. Quando mesmo estes destinos sejam eguaes em grandeza e em brilho, haverá sempre uma differença qualquer, embora imprecisa e subtil, a assignalar as manifestações culturaes de cada um delles: aquelle typo de temperamento preponderante dar-lhes-á uma tonalidade, um *colorido* especifico e original.

CAPITULO III

Os typos anthropologicos e os problemas da bio-sociologia

SUMMARIO: — I. O problema da classificação dos typos anthropologicos brasileiros. O typo “branco”: sua complexidade. Impossibilidade de considerá-lo um typo unico. Inconvenientes que resultam desta unificação para a solução dos nossos problemas de bio-sociologia, de anthropo-sociologia e de psychologia ethnica. — II. O problema da acclimação do aryano nos tropicos: os *tests* da selecção tellurica. Necessidade de discriminar os diversos “typos” brancos. — III. O typo “caboclo”: sua complexidade. O indio e os seus “typos”. Origens prehistoricas dos amerindios. Dixon e a sua these da diversidade anthropologica dos povos amerindios. O typo “negro”: sua complexidade. O typo “mulato”: sua complexidade. Typos abstractos e typos vivos. — IV. Reacção

contra o methodo das "médias". Conceito de PAPILLAULT, de BUNAK, etc. Processo de pesquisas para a determinação de typos anthropologicos: conceito de STOLYWHO e COTTEVIELLE-GIRAUDET. Os typos locais brasileiros: o "gaúcho", o "caatingueiro", o "laranjo", o "cuyabano", o "cearense", etc. — V. Pesquisas anthropologicas entre nós. Necessidade de uma orientação pratica.

NOS recenseamentos de 1872 e 1890, os nossos demographistas officiaes adoptaram uma classificação dos typos anthropologicos brasileiros, tomando como criterio diferenciador exclusivamente este caracter morphologico: a côr da pelle. Dahi a divisão da nossa população em quatro grupos ethnicos: o dos brancos, o dos negros; o dos caboclos; o dos mulatos (1).

No grupo branco estavam os brancos puros e os phenotypes do branco (mestiços afro-aryanos e indo-aryanos em reversão para o typo branco). No grupo caboclo: os amerindios puros e os phenotypes do amerindio (mamelucos ou cafusos em reversão para o typo amerindio). No grupo negro: os negros puros e os phenotypes do negro (mulatos e cafusos em reversão para o typo negro). O grupo dos pardos ou mulatos era constituido por aquelles mestiços afro-aryanos, que, pela pigmentação particular da pelle, não podendo incorporar-se a nenhuma das raças originarias, formavam um grupo á parte, perfeitamente diferenciado dos outros grupos.

(1) Esta classificação foi adoptada tambem pelo prof. ROQUETTE PINTO; v. *Ensaio de Anthropologia Brasileira*, 1933.

Era, como se vê, a officialização da classificação popular dos nossos typos ethnicos. Hoje, esta classificação não mais pode ser accepta. E' que estes grandes quadros ethnicos, dentro dos quaes os nossos antigos estatistas accommodavam os varios typos anthropologicos, constitutivos da nossa população, revelam-se demasiadamente complexos e heterogeneos — e esta heterogeneidade os torna improprios para serem utilizados com exito nas pesquisas tendentes á solução dos grandes problemas relativos á biologia, á psychologia e á sociologia das raças no Brasil

I

Tomemos o grupo branco, por exemplo. Como podemos consideral-o no ponto de vista da sua significação bio-sociologica? Os elementos deste grupo ligam-se pela identidade de um unico character anthropologico: a côr da pelle. E' o grupo dos brancos.

Ora, este grupo é altamente complexo. No ponto de vista anthropologico, elle comprehende ou, pelo menos, deve comprehender, não só os typos brancoides, resultante da evolução aryanizante dos nossos mestiços, como tambem os representantes de todas as raças europeas aqui affluentes, sejam os colonos aqui fixados, sejam os descendentes delles. Ha, portanto, nelle individuos de typo *Europeus*, como a maior parte dos

allemaes do norte, dos hollandezes, dos dinamarquezes, dos inglezes, dos suecos, dos noruegueses e dos balticos (lithuanos, lettões, esthonianos, grandes russos). Ha tambem elementos de typo *Slavonicus*, com a generalidade dos polacos vistulianos, dos russos brancos, dos allemaes silesianos, numerosissimos entre nós. Ha tambem elementos de typo *Alpinus*, como grande parte dos austriacos, dos hungaros, dos tcheco-slovacos, dos pequenos russos, muitos dos italianos da Lombardia, do Piemonte, do Trentino. Ha tambem elementos de typo *Dinaricus*, como os yugo-slavos em geral: servios, bosniacos, croatas, montenegrinos, grande parte dos imigrantes do Trieste, do Veneto, da Istria, da Dalmacia. Por fim, os numerosos representantes da raça ibero-insular (*H. meridionalis*): portuguezes, hespanhóes, italianos do sul, gregos, insulares do Mediterraneo e do Atlantico, vindos dos Açores, das Canarias, das Baleares, da Corsega, da Sicilia, da Sardenha, de Malta, das ilhas do Tyrrhenio e do Egeu.

Grandes dolicocephalos louros, de raça Nordica. Pequenos brachycephalos louros, de raça Slavonica. Grandes brachycephalos louros, de raça Gallata, de GUIART. Grandes brachycephalos brunos, de raça Dinarica. Pequenos dolicocephalos brunos, de raça Iberica. Grandes dolicocephalos brunos, de raça Atlantica. Robustos brachycephalos brunos da região danubiana e das regiões alpestres da Europa, de raça Celta. Todos elles, sem duvida, brancos; mas, no ponto de vista da morphologia e da bio-typologia, como

são variados os typos encontrados entre elles, sejam colonos ou descendentes!

Dentro de objectivos meramente anthropometricos, é possível que se possam desprezar essas differenciações bio-typologicas que se manifestam entre os elementos do grupo branco (europeus de origem e descendentes); mas, no ponto de vista da bio-sociologia, da psychologia ethnica e da anthropo-sociologia, este grupo formado por elementos tão heterogeneos, torna-se, na verdade, improprio para qualquer utilização scientifica.

Realmente, se considerarmos este grupo como um todo homogeneo, que inferencias poderíamos tirar com relação ás suas condições morpho-nosologicas, de tamanhos reflexos no campo da demographia e da bio-sociologia? ás suas condições physio-psychologicas, de tamanhos reflexos no campo da sociologia, da ethnographia e da psychologia social? Se as características biologicas, se as características nosologicas de um grupo, se as suas características psychologicas, não podem deixar de estar correlacionadas com os typos morphologicos componentes delles, como já vimos no capitulo anterior, que sentido realmente poderão ter os dados anthropometricos ou biometricos que obtivermos, se elles foram obtidos sobre um grupo extraordinariamente heterogeneo, em que se não levou em conta nenhuma das condições bio-typologicas dos varios elementos ethnicos que entram na sua composição?

E' possível que ao norte e ao centro do paiz, em virtude da preponderancia quasi absoluta de uma

ethnia apenas — a portugueza, de morphologia mais ou menos uniforme, o branco possa ser considerado um typo unico, em torno do qual gravitem as variações individuaes; mas o mesmo não se poderá dizer do sul do paiz, de São Paulo para baixo, onde os elementos arianos alli fixados pertencem a todas as ethnias europeas. Possivel de applicação ao norte do paiz, esta classificação dos nossos demographistas não o poderá ser, com o mesmo exito, ao sul do Brasil. Ora, esta região do sul é justamente a zona ethnicamente mais viva do paiz, a mais rica para as explorações anthropologicas e ethnographicas, onde os grandes problemas da biologia da raça e da sociologia da raça se estão revelando com uma nitidez impressionante.

Eu senti vivamente a impossibilidade de utilizar-me desta classificação tradicional dos nossos elementos ethnicos quando procurei verificar o modo por que os diversos “typos” europeus estão reagindo ao nosso clima tropical (2). No momento em que formulava as bases para as pesquisas, fui forçado a reconhecer que, com esta classificação, não poderia chegar a resultado algum fecundo. Ella me levaria fatalmente a conclusões sem significação, que condemnariam á esterilidade toda a actividade investigadora. Por que? porque, nos climas tropicaes, as diversas raças arianas não têm a mesma capacidade de acclimação, de “resposta adaptativa”, como diria CUÉNOT:

(2) *O Aryan no Brasil* (inédito).

— “O problema da influencia degenerativa do clima tropical sobre os grupos ethnicos de origem européa — diz o professor GERMANO CORREIA, num recente trabalho sobre os lusos descendentes da India — é uma questão ainda a estudar e a resolver, pois cada vez mais se reconhece que ha varios typos de climas tropicaes e que as diversas ethnias européas não se acclimatam com a mesma facilidade em todas as regiões quentes” (3).

Se as ethnias européas possuem cada uma dellas um modo especifico de reacção ao clima tropical, comprehende-se a necessidade de destacar do grupo branco as “raças”, que o compõem, para poder determinar, com segurança, a acclimatabilidade differencial de cada uma. E’ impossivel, portanto, jogar apenas com este grupo tão heterogeneo como se elle fosse composto de um typo anthropologico unico.

Considerando o grupo branco como um “typo”, as pesquisas sobre a capacidade adaptativa deste supposto typo não nos levariam a nenhuma conclusão aproveitavel, de ordem pratica. De que nos serviria saber, com effeito, que o typo branco é acclimavel na região tropical ou equatorial do nosso paiz, se este conhecimento não nos daria nenhum criterio seguro para distribuirmos pelas nossas varias regiões climaticas as diversas ethnias immigrantes ou os “typos” anthropologi-

(3) GERMANO CORREIA — *Les enfants et les adolescents luso-descendants de l’Inde portugaise*, Nova Goa (India Portugueza), 1931, pag. 176. E tambem ROQUETTE PINTO — *obr. cit.*, pag. 171.

cos que ellas nos trazem? O “typo branco” é acclimavel na Amazonia — diriam os pesquisadores. Mas, branco é o Nordico; branco é o Celta; branco é o Ibero. Ora, cada qual desses typos tem uma “resposta adaptativa” propria aos climas tropicaes, como veremos.

II

Com effeito, em face das experiencias colonizadoras da Africa, da Australia, da Asia e da America, os grupos formados por ethnias de raça Nordica parecem revelar sensivel incompatibilidade com os climas de typo tropical, principalmente os equatoriaes. (3-bis) E’ unanime o conceito, entre os anttropologistas e technicos em medicina tropical, de que o Nordico não pôde acclimatar-se nas regiões megathermicas do globo, entendendo-se acclimação no sentido que lhe dão os modernos ecologistas e anthropogeographistas, GLENN TREWARTHA, HUNTINGTON, GRIFFITH TAYLOR, EYKMANN,

(3bis) Ha entre nós uma corrente que nega a acção do clima: v. SAMPAIO FERREZ — *Metereologia brasileira*, 1934, pg. 348 ss.; JOSUÉ DE CASTRO — *Alimentação e raça*, 1936, pg. 109 ss. Um autor (RUY PINHEIRO — *O valor social da alimentação*) formou duas series — uma de auctores *pro* influencia do clima e outra de auctores *contra* — e concluiu que, *em face destas opiniões contradictorias*, o clima não tinha influencia. Este absolveu o clima pelo voto de Minerva como no jury... A conclusão certa, scientifica é que se deve proseguir nas pesquisas.

SAPPER, etc. (4). Nos centros tropicaes de colonizaçãõ nordica, os estigmas de degenerescencia se revelam de uma maneira muito frequente entre os "descendentes". E' o que se observa na Australia Tropical, na India, na Africa Ingleza e na America Insular. Ainda agora o ultimo recenseamento de 1921, realizado na Africa Ingleza, assignala uma reduçãõ muito forte no crescimento da populaçãõ branca nestes ultimos dez annos e, ao mesmo tempo, manifesta a sua inquietaçãõ ante o desenvolvimento alarmante do "poor whites" e

(4) GLENN TREWARTHA — *Recent thought on the problem of white acclimatization in the wet tropics* ("Geographical Review", 1926, pag. 467); EMORY ROSS — *The climate of Liberia and its effect on Man* (idem, 1919, pag. 386); GRIFFITH TAYLOR — *The settlement of tropical Australia* (idem, 1919, pag. 111); MARK JEFFERSON — *An American colony in Brasil* (idem, 1928, 227-8); DUNLOP — *Queenisland and Jamaica* (idem, 1926, pag. 559); HUNTINGTON — *Civilisation and climate*, 1923, cap. III; CASTELLANI — *Climate and acclimatization*, 1931; COURCY WARD — *The problem of white acclimatization in the tropical regions* (in "Smith. Institution Report for 1930"). Cf. Hardy — *Géographie et Colonisation*, 1933.

"Os europeus do Norte — observa KARL SAPPER — não têm conseguido constituir, nos planaltos tropicaes, senão estabelecimentos temporarios. Elles têm tentado organizar, nestas regiões, uma sociedade permanente, de hase agricola, em que o colono viva do seu proprio trabalho manual; mas, em todas essas tentativas, têm invariavelmente fracassado" (v. *Social Sciences Abstracts*, 1932, § 10).

Em relaçãõ á pouca adaptaçãõ das ethnias celtas: v. GRANDIDIER — *Madagascar* ("Geo. Rev.", 1920, pag. 198); e tambem "Amer. Jour. of Sociology", 1927, pag. 858.

“crackers”, isto é, “fracassados”, degenerados e indigentes (5).

Entretanto, os elementos do grupo Mediterraneo, ao contrario dos elementos do grupo Nordico, revelam uma innegavel capacidade de adaptação aos climas tropicaes. Mesmo em “descendentes” de terceira e quarta gerações, não se encontra nenhum signal sensivel ou positivo de degeneração, nem no physico, nem no moral. E', pelo menos, o que acaba de observar o professor GERMANO CORREIA para os lusos descendentes da India e da Africa (6).

Como então fundirmos todos estes brancos — ibericos, dinaricos, celtas, nordicos, tão differentes uns dos outros — num só grupo e realizarmos com elles investigações sobre acclimatabilidade, como se estivessemos diante de uma série homogénea, composta de um typ^o anthropologico unico?

(5) v. “Geographical Review”, 1926, pag. 140. E tambem CLARKE — *An south african snap-shot* (“The International Digest”, 1831, n.^o 7, pag. 30): vemos ali a tendencia da população anglo-saxonia para uma “oligarchy of poor whites”. Segundo pesquisas recentes, os inglezes (classe inferior, “poor whites”), alli residentes apresentam um indice intellectual inferior á media da população ingleza na patria de origem (v. *Revue Internationale du Travail*, Fevereiro, 1934, pg. 258).

(6) GERMANO CORREIA — *Les luso-descendants de l'Inde Portugaise*, Nova Gôa, 1928; — *Les Luso-descendants de l'Angola*, Nova Gôa, 1930.

Como, por exemplo, determinar os indices differencias de morbidade de cada um desses typos? Estes indices são extremamente importantes: elles funcçionam como elemento indicativo da capacidade adaptativa de um dado typo ethnico num dado meio climatico. Elles tambem têm uma grande significação economico-demographica: servem para o calculo da "efficiencia" dos diversos typos, isto é, para determinação da sua maior ou menor productividade material ou intellectual num dado meio (7).

(7) Evidentemente uma ethnia ou uma "raça" (typo), cuja média annual de dias de doença, em virtude de uma maior acclimatabilidade num dado meio, seja n , ha de ser economicamente mais prospera, isto é, ha de ter uma *productividade total* superior a uma outra, cujo numero médio annual de dias de doenças é, *justamente em virtude de uma adaptabilidade menor*, de $2n$. Na Anstralia, pelos calculos estatisticos nos hospitaes de Queenislan-l, chegou-se á conclusão de que, nas zonas do norte da ilha, de typo tropical, o indice de morbidade da população anglo-saxonia é de 7 por 1.000; nas zonas do centro, mais brandas, é de 3 por 1.000 e nas zonas do sul, já de clima temperado, a morbidade é de 2,5 ‰ apenas (GRIFFITH TAYLOR — *Environment and race*, 1927, pag. 267); v. tambem: HUNTINGTON — *The relation of health to racial capacity* ("Geographical Review", 1921, pag. 257). Cfr. MICHELS — *Lavoro e razza*, 1924, pag. 96. Sobre a importancia economica e social da morbidade: v. BENTO CARQUEJA — *O Povo portuguez*, 1916, pag. 241 ss.; JANISZEWSKI — *L'importance sociale de la santé* ("Rev. Int. de Sociologie", 1926, pags. 202 e 368); BENJAMIN — *Some economic aspects of illness* ("Social Forces", 1931, pag. 216).

De importancia ainda maior são os indices differenciaes de mortalidade adulta, de mortalidade infantil, de nati-mortalidade, de fecundidade e de fertilidade (*net fertility*). Estes indices são verdadeiros *tests* de acclimatabilidade e não só nos permittiriam determinar as possibilidades de acclimação deste ou daquelle typo em nosso meio, como nos permittiriam determinar, no campo da demographia, a importancia futura, isto é, a posição estatistica futura que esta ou aquella ethnia, esta ou aquella "raça" (typo) viria a ter numa dada população local, em que este typo ou esta ethnia entrasse como elemento formador, em concorrência com outros typos ou outras ethnias.

Todos esses indices — quer o de *morbidade*, quer o de *mortalidade*, quer o de *natalidade*, quer o de *esterilidade*, quer o de *fertilidade* — são differenciaes. Isto é, variam com as *ethnias* e com os *typos* ethnicos:

a) com as *ethnias*, como se vê, dos dados estatisticos obtidos para a população americana (8);

b) com os *typos*, como se vê das pesquisas interessantissimas realizadas pelo anthropologista ROSINSKI na população da Polonia (9).

(8) v. NISOT — *La question eugénique dans les divers pays*, 1927, pags. 168-9-77; FALK — *Principes of vital statistics*, 1923, pags. 65, 161, 209. E o que tambem se verifica no Rio Grande do Sul, conforme pesquisas minhas (*O Aryano no Brasil*).

(9) v. adiante: *Os aspectos anthropologicos do melting-pot* (notas).

Quando estes typos ou estas ethnias se acham collocados em meios differentes dos seus meios originarios, esta variabilidade ainda é maior. Principalmente quando os centros *emigrantistas* estão localizados em regiões frias ou temperadas (como é o caso do continente europeu) e os centros *immigrantistas* se acham collocados em regiões de climas tropical e equatorial (como é o caso do nosso).

Como então suppôrmos possível uma resposta satisfactoria a estes grandes problemas da acclimação e da selecção tellurica, se insistimos em tratar todos os typos aryanos que aqui se fixam como se fossem um typo unico?

Diz BOLDRINI: — “Os individuos de cabellos louros e os de cabellos brunos, os de olhos escuros e os de olhos claros, os de pelle rosea e os de pelle trigueira não são sujeitos á acção dos agentes morbigenos na mesma proporção” (10).

Ora, se a acção dos agentes pathogenicos não se exerce de uma maneira identica sobre os individuos portadores de caracteres louros ou brunos, claros ou escuros, isto é, se a mortalidade é differencial, *variando com os typos anthropologicos*, como confundir no mesmo grupo os individuos portadores de cabellos louros e olhos azues e os portadores de cabellos escuros e olhos escuros, isto é, como reunir num só typo branco os va-

(10) BOLDRINI — *Biometrica*, Padova, 1927, pags. 73-4.

rios typos representativos das diversas "raças" arianas? Esta unificação acabaria por annular, no plano biometrico e no da bio-sociologia, as differenciações que a selecção natural fatalmente está estabelecendo, *em nosso meio*, entre as diversas ethnias.

Por exemplo: considerando os nucleos de composição mixta, para cuja formação contribuem varias ethnias europeas (como os de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul), como poderiamos determinar a resistencia biologica das diversas raças alli affluentes: as louras, as castanhas, as melacroides? Como calcular a sua mortalidade differencial, indice seguro da sua maior ou menor susceptibilidade ás influencias do meio tropical e sub-tropical? Como, das pesquisas feitas, extrahir conclusões de ordem pratica, capazes de nos orientar sobre o problema de uma distribuição mais racional das ethnias nordicas, das ethnias celtas e das ethnias ibero-mediterraneas em nosso territorio?

Operando com estas varias ethnias como se ellas fossem equivalentes na sua capacidade de resistencia biologica, nas modalidades da sua "resposta adaptativa" ao nosso meio, evidentemente não chegaríamos a nenhum resultado positivo, a nenhuma conclusão segura, a nenhuma solução praticamente aproveitavel. Ficariamos, além disso, sem meios para inferir quaes seriam os typos que, sobreviventes desse escrutinio selectivo, viariam a dar, no futuro, á nossa população nacional a sua caracterização anthropologica e ethnica definitiva.

Tratando-se de um clima tropical, como é o nosso, tudo aconselha a *discriminação* dos diversos typos aqui affluentes — e não a sua *unificação*. Realmente, se é um facto hoje reconhecido que os typos louros são mais sensíveis que os brunos aos climas quentes (11); se, como observa CUÉNOT, os cabellos louros e os olhos azues apparecem, *em geral*, associados a um temperamento physiologico, que torna os seus portadores extremamente susceptíveis á acção das altas temperaturas (12); é da mais elementar prudencia separar as ethnias aqui fixadas e, isolando as ethnias louras da outras ethnias, determinar, de maneira scientifica, no campo da physiologia e da biometria, o seu “comportamento” em face dos nossos climas tropicaes. Só assim tornaríamos fecundas as pesquisas relativas aos problemas da adaptação ethnica, da selecção tellurica e da transformação, em nosso solo, das diversas raças e ethnias aqui fixadas.

Estou apenas analysando, note-se bem, a impossibilidade de utilizarmos da classificação unitaria dos nossos elementos brancos para a solução de um proble-

(11) JOYEUX — *Hygiène de l'européen aux tropiques*, 1928, pag. 37; CARLSON AND HUNTINGTON (CH.) — *Environmental basis of social geography*, 1930, pag. 49. Ha aqui alguns escriptores e cientistas, que julgam que esta diversidade de “resposta adoptativa” não existe, em face dos exemplos, que citam, de estrangeiros de raças nordicas aqui aclimados. Na verdade, o que temos tido são casos *individuaes* de aclimação; não, aclimações de *ethnias* ou *grupos ethnicos*.

(12) CUÉNOT — *L'adaptation*, 1925, pag. 35.

ma pratico, de urgencia imperiosa em nosso paiz: *o da distribuição, em nosso territorio, dos diversos "typos" ou das diversas "ethnias" europeas, segundo o criterio da sua melhor ou menor acclimatabilidade.* Imagine-mos agora se quizessemos procurar as características destes varios "typos" em relação aos attributos da sua physiologia, da sua psycho-physiologia, da sua sensibilidade, da sua intelligencia?

Como poderíamos aceitar como significativos para a solução destes problemas os resultados obtidos sobre um grupo onde apparecem, misturados e confundidos, typos anthropologicos tão differentes: celtas, nordicos, ibericos, dinaricos, todos indistinctamente considerados, apenas unidos pela identidade de uma caracter secundario: a côr da pelle? Que significação poderiam ter as médias, os coefficients, os indices que encontrassemos? Não passariam de puros symbolos mathematicos, simples formulas abstractas, vazias de conteúdo objectivo.

Sabemos, por outro lado, que a mestiçagem é uma causa de ampliação do campo de variabilidade das raças — o que é muito importante num paiz onde os cruzamentos se operam largamente (13). Dahi, portanto, maiores probabilidades de novas combinações dentro do proprio grupo branco; portanto, de novos "typos".

(13) ENRIQUES — *L'eredità nell'uomo*, Milano, 1924, pags. 357-61. Cfr. JENNINGS — *Prometheus or Biology and the advancement of Man*, 1925, pag. 58; CUÉNOT — *La genèse des espèces animales*, 1921, pag. 281 (para a variabilidade em novos meios).

Nestas condições, o que seria de presumir é que deveríamos encontrar, *entre os descendentes destes imigrantes brancos* que aqui se estão entrecruzando, um numero maior de "typos" do que os vindos com as ethnias formadoras.

Impossivel, portanto, caminhar-mos no sentido da indistincção, da indifferenciação, da unificação. Seria admittirmos entre os nossos elementos aryanos uma unidade morphologica que elles não conhecem na sua patria de origem. Ninguem ha hoje que acredite mais na theoria de Boas — da evolução convergente dos typos (14). Os factos da observação a desmentem: a sua critica está hoje definitivamente feita (15). Nem mesmo as pesquisas recentes de Leslie Spier conseguiram revivel-a (16).

(14) BOAS — *Changes in the bodily form descendants of immigrants*, 1910.

(15) v. synthese das criticas feitas em FAIRCHILD — *Immigration*, New-York, 1917, pag. 407; ainda DENIKER — *Les races et les peuples de la Terre*, 1926, pag. 138; GUNTHER — *The racial elements of Europeen History*, s/d., pag. 82. O melhor desmentido da theoria de BOAS deu-o, porém, o professor GERMANO CORREIA que, estudando recentemente os luso-descendentes de Gôa (descendentes em linha recta de portuguezes que alli se fixaram ha duzentos annos) reconheceu que elles mantêm os caracteres anthropologicos dos actuaes portuguezes metropolitanos: v. GERMANO CORREIA — *Les luso-descendants de l'Inde Portugaise*, Gôa, 1928.

(16) LESLIE SPIER — *Growth of japonese children born in America and in Japan*, 1928.

III

Essas criticas feitas ao grupo branco podem ser lançadas tambem contra o grupo dos "caboclos" ou mamelucos indioides. Tambem ahi não encontramos uniformidade de typos: *não ha um typo unico de indio*. Esta differenciação já Couto de Magalhães a havia observado quando dividiu os nossos aborigenes em duas categorias: a dos *abajús* e dos *abaunas*, cada qual tendo uma caracterização morphologica propria e attributos mentaes tambem particulares (17).

Nossa propria observação, aliás, assignala differenças muito sensiveis entre as diversas tribus, mesmo entre individuos da mesma tribu: e isto se verifica em toda a America, desde o extremo Canadá até a extrema Patagonia. Foi isto justamente que levou DIXON a romper com BOAS, HARDLICKA e seguidores, sustentando a these da complexidade morphologica da população aborigene, em cujo seio elle encontrou todas as oito raças da sua classificação (18).

Os dados obtidos recentemente pelos modernos pesquisadores das populações da Asia, como LEGENDRE, DUDLEY BUXTON e SHIROKOCOROFF dão á these audacio-

(17) COUTO DE MACALHÃES — *O selvagem*, 1876, II, pag. 68 ss.

(18) ROLLAND DIXON — *The racial history of Man*, 1923, pags. 393 ss. e 445 ss.

sa de DIXON a mais cabal justificação. Estes investigadores chegaram á conclusão de que, taes como as suas populações actuaes, as populações prehistoricas da Asia eram extremamente heterogeneas.

Estudando a formação ethnica da Asia, DUDLEY BUXTON, por exemplo, encontrou cerca de cinco typos anthropologicos distinctos: um typo nordico (*H. europæus*); um typo mediterraneo (*H. meridionalis*); sub-typos celtoides, affins do *H. Alpinus*; typos propriamente amarellos; por fim, typos negroides. Ella conclue que as provas de mistura de raças alli remontam ao paleolithico superior (19).

Nos seus recentissimos estudos publicados em 1923, 24 e 25, SHIROKOGOROFF tambem chegou á mesma conclusão ao analysar as populações do norte da Asia: para este anthropologista russo não ha propriamente uma raça mongolica, mas sim um amalgama de quatro raças, pelo menos (20). Ora, estas populações septentrionaes são justamente aquellas donde deveriam ter sahido, em épocas prehistoricas, os grupos neolithicos povoadores da America (21).

Esta conclusão — da não existencia da raça mongolica — é tambem a conclusão de LEGENDRE. Depois de

(19) v. na "Geographical Review", 1929, pag. 169, o resumo da obra de DUDLEY BUXTON — *The peoples of Asia*, 1923.

(20) v. na "Geographical Review", 1928, pag. 343, o resumo das obras de SHIROKOGOROFF — *Anthropologia da China Septentrional* e outras, apparecidas em 1923, 1924 e 1925.

(21) KROEBER — *Anthropology*, 1923, pags. 343-4.

observar e analysar profundamente as populações da Asia Central, LEGENDRE tambem chegou á conclusão de que a chamada raça amarella não existe e, entre os varios typos alli existentes, elle destaca um typo negroi-de e um typo aryanoide (22).

Esta concordancia entre as tres grandes autoridades modernas em anthropologia da Asia, principalmente da Asia Oriental, que foi a matriz das nossas populações aborigenes, prova a sem-razão dos que sustentam a these da unidade anthropologica do homem americano. Realmente, como se poderia explicar que, pelo filtro do Alaska — na opinião quasi unanime dos sabedores (23), o ponto de passagem dos neolithicos asiaticos para a America; como se poderia explicar que, por esse caminho, as primitivas populações da Asia, ao serem impellidas para as extremidades das tundras siberianas, só lançassem no continente americano, dentre os varios typos de que se compunham então, um *unico* typo: o typo mongoloide? Em face do que hoje sabemos da heterogeneidade das populações asiaticas nas épocas prehistoricas, não ha como sustentar a opinião de que

(22) LEGENDRE — *Il n'y a pas de race jaune* ("Comptendu de III session de l'Institut Internationale d'Anthropologie", 1927, pag. 248); — *La civilisation chinoise moderne*, 1926, pag. 215 ss.

(23) KEANE — *Man: past and present*, 1920, pag. 337; DIXON — *obr. cit.*, pags. 393-4. Cf: — ANTEVS (Ernst) — *The spread of aboriginal man in North America* (in "Geographical Review". 1935).

as populações aborígenes da America pertençam a um typo unico.

O mesmo poderíamos dizer em relação ao grupo negro; também allí ha varios typos — e não um typo unico. Como acontece com o branco e com o indio, também, em face dos dados anthropometricos obtidos sobre as diversas populações africanas, poderíamos dizer que não ha uma raça negra, mas sim varios typos negros (24). Raça negra é hoje uma expressão generica, sem sentido anthropologico definido, semelhante ás expressões “raça mongolica”, “raça caucasica”, “raça latina”, ou “raça brasileira” (no sentido de um typo anthropologico unico para toda a população brasileira).

Se os typos fundamentaes são assim numerosos, é também difficil conceber a unificação num typo unico — o mulato — de todos os mestiços surgidos dos multiplos cruzamentos e recruzamentos dos typos brancos com os typos negros. Será licito operar sobre essa variedade de mestiços nacionaes como se todos elles não passassem de fluctuações em torno de um typo commum? O que parece mais provavel é que, dos typos mestiços surgidos dos cruzamentos entre os diversos typos brancos com os diversos typos negros, só um certo numero sobrevive, isto é, offerece condições de estructura biologica capazes de assegurar-lhes a sobrevivencia num dado meio.

(24) DIXON — *obr. cit.*, pags. 179 ss.

— “Devemos notar — observa GINI — que as novas raças e nações que encontramos na historia só contam realmente apenas uma porção muito pequena dos typos que nellas se produzem em virtude dos cruzamentos. Estes typos mestiços sobreviventes representam os poucos resultados felizes dos cruzamentos, poucos em confronto com o numero incomparavelmente maior dos que fracassaram — ou porque não fossem bem dotados em relação á qualidade; ou porque não fossem sufficientemente prolificos; ou porque não fossem sujeitos, de um modo adequado, á acção selectiva ou da lucta pela vida, ou da competição sexual, ou da emigração, que eliminam os especimens inferiores ou as combinações dissonantes; ou então porque fossem vencidos pela selecção natural ou social” (25).

Determinar, pois, entre a multiplicidade dos typos mestiços, quaes aquelles que sobrevivem á acção destructiva dos agentes mesologicos; verificar, depois, dentre esses typos sobreviventes, quaes os que offerecem condições de estabilidade capazes de elevá-los á categoria daquelles “phenotypos solidos” de BUNAK, ou dos “stable-blends” de DIXON — eis o caminho verdadeiro para as pesquisas da mestiçagem das raças no Brasil. Partir aprioristicamente de que todos estes mestiços são apenas fluctuações em torno de um typo médio

(25) CORRADO GINI — *The future of human populations* (“Am. Jour. of Sociology”, 1930, pag. 245).

ideal é condemnar á infecundidade todas as pesquisas realizadas.

Em summa: é talvez possível utilizar com vantagem os dados obtidos sobre os “brancos”, “caboclos”, “negros” e “mulatos”, considerados cada um destes grupos ethnicos como um “typo”, enquanto permanecermos dentro do campo da pura anthropometria ou da anthropologia physica; mas não cremos que seja possível manejar com elles utilmente quando tivermos de operar no campo da anthropologia funcional, isto é, da anthropologia no seu aspecto dynamico, que é o da hereditariedade ethnica; que é o da selecção tellurica; que é o da fecundidade differencial; que é o da mortalidade differencial; que é o da *net fertility* differencial; que é o da pathologia differencial; que é o da psycometria differencial; etc.

Sob este aspecto, parece-nos impossível chegarmos a resultados fecundos, se nos obstinarmos em tratar, *em nosso meio*, indistintamente, como se fossem a mesma cousa, o colono italiano, vindo da Basilicata, que é um puro Ibero, o colono allemão, vindo do Hannover ou do Holstein, que é um puro Nordico, o colono yugoslavo, vindo da Bosnia ou da Croacia, que é um puro Dinarico, e o colono russo, vindo da Ukrania, que é um puro Celta. Este nivelamento pode ser muito legitimo para os effeitos censitarios — de estatistica demographica. Mas, em morphologia da raça, não; em biologia da raça, não; em sociologia da raça, não.

Da minha parte, devo confessar que nada repugna mais ao meu espirito, habituado a “ver em concreto”, a julgar os homens e os grupos humanos como realidades tangíveis, do que tomar um allemão do Hannover ou do Holstein, de cabellos louros e olhos azues, puro dolicocephalo, grande de 1,m71, ostentando a poderosa armadura osteologica do *Europeus*, de reactividade lerda e fleugmatica (“animal de sangue frio e circulação lenta”, como diria TAINE), e um ibero-insular da Sardenha ou da Sicilia, pequeno de 1,m60, *frêle*, de olhar e cabellos negros, de reactividade prompta, instantanea, deflagrante, verdadeiro feixe de nervos, vibratil, vivaz, agil, faiscante; reunir a ambos num só grupo; tomar a cada um os seus caracteristicos anthropometricos, constitucionaes e psicologicos; depois, sommar as medidas encontradas, indistinctamente; dividir por dois o resultado; e, por fim dizer:

— Eis aqui o typo *médio* do branco no Brasil. Esta a sua estatura média; este o seu typo constitucional médio; esta a sua morbididade média; esta a sua mortalidade adulta média e esta a sua mortalidade infantil média sob os climas tropicaes; este o seu coeficiente da natalidade média; este o seu indice de esterilidade média; esta a sua adaptabilidade média nos tropicos; este o seu quociente mental médio; este o indice médio dos seus attributos de intelligencia e de temperamento; esta a média das suas possibilidades culturais e economicas.

Na verdade, estas “médias” não significariam nada. Não passariam de puras expressões mathematicas, insusceptíveis de serem traduzidas em realidades vivas.

IV

E' por isso que, contra este methodo de determinação dos typos anthropologicos, já se começa a formar um movimento de reacção, em que vemos, em postos da vanguarda, alguns dos maiores nomes da anthropologia contemporanea. E' ROLLAND DIXON. E' BUNAK. E' STOLYWHO. E' PAPILLAULT. E' CZEKANOWSKI. E' TCHPURKOWSKI.

Estes renovadores allegam que o systema de médias acaba por confundir num só grupo individuos de typos inteiramente differentes: — “Uma raça real não se estabelece com médias, que fundem em typos artificiaes os phenotypos mais dispaes, resultantes da acção dos factores mais heterogeneos” — diz PAPILLAULT (26). Já TCHPURKOWSKI, criticando os trabalhos dos anthropologistas russos, observa que elles commettiam o erro de estudar “povos” e não “typos”, quando a verdade é que o que cumpria estudar e comparar era, não o typo médio dos “povos”, mas os “typos physicos”, de que esses povos se compunham: — “Na maior parte dos tra-

(26) PAPILLAULT — in “Compte-rendu de la II session de l'Institut. Intern. d'Anthropologie”, 1924, pag. 33.

balhos dos anthropologistas russos, diz elle, os “povos” não são divididos em “typos physicos”; entretanto, são estes “typos physicos” que deveriamos comparar — e não os “povos” na sua totalidade” (27).

Dahi, a reforma que elles propõem no processo da determinação dos typos anthropologicos. Em vez de se chegar a esta determinação calculando a média dos numerosos dados anthropologicos individuaes, o que elles aconselham é um trabalho preliminar de observação.

Primeiro, observam-se na população, cuidadosamente, os seus varios typos anthropologicos e estabelecem-se os caracteristicos descriptivos differenciaes destes typos. Depois de assim isolados por observação, sobre elles, sobre um grupo seleccionado, composto dos individuos mais typicos, mais representativos, é que se realizará então o trabalho anthropometrico e biometrico da sua caracterização morphologica e funcional. É o que diz BUNAK, ao referir-se á necessidade preliminar da determinação daquillo que elle chama os “phenotypes solidos”:

— “Devemos — diz elle — determinar os phenotypes solidos, o conjunto dos “genes”, que, na maior parte das vezes, apparecem sem se dissociarem; para isto, a analyse typologica (*sic*) pode servir, porque estabelece correlações indissoluveis e explica a junção dos

(27) TCHPURKOWSKI — “*La méthode géographique en Anthropologie*,” (“Compte-rendu de la II session de l’Institut. Intern. d’Anthropologie”, 1924, pag. 177).

caracteres physicos e psychicos com os elementos somaticos. E' essencial tambem fazer pesquisas anthropometricas combinadas, dando a correlação de attributos morphologicos, funcionaes e talvez pycologicos; por este meio reunimos materiaes consideraveis, afim de caracterizar a relação entre o desenvolvimento physico com a fecundidade e a mortalidade, porque são estas, segundo PEARSON, as condições da selecção reproductiva" (28).

Ninguem exprimiu melhor do que COTTEVIELLE-GIRAUDET este pensamento. Vale a pena transcrever o longo trecho em que elle expõe, com felicidade, o sentido desta tendencia renovadora:

— "Quando se quer estudar uma população qualquer, isto é, um conjunto de raças mais ou menos numerosas, o que se deve fazer, em primeiro lugar, é identificar estas raças. O methodo a seguir para obter este diagnostico, de uma maneira interessante e util, é inteiramente contrario ao methodo das médias. O que se deve fazer, antes de tudo, é observar; observar longamente, afim de se orientar pouco a pouco, discernir os diversos elementos constitutivos da população considerada, dissocial-os, classifical-os por categorias. E' necessario que cheguemos a um ponto de poder dizer: este individuo é de tal raça; aquelle, de tal outra; aquelle

(28) BUNAK — *Le mouvement eugénique en Russie* ("Compte-rendu de la II session de l'Institut. Intern. d'Anthropologie", 1924, pag. 538).

outro é um mestiço de tal raça com tal outra. E' somente depois de ter observado e determinado a raça pelo exame de todas as particularidades dos individuos, que se tomará do compasso para experimentar, isto é, para precisar e, se fôr necessario, controlar. O compasso, por si só, é cego; exprime a dimensão, mas deixa de lado o essencial: a forma. E' muito grosseiro quando se trata de estudar as populações actuaes, cujas mestiçagens constituíram grupos diferenciados ao extremo. *Não conceber o estudo de uma população senão com o compasso na mão é matar a anthropologia, da qual se pode dizer que não é somente uma sciencia de precisão, mas tambem uma sciencia de observação*" (29).

E' possivel que GIRAUDET não tenha grande autoridade para opinar; mas, ninguem ha que possa negar autoridade a STOLYWHO. Ora, é d'elle este julgamento, ao referir-se ao conceito de PAPILLAULT acima citado:

— "Eu partilho absolutamente desta opinião e julgô que, na analyse dos elementos raciaes, o calculo das médias não nos fez avançar, mas, ao contrario, recuar; pois, este methodo elimina as differenças dos elementos anthropologicos obtidos pelas mensurações e os calculos dos indices individuaes. Fazendo a analyse de uma população dada, desprezo então inteiramente o methodo das médias e procuro determinar a frequencia dos typos reaes (*sic*), apparecidos sobre um territorio dado, que

(29) COTTEVIELLE-GIRAUDET — *Les races de l'Afrique du Nord* ("Rev. Anthropologique", 1930, pags. 145-6).

mostrem possuir uma correlação definida de caracteres distinctivos, para isto applicando o principio da hierarchia dos caracteres" (30).

O methodo de pesquisa para determinação dos typos anthropologicos brasileiros ha de ser, pois, este, aconselhado por GIRAUDET, que talvez não tenha autoridade, e por STOLYWHO, que tem uma autoridade enorme. Os nossos typos hão de surgir da observação *prévia* da nossa população ao norte, ao centro e ao sul, na região da costa e na região do sertão. Obtida a discriminação delles pelo processo preliminar da observação, só então estes "typos" deverão ser tratados anthropometricamente, isto é, estudados nos seus caracteristicos morphologicos e, depois, bio-typologicamente, isto é, nas suas caracteristicas funcçionaes; de maneira a determinar os "typos constitucionaes" mais frequentes em cada um delles e, portanto, as modalidades mais caracteristicas da sua physio-psychologia (30-bis)

Feito isto, os anthropologistas e os biometristas terão terminado a sua missão. O resto é com os anthropogeographistas, com os anthropo-sociologistas, com os bio-sociologistas, com os psycho-sociologistas; em summa,

(30) STOLYWHO — *Nouvelle méthode d'analyse des types anthropologiques* ("Compte-rendu de la II session de l'Institut. Intern. d'Anthropologie", 1924, pag. 151).

(30bis) Sobre os biotypos e normotypos das populações do Nordeste ha interessantes estudos feitos em Pernambuco sobre milhares os individuos: v. *Boletim do Departamento de Educação de Pernambuco*, Dezembro, 1937,

com os especialistas das sciencias da Sociedade. Estes especialistas, entretanto, só poderão trabalhar com exito sobre o material fornecido pelos anthropometristas e biometristas, se os dados destes forem obtidos sobre typos anthropologicos vivos — e não sobre typos abstractos, resultantes de puras operações arithmeticas.

O prof. ROQUETTE PINTO já nos esboçou uma tentativa deste genero quando destacou, na nossa população do Brasil central, nos altos sertões de Matto Grosso, de Goyaz e do Nordeste, o typo anthropologico do sertanejo "cuyabano" e do sertanejo "cearense" (31). Infelizmente, elle só nos forneceu os caracteristicos descriptivos principaes, isolando-os da massa da população; mas ainda não os submeteu á analyse anthropometrica, nem biometrica, de maneira a nos dar destes dois typos as correlações morpho-physio-psychologicas que naturalmente os caracterizam como typos diferenciados em nossa população. Tambem um outro observador (apenas meramente observador) destacou na população sul-riograndense um typo: o do gaucho da campanha (32). Outros observadores principalmente as populações do Norte, em relação aos mestiços alli emergentes, tambem nos têm dado caracteristicas differen-

(31) ROQUETTE PINTO — *Seixos rolados*, 1927, pags. 65-6.

(32) CAMPOS JUNIOR — *Os povoadores do Rio Grande do Sul* ("Primeiro Congresso de Historia Nacional", IV, pag. 880). V. tambem a distincção physica entre o typo do alto sertão (sertanejo) e o dos caatingas e praias (caatingueiro), in "Dicionario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro", II, pag. 510.

ciadoras de alguns "typos" que merecem ser estudados pelos processos da technica biometrica e typologica. O typo do "laranjo", por exemplo, de que nos falam NEIVA e PENNA (33), não seria um destes?

Por agora, o typo sertanejo do "cuyabano" e o typo do "sertanejo do nordeste" foram os unicos "typos brasileiros" observados por um tecnico em anthropologia. Todos os demais têm sido observados por viajantes, intelligentes sem duvida, mas sem cultura alguma nesta especialidade.

Em synthese: adoptando este methodo para o estudo anthropologico da nossa população, teriamos que isolar:

a) os typos negros, descendentes dos que vieram com as importações africanas do periodo imperial;

b) os typos aborigenes (que de modo algum podem ser unificados num só typo, o mongolico);

c) os typos brancos que, pelo menos, devem apresentar aqui as quatro ou cinco modalidades que apresentam na Europa;

d) os mestiços de varios typos, elaborados nestes quatrocentos annos de mestiçagem intensa, representando os resultados-syntheses da acção combinada da hereditariedade e da selecção mesologica.

Especialmente em relação ao grupo branco, continuamos a insistir que é inaceitavel a fusão dos diversos

(33) NEIVA E PENNA — *Viagem scientifica pelo Norte do Brasil*, 1918, pag. 167.

typos aqui existentes num typo unico. O branco no Brasil não pôde constituir, por si só, um typo anthropologico unico, isto é, não forma um typo physico capaz de ser representado numa formula morpho-funcional unica, *traduzivel em realidade viva*. E' um grupo — e não um typo. Um grupo heterogeneo, cujo estudo anthropologico só pode ser fecundo se, como aconselha TCHPURKOWSKI, distinguirmos nelle, para a devida analyse biometrica, os varios "typos" physicos (raças), que o compõem.

O mesmo deveriamos fazer com os typos oriundos das mestiçagens operadas, não só entre estes diversos typos brancos, como entre estes typos brancos e os typos barbaros existentes. Entre estes ultimos mestiços, devemos encontrar, sem duvida, aquelles "phenotypos solidos" de BUNAK. Não serão por ventura deste genero os sertanejos observados pelo professor ROQUETTE PINTO nos altos sertões do Nordeste e de Goyaz?

E' possivel que os quatro grupos, em que habitualmente dividimos a nossa população, possam dar plenamente contas de si nas pesquisas destinadas a satisfazer as necessidades da anthropometria militar: — e é o que nos prova o bello e notabilissimo trabalho de ARTHUR LOBO (34). Não cremos, porém, que possam provar bem quando tivermos de utilizal-os na solução dos grandes problemas da ecologia humana, da anthro-

(34) ARTHUR LOBO — *Anthropologia do Exercito Brasileiro*, Rio, 1928.

po-sociologia e da psychologia ethnica: ahi é preciso estabelecer differenciações de natureza mais precisa e delicada.

V

Em summa, o que nós desejamos — os que investigamos, como anthropo-sociologistas, como bio-sociologistas, como anthropo-geographistas, como demologistas e demographistas, os problemas da Raça — é que os nossos anthropometristas e biometristas não dispersem os seus esforços e orientem as suas pesquisas no sentido de nos dar as bases scientificas para a solução de alguns problemas mais urgentes e imperativos, como os que se prendem á formação da nossa nacionalidade no seu aspecto quantitativo e no seu aspecto qualitativo. Por exemplo: o *problema da mestiçagem das raças*. Ou o da *selecção eugénica da immigração*. Ou o da *distribuição racional das ethnias arianas*, segundo o criterio da sua maior ou menor adaptabilidade ás diversas zonas climaticas do paiz.

Ha aqui lugar para lembrar este pensamento de CALVERSTON: — “a anthropologia pela anthropologia é tão absurda como a arte pela arte.” *Ora, é precisamente a orientação das actividades investigadoras no sentido da solução destes tres grandes problemas que ha de ser o melhor caminho para dar uma finalidade social, uma utilidade pragmatica aos estudos anthropologicos em nosso paiz.*

PARTE SEGUNDA

OS PROBLEMAS DA ASSIMILAÇÃO

- CAP. IV — O “melting-pot” e os seus methodos de analyse mathematica.
- CAP. V — Os grupos aryanos ao sul e a sua tendencia á assimilação.
- CAP. VI — Os aspectos anthropologicos do “melting-pot” brasileiro ao sul.



CAPITULO IV

O “melting-pot” e os seus methodos de analyse mathematica

SUMMARIO: — I. O estado actual do “melting-pot” nacional. — II. Os nossos nucleos coloniaes e a sua complexidade ethnica. — III. Bloom Wessel e seu methodo. — IV. Os coefficients de homogeneidade. — V. Os coefficients de fusão. — VI. Os indios de fusibilidade. — VII. Os dois aspectos do “melting-pot”. — VIII. Os melting-pot” e os descendentes dos colonos. — IX. Os descendentes e os seus coefficients de homogeneidade. — X. Os descendentes e os seus indices de fusibilidade. — XI. Os estudos mathematicos do “melting-pot” e a sua importancia.



I

NO Brasil, a obra do caldeamento e fusão das raças não está ainda hoje inteiramente realizada: ainda subsiste em nossa população muitos elementos puros dos typos ethnicos fundamentaes. Entre os negros, por exemplo, soltos pela lei da abolição, ha quasi meio seculo, na “zona marginal” dos latifundios, é possível que já não exista presentemente nenhum exemplar realmente puro, a não ser alguns raros reduces africanos, aqui chegados antes de 1850, ou typos “crioulos”, resultantes da cruzada de typos puros no *in-breeding* das senzalas.

Entre os indios, ha que contar com a acção renovadora exercida pela massa aborigene pura, accumulada nas zonas “periphericas” do alto sertão: zonas de contacto entre a civilização e a selva. Dali, das tribus selvagens ali vagueantes — em Matto Grosso, em Goyaz, na Amazonia principalmente — descem frequentemente, senão continuamente, elementos aborigenes puros, que se vêm pôr em convívio com as populações locais. E' o que se vê, por exemplo, em certos municipios “frontei-

riços" do Pará e do Amazonas, onde os índios domesticados, de puro sangue aborígene, convivem, em colaboração com outros elementos da população local, na extracção do guaraná, das castanhas, da balata, do caucho e da borracha (1).

Estes aborígenes puros-sangue têm que acabar, é claro, fatalmente entrando no *melting-pot* e fundindo-se. Mas estas "filtrações" do bárbaro nas populações fronteiriças, em todo o norte, em Goyaz, em Matto Grosso, mesmo em Minas, em São Paulo, nos Estados do Iguassú e no Rio Grande do Sul (2), não se interrompem, nem cessam de vez, como aconteceu com as antigas "filtrações" do *Afer*: são constantes, continuas, ininterruptas. De modo que ha sempre que contar, ainda por tempo indefinido, em nossa população, com um certo coefficiente de elementos puros, de origem ameríndia, ainda não entrados no *melting-pot* justamente pelo recente de sua incorporação á plebe dos campos.

(1) HOLDRIDGE — *Exploration between the Rio Branco and the Serra Parima* (in "Geographical Review", 1933, pag. 376); MURILLO DE CAMPOS — *Interior do Brasil*, 1936, pg. 62-3; ONOFRE ANDRADE — *Amazonia*, Maceió, 1937, pg. 101. Sobre a exploração do "páu rosa" na Guyana: v. PEDRO MOURA — *Physiographia e Geologia da Guyana Brasileira* (in Boletim do Serviço Geológico", 1934). Cf.: — RONDON — *Pelo Brasil Central*, pg. 77-8 e outras.

(2) v. Relatório do Ministerio da Agricultura, 1911, vol. II, paga. 255 e seg.

Este constante affluir de novos elementos puros, impedindo a miscegenação completa, é ainda mais sensível no grande grupo aryano. Este grupo, que é presentemente o mais rico de *full-bloods*, principalmente no Rio Grande do Sul, em Santa Catharina e em São Paulo, já estaria inteiramente infiltrado dos dois sangues barbaros, se a defesa da sua integridade caucasica estivesse ainda hoje entregue exclusivamente áquellas forças que, durante os tres seculos coloniaes e mesmo durante o Imperio, impediram a ascensão dos mestiços á “nobreza da terra” e ás classes aristocraticas (preconceitos de raça, de classe, de origem; idéas de belleza plastica, etc.). Este systema de forças de repulsão e defesa, por si só, não evitaria que os puros-sangue aryanos, concentrados nas camadas superiores, acabassem contaminados pelo sangue do negro e pelo sangue do indio, para ali careados pela “capillarização” progressiva dos mestiços superiores.

Dois factos, entretanto, de origem relativamente recente, que não datam de mais de um seculo, vieram embaraçar e, talvez mesmo, interromper esta evolução do grupo aryano para o *melting-pot*: o advento da imigração européa e a formação consequente dos nucleos coloniaes.

Os nucleos coloniaes têm exercido modernamente, nos seculos XIX e XX, em relação ao grupo aryano, uma função muito analoga á que exerceram, no periodo colonial, as “aldeias” em relação ao grupo indigena, os “engenhos” em relação ao grupo negro e a “nobreza” em

relação ao proprio grupo branco: são centros *in-breeding*, campos por excellencia de elaboração de *full-bloods* arianos (3). O systema adoptado inicialmente pela nossa politica colonizadora — da formação de colonias homogeneas, isto é, de uma só nacionalidade, como as allemãs de Santa Catharina, por exemplo — accentuou ainda mais esta condição de insulamento e segregação ethnica e acabou formando, no seio das populações circumdantes, em regra mestiçadas, verdadeiras “ilhas ethnicas”, onde só circula o sangue puro do ariano: nem uma gotta unica do sangue do negro e do indio. Equivale dizer que, nas nossas regiões immigrantistas, o *melting-pot*, no sentido primitivo ou, melhor, no sentido colonial da expressão, não se constituiu.

Estes centros demogenicos, espalhados crescentemente pelo sul do paiz, conservam assim inteiramente indemnes de contactos barbaros as suas matrizes fecundas. Entretanto, é incontestavel que nelles se operam phenomenos de mestiçagem. Estes phenomenos offercem, porém, aspectos muito differentes daquelles observados nos velhos centros de hybridação, constituídos, desde o I seculo, nas “zonas marginaes” dos latifundios (4).

Nestes antigos centros de hybridação (ainda em plena actividade ao centro e ao norte do paiz), fundem-se as tres velhas raças continentaes: — a india, a negra

(3) V. OLIVEIRA VIANNA — *La formation ethnique du Brésil Colonial*, 1932.

(4) OLIVEIRA VIANNA — *obr. cit.*

e a caucasica. Nos novos centros constituídos ao sul pelos nucleos coloniaes, ao contrario: destas tres raças continentaes só aparece uma — a caucasica — e o trabalho destes nucleos é fundir apenas as cinco ou seis variedades europeas, em que ella se desdobra. Neste sentido, os cruzamentos que se estão operando nas nossas “colonias” do sul equivalem a um *melting-pot* — porque nelles assistimos ao mestiçamento de verdadeiras variedades humanas: a Celta, a Nordica, a Slavonica, a Iberica, a Dinarica, a Atlantica. Raças estas, das quaes algumas tão distantes e tão differentes entre si, anthropologicamente, como cada uma dellas o é do negro ou do indio (5).

II

Estes novos centros aryanos, formados nos Estados do Sul pelos nucleos coloniaes, são, com effeito, no ponto de visto ethnologico, muito complexos: nelles encontramos todas as “ethnias” (nacionalidades) e todas as “raças” da Europa actual.

Para termos uma idéa justa da complexidade anthropologica e cultural destes nucleos coloniaes basta tomarmos alguns dos mais recentes, fundados pelo governo federal. Eis aqui dez delles, com a especificação

(5) Sobre esta classificação das raças europeas: v. especialmente DENIKER — *Les races et les peuples de la terre*, 1926, pag. 407; PITTARD — *Les races et l'histoire*, 1924, pag. 85; DUNCAN — *Race and population problems*, 1929, cap. III.

das ethnias e das raças provaveis que devem conter, raças que alli estão soffrendo naturalmente a acção da lei do *melting-pot*:

Nucleos	Localidades	Ethnias	Raças principaes
Visc. Mauá ...	R. de Janeiro	Allemaes, portuguezes e austriacos	Nordica, Celta e Ibera.
Itatiaia	"	Portuguezes e hespanhóes ..	Ibera e Atlantica.
Iraty	Paraná	Austriacos, russos, allemaes e holandezes	Celta, Nordica e Slavonica.
Tayó	"	Russos e allemaes	Celta, Nordica e Slavonica.
Itaporá	"	Russos e austriacos	Celta, Nordica e Slavonica.
Guarany	"	Austriacos, russos e italianos	Celta, Nordica e Slavonica.
J. Marcondes ..	"	Austriacos e russos	Nordica, Celta e Slavonica.
Afonso Penna .	Espir. Santo	Allemaes, italianos, hespanhóes e holandezes	Nordica, Ibera, Celta e Atlantica.
Ivahy	Paraná	Austriacos, russos e allemaes	Nordica, Celta e Slavonica.
João Pinheiro .	Minas Geraes	Allemaes, austriacos e italianos	Ibera, Celta e Nordica.
Inconfidencia ..	"	Hespanhóes e allemaes	Ibera, Atlantica, Celta e Nordica.

Núcleos	Localidades	Ethnias	Raças principais
Monção	São Paulo	Japonezes e hespanbóes	Nipponica (?) e Ibera.
Bandeirantes ..	"	Portuguezes e allemães	Ibera, Celta e Nordica.
Cruz Machado .	Paraná	Russos, austriacos e allemães	Celta, Nordica e Slavonica.
Senador Corrêa	"	Russos e austriacos	Celta, Nordica e Slavonica.
Apucarana	"	Russos, allemães e austriacos .	Celta, Nordica e Slavonica.
Yapó	"	Allemães, russos e austriacos .	Celta, Nordica e Slavonica.
Annitapolis	S. Catharina	Allemães e austriacos	Nordica e Celta.
Esteves Junior .	"	Allemães e russos	Nordica e Celta.
Rio Branco	"	Allemães	Celta, Nordica e Slavonica.

Ha, como se vê, duas ordens de problemas e, conseqüentemente, duas ordens de pesquisas a fazer. Ha as pesquisas relativas á *interfusão das ethnias* e ha as pesquisas relativas á *interfusão das raças* (6). Estas

(6) Sobre o conceito de "ethnia": v. LAPOUGE — *Les sélections sociales*, 1896, pags. 8-10; HOYOS SAINS y ARANZADI — *Etnografia, sus bases, sus métodos y aplicaciones a España*, pags. 8-9; REGNAULT — *La question des races devant l'anatomie et la linguistique* ("Compte-rendu de la III session de l'Institut Intern. d'Anthropologie", 1927, pg. 193); Montandon (G.) — *La race; les races*, 1933, pg. 18.

ultimas estão dependendo daquellas — e onde não ha interfusão de “ethnias” não se póde pensar em interfusão de “raças”: se os “grupos culturaes” não se mesclam, as “raças”, que os compõem, tambem não se podem mesclar. E’ indispensavel, pois, antes de estudarmos o *melting-pot* das raças (biologia dos cruzamentos), estudarmos o *melting-pot* das ethnias (interfusão e assimilação de immigrantes). O problema se formula assim:

— Estes varios grupos nacionaes (ethnias), que se fixaram ao sul do paiz, ricos como vimos, ora em elementos ibericos, ora em elementos celtas, ora em elementos nordicos, ora em elementos slavonicos, ora em elementos dinaricos, e diversificados por fórmãs particulares de cultura, principalmente por distincções sociaes de lingua e de religião, como se estão intercruzando e com que intensidade realizam a sua tendencia natural á assimilação e á fusão?

III

BLOOM WESSEL, sociologista e demographista americano, adoptou para pesquisas deste genero um methodo que nos faculta apurar, com segurança, o grau da interfusão das ethnias nestas collectividades complexas formadas pelas alluviões colonizadoras, em paizes de immigração como os Estados Unidos ou como o nosso. Elle toma para campo das suas pesquisas a população da cidade de New London, no Connecticut — centro

de convergencia de immigrants estrangeiros de toda parte (7).

WESSEL começa calculando o gráu de resistencia das diversas ethnias á fusão — e este gráu de resistencia á fusão dado pelo calculo percentual do numero de familias homogeneas em cada ethnia considerada. Elle estabelece, para isto, como base de pesquisa, o criterio de só considerar “homogeneas” as familias, nas quaes os paes de ambos os conjuges pertençam á mesma ethnia, isto é, sejam da *mesma nacionalidade*. Uma familia italiana, ou allemã, ou polaca, de typo “homogeneo”, é, pois, uma familia em que os paes do marido e os paes da mulher (uns e outros) são, exclusivamente ou italianos, ou allemães, ou polacos. Se destes quatro paes apenas um delles deixa de ser italiano, ou allemão, ou polaco, esta familia não é mais considerada “homogenea” e passa para o grupo das familias “heterogeneas”, ou “mixtas”, isto é, daquellas familias que estão no *melting-pot*.

BLOOM WESSEL consegue recensear cerca de 1.819 familias, entre estrangeiras e nacionaes, residentes em New London — e isto por meio de um inquerito feito nas escolas daquela cidade. Destas 1.819 familias, elle

(7) BLOOM WESSEL — *Ethnic Factors in the population of New London* (“Amer. Journal of Sociology”, Julho, 1929, pag. 18). Posteriormente, Wessel desenvolveu e systematisou o seu methodo, dando-lhe maior amplitude e fecundidade: v. BLOOM WESSEL — *An ethnic survey of Woonsocket*, 1931.

verificou que nada menos de 1.352 ou sejam 74,3 % eram "homogeneas", isto é, pertenciam á mesma ethnia pelos quatro costados. Destas 1.819 familias o *melting-pot* só havia conseguido absorver apenas 467 ou sejam 25,7 %.

Tomando estas familias como representativas da população total de New London, vê-se que este alto coefficiente de homogeneidade revela que o processo de fusão das ethnias, em New London pelo menos, caminha com certa lentidão. DAVIS, aliás, já havia observado, antecipando neste ponto as conclusões de WESSEL, que nos Estados Unidos a tendencia, no dominio da nupcialidade, era para os casamentos homogamicos ou de igual com igual — e dahi uma certa deficiencia de poder absoritivo no *melting-pot* americano (8).

Dentre estas diversas ethnias, habitantes de New London, quaes, porém, as que apresentam, em relação á totalidade do grupo homogeneo, maior proporção de familias assim resistentes á lei da assimilação e quaes as que apresentam menor proporção?

IV

Isso importa em calcular os *coefficientes de homogeneidade* das ethnias, isto é, a parcella com que cada ethnia contribue para a formação do grupo das familias

(8) DAVIS — *Selective immigration*, 1925, pag. 145.

não assimiladas — das que permanecem ainda fóra do *melting-pot*. E o calculo consiste apenas em procurar a relação percentual entre o numero de familias homogeneas de cada ethnia e o total das familias recenseadas. Este calculo pôde ser feito, ou sobre o numero das familias homogeneas (columna *a*), ou sobre o numero dos seus ancestraes (columna *b*), indifferentemente : o resultado não pôde deixar de ser o mesmo (columna *c*). Dahi estes coefficients encontrados por WESSEL:

ETHNIAS	Familias homogeneas	Numero de ancestraes (4 por familia)	Coefficientes de homogeneidade
	(a)	(b)	(c)
Americana	401	1.604	22,0 %
Canadense	23	92	1,2 %
Ingleza	19	76	1,0 %
Irlandeza	85	340	4,7 %
Italiana	378	1.512	20,8 %
Polaca	125	500	6,9 %
Portugueza	51	204	2,8 %
Russa	21	84	1,1 %
Scandinava	28	112	1,5 %
Judaica	141	564	7,8 %
Diversas	80	320	4,5 %
Familias homogeneas .	1.352	5.408	74,3 %
Familias mixtas	467	1.868	25,7 %
Total	1.819	7.276	100,0 %

Estes dados demonstram uma grande diversidade entre as ethnias na aptidão de resistencia ao *melting-pot*. O grupo italiano é o mais refractario á assimilação, o que apresenta maior coefficiente de homogeneidade; neste ponto é só inferior á ethnia americana. Inglezes e canadenses, como scandinavos e russos, são os que contribuem com menor proporção para o grupo das familias homogeneas; estes dois ultimos naturalmente devido ao seu pequeno numero na população considerada.

V

Em seguida, feito o calculo dos coefficientes de homogeneidade para as diversas ethnias, BLOOM WESSEL entra no estudo propriamente do *melting-pot*. Procura então determinar os *coefficientes differenciaes de fusão* isto é, a maior ou menor contribuição de cada uma destas ethnias para o grupo representado no *melting-pot*.

Para isto, elle perquire, preliminarmente, com os dados obtidos nas suas investigações, a nacionalidade de todos os 7.276 ancestraes das 1.819 familias recenseadas (4 por familia). Determina, depois, nestes 7.276 ancestraes, o numero de ancestraes que cabem a cada ethnia e chega ao seguinte resultado:

ETHNIAS	Numero de ancestraes	Porcentagem
Americana	2.346	32,2 %
Canadense	239	3,2 %
Ingleza	316	4,3 %
Irlandeza	625	8,6 %
Italiana	1.536	21,1 %
Polaca	511	7,0 %
Portugueza	243	3,3 %
Russa	87	1,2 %
Scandinava	174	2,3 %
Judaica	564	7,8 %
Diversas	583	7,9 %
Total	7.276	100,0 %

Feito este calculo preliminar, é facil agora determinar, para cada ethnia, o numero de ancestraes que se casaram fóra do seu respectivo grupo, isto é, que estão no *melting-pot*. Basta subtrahir, em cada ethnia, do numero global de ancestraes, o numero de ancestraes homogéneo: é claro que o resto representará logicamente os ancestraes que se ligaram exogamicamente, isto é, que se misturaram com os individuos de outras nacionalidades.

Os italianos, por exemplo. Concorrem, neste grupo de 7.276 ancestraes, com 1.536 individuos; mas, por outro lado, o numero de italianos que se casaram endogamicamente, isto é, dentro das ethnias italianas, é de 1.512; logo a differença entre 1.536 e 1.512, isto é,

24, nos dará o numero de individuos que se ligaram a elementos de outras nacionalidade — e são, portanto, contribuintes do *melting-pot*. E assim para todas as ethnias consideradas.

Este calculo pôde ser simplificado: em vez de realizal-o sobre os dois grupos dados, um representando os ancestraes das 1.819 familias e outro os ancestraes homogeneos, pôde-se realizal-o subtrahindo simplesmente dos coefficients relativos ao primeiro grupo de ancestraes os coefficients relativos ao segundo grupo.. Tomando-se, por exemplo, para a ethnia americana, o coefficiente geral dos ancestraes, isto é, 32,2 % e delle subtrahindo o coefficiente de ancestraes homogeneos, isto é, 22,0 %, achamos 10,2 %, o que representa logicamente o coefficiente de ancestraes que estão no *melting-pot* (coefficiente de fusão). Foi o que fez WESSEL e achou os seguintes coefficients:

ETHNIAS	Percentagens dos 7.376 ancestraes das 1.819 fami- lias recensadas	Percentagens dos 5.408 ancestraes das 1.352 fami- lias homogeneas	Melting-pot (a · b)
	(a)	(b)	(c)
Americana	32,2	22,0	10,2
Canadense	3,2	1,2	2,0
Ingleza	4,3	1,0	3,3
Irlandeza	8,6	4,7	3,9
Italiana	21,1	20,8	0,3
Polaca	7,0	6,9	0,1
Portugueza	3,3	2,8	0,5
Russa	1,2	1,1	0,1
Scandinava	2,3	1,5	0,8
Judaica	7,8	7,8	0,0
Diversas	9,0	4,5	4,5
Total	100,0	74,3	25,7 74,3
			100,0

O *melting-pot*, em New London, é representado, como já vimos, pelos 25,7 % das 1.819 familias, recensadas. Ora, para elle a contribuição maxima (10,2 %) é da ethnia americana; só ella representa quasi a metade do *melting-pot*. Depois, vêm as ethnias affins com ella: a ingleza, a irlandeza, a canadense. Ellas juntas representam 19,4 % dos 25 %, que cabem ao *melting-pot*, o que mostra o character profundamente saxonio

do núcleo em fusão. Contribuem as outras ethnias com percentagem minima, principalmente a italiana. Esta, embora represente um grupo numeroso na massa da população local, exhibe, como vimos no quadro anterior, um alto indice de homogeneidade — e isto faz com que seja assim infima (0,3%) a sua contribuição para o *melting-pot*. Entre os judeus, todas as familias encontradas eram homogeneas, isto é, eram semitas pelos seus quatro costados: — dahi ser nenhuma sua contribuição para os 25,7 % das familias em fusão.

Estes dados nos permitem calcular a contribuição de cada ethnia para o *melting-pot*, a parcella com que cada uma entra para formal-o isto é, o seu *coefficiente de fusão*.

E' preciso não confundir, entretanto, *coefficiente de fusão* com *indice de fusibilidade*. São cousas muito differentes.

VI

No calculo dos coefficientes de fusão, o *melting-pot* é considerado um todo — e o problema é procurar o volume da contribuição com que concorre para elle cada ethnia: os dados da ultima columna (c) nos dão a expressão percentual desta contribuição. Elles nos permitem conhecer quaes os elementos que formam um dado *melting-pot*, a proporção delles, a importancia da sua contribuição; consequentemente, o sentido da evolução do grupo em fusão. E' assim que, dos dados de

BLOOM WESSEL, poderemos inferir que o *melting-pot* de New London tem uma composição caracteristicamente anglo-saxonia e anglo-saxonios deverão ser, pois, os typos anthropologicos delle emergentes, como as modalidades culturaes delle resultantes.

Para o calculo dos indices de fusibilidade, o problema já é outro. O que se procura determinar é o grau de fusibilidade de cada ethnia, a sua capacidade de exogamia, a intensidade da sua corrente no sentido do *melting-pot*. Ha ethnias que se fundem mais rapidamente e outras, ao contrario, que permanecem infusiveis ou só se fundem mediante processos de grande lentidão — e isto devido a condições especiaes de lingua, de religião, de cultura principalmente.

Para determinar este indice, o processo é simples: toma-se, para cada ethnia, o numero global de ancestraes; depois, o numero de ancestraes das familias mixtas; por fim, procura-se a relação percentual deste para aquelle. Foi o que fez BLOOM — e achou:

ETHNIAS	Ancestraes das 1.819 famílias	Ancestraes das 1.352 famílias ho- mogeneas	Ancestraes das 467 fa- mílias mixtas (a - b)	Indices de fusibilidade $\frac{c}{a}$
	(a)	(b)	(c)	
Americana	2.346	1.604	742	30,7
Canadense	239	92	147	61,6
Ingleza	316	72	244	76,0
Irlandeza	625	340	285	45,0
Italiana	1.536	1.512	24	1,6
Polaca	511	500	11	3,1
Portugueza	243	204	39	15,9
Russa	87	84	3	4,1
Scandinava	174	112	62	0,3
Judaica	564	564	0	0,0
Diversas	583	320	263	5,0
Total	7.276	5.408	1.868	

Como se vê, os maiores coefficients de fusibilidade, isto é, a maior aptidão exogamica cabe, em New London pelo menos, ao grupo anglo-saxão; inglez, canadense, irlandez, americano. Do grupo inglez, por exemplo, 76 % está no *melting-pot*; do canadense, 61,6 %; o irlandez dá-lhe menos, mas ainda assim 45,0 % dos seus elementos para alli affluem. Depois, singularmente, o 5.º lugar cabe ao grupo portuguez. O scandinavo e o italiano são os que apresentam uma capacidade de exogamia mais reduzida: não chega a 2 % a percentagem dos seus elementos em fusão. O grupo judeu é infusivel.

VII

Em synthese: o *melting-pot*, nos grandes centros de immigração, offerece um duplo aspecto:

a) negativo — da maior ou menor tendencia das ethnias ao isolamento;

b) positivo — da maior ou menor tendencia das ethnias á fusão.

Sob o primeiro aspecto, a analyse estatistica calcula os *coefficientes de homogeneidade*, isto é, o numero absoluto e relativo das familias de cada ethnia *escapa á mestiçagem*. Sob o segundo aspecto, a analyse estatistica determina os *coefficientes de fusão* e os *indices de fusibilidade*, isto é, o numero absoluto e relativo das familias de cada ethnia *sujeitas á mestiçagem*. Os dois calculos nos deixam ver as condições de enkistamento ou de assimilação dos elementos estrangeiros no grupo em estudo.

VIII

Grande illusão será, porém, suppômos que a determinação destes *coefficientes* e destes *indices* baste para o inteiro conhecimento de todos os *phenomenos* resultantes da interfusão das ethnias.

No ponto de vista dos aspectos negativos do *melting-pot*, por exemplo, os *coefficientes de homogeneida-*

de, só por si, são insufficientes para dar a exacta medida da tendencia das ethnias ao insulamento. Os immigrants syrios, ou japonezes, ou allemães, podem, com effeito, apresentar um coefficiente absoluto de familias homogeneas; mas, se seus descendentes, filhos e netos, em vez de seguirem esta tendencia endogamica, se misturam facilmente com elementos de outras ethnias, não se pôde dizer que os japonezes, os allemães e os syrios sejam grupos infusivos ou inassimilaveis. Se, porém, estes descendentes tambem se mantêm fiéis, com os seus ancestraes, á lei da sua ethnia originaria, então elles acabam constituindo o phenomeno da "ilha ethnica" — e desde então a economia do centro immigratorio começa a ser perturbada no seu equilibrio e na sua normalidade.

O mesmo se dirá dos aspectos positivos do *melting-pot*: os indices de fusibilidade e os coefficientes de fusão encontrados para as ethnias pôdem não ser identicos aos das diversas gerações, quando as consideramos entre si. Pode acontecer, por exemplo, que as segundas e as terceiras gerações contribuam para o *melting-pot* com maior parcella (coefficiente de fusão) e de uma maneira mais intensa (indice de fusibilidade) do que fazem as primeiras gerações (immigrantes). Como pôde acontecer cousa diversa disto: — estas tres gerações pôdem não apresentar differenças sensiveis, nem no volume da sua contribuição, nem na intensidade das suas correntes de misciengenação. E' o que acontece, de certa maneira, com os judeus na Europa e com os negros nos Estados

Unidos. Estes, segundo HERSKOVITZ, estão sendo levados insensivelmente, por força de preconceitos sociaes, para um regimen de endogamia forçada; de modo que as segundas e terceiras gerações não apresentam uma tendencia mais accentuada que as primeiras para as ligações exogamicas, isto é, com elementos de outras ethnias (aryanas): ficam dentro do seu proprio grupo, cruzando-se entre si, numa especie de *inbreeding* (9).

Os estudos estatisticos do *melting-pot* não se esgotam, pois, com a determinação mathematica nem dos coefficients de homogeneidade, nem dos coefficients de fusão, nem dos indices de fusibilidade das ethnias. Faz-se preciso aprofundar a analyse, discriminar as diversas gerações e buscar-lhes tambem os coefficients de homogeneidade e os indices de fusibilidade. Uns e outros nos desvendarão novas particularidades do *melting-pot*, muitos dos seus segredos, bem como as tendencias latentes ou obscuras do seu processo evolutivo.

Com este intento, para discriminação das gerações, WESSEL classificou os elementos das 1.819 familias em estudo, residentes em New London, segundo as seguintes convenções:

(9) Sobre os negros: v. HERSKOVITZ — *The American Negro*, 1928, caps. III, IV e V. Sobre os judeus: v. PARK — *Human migration and marginal man* ("Amer. Journ. of Sociology", Maio, 1928, pags. 891-3). Aliás, esta infusibilidade dos judeus é muito relativa, porque, na Suissa, a fusão delles é consideravel: v. ENGELMANN — *Intermarriage among Jews in Switzerland* ("Amer. Journ. of Sociology", Novemb., 1928, pag. 516); — *The jewish synagogue in the U. States* (idem, julho, 1935).

Primeira geração: Nella figuram todos os conjuges residentes na America, mas nascidos no estrangeiro (immigrantes);

Segunda geração: Nella figuram todos os conjuges nascidos na America, mas filhos de paes estrangeiros;

Terceira geração: Nella figuram todos os conjuges nascidos na America e netos de estrangeiros (isto é, cujos paes, *nascidos na America*, são filhos de estrangeiros).

Estas tres gerações, no grupo recenseadas por WESSEL (1.819 familias). apparecem associadas variadamente, duas a duas, formando as seis combinações seguintes:

(1 — 1): familias em que ambos os conjuges são estrangeiros (immigrantes);

(2 — 1): familias em que um dos conjuges é estrangeiro e o outro filho de estrangeiro;

(2 — 2): familias em que ambos os conjuges são filhos de estrangeiros;

(3 — 1): familias em que um dos conjuges é estrangeiro e o outro neto de estrangeiro;

(3 — 2): familias em que um dos conjuges é filho de estrangeiro e o outro neto de estrangeiro;

(3 — 3): familias em que ambos os conjuges são netos de estrangeiros.

Feita a distribuição das familias segundo este criterio classificador, WESSEL passa então a calcular os coefficients de homogeneidade e os indices de fusibilidade segundo as gerações.

IX

Primeiramente, os coefficients de homogeneidade. Para isto, elle separa, destes 1.819 casaes, aquelles em que ambos os conjuges são, por exemplo, italianos (1 — 1); ou um delles filho de italiano e outro italiano immigrante (2 — 1); ou ambos filhos de italianos (2 — 2). O mesmo faz com as outras ethnias.

Note-se: os casaes formados pela combinação (3 — 3), isto é, de netos de estrangeiros, são para WESSEL, sempre homogeneos, sejam quaes forem as ethnias de seus avós — e isto porque, segundo elle, de accôrdo com BOAS e HERDLICKA, os netos de estrangeiros, e cujos paes são nascidos no paiz, representam um typo já bastante acclimado e assimilado e devem ser, por isto, considerados “nacionaes” (*old american*). Eis porque, no quadro abaixo, em que elle resume os resultados dos seus calculos, os casaes formados pela combinação (3 — 3) apparecem como “americanos”; como taes, são considerados homogeneos, sem mais nenhuma attenção á diversidade das suas ethnias originaes:

ETHNIAS	Gerações dos ancestraes				Total
	1 - 1	2 - 1	2 - 2	3 - 3	
Americana	—	—	—	401	401
Canadense	21	2	—	—	23
Ingleza	12	4	3	—	19
Irlandeza	54	15	16	—	85
Italiana	369	8	1	—	378
Polaca	125	—	—	—	125
Portugueza	28	13	10	—	51
Russa	21	—	—	—	21
Scandinava	27	1	—	—	28
Judaica	141	—	—	—	141
Diversas	75	3	2	—	80
Totaes	873	46	32	401	1.352
Coefficientes por geração	48,0	2,5	1,8	22,0	74,8

Como se vê, o maior contingente trazido para a formação do grupo das famílias homogêneas é dado pelos elementos da primeira geração, isto é, pelos imigrantes. Estes contribuem com 48 % dos casões em geral (cerca de 64 % das famílias homogêneas). Em contraste com esta alta contribuição, os elementos da segunda geração (filhos de colonos) oferecem uma contribuição baixíssima: 2,5 % e 1,8 % (ou respectivamente 3,3 % e 2,4 % das famílias homogêneas).

Os elementos da terceira geração (americanos, por convenção), estes é certo que representam 22 % dos

casas em geral (ou cerca de 30 % das famílias homogêneas); mas este coeficiente assim elevado (embora menor do que o da primeira geração) é devido ao facto de ser o grupo (3—3) um grupo apenas convencionalmente homogêneo, mas, na realidade, profundamente heterogêneo, porque formado de descendentes provenientes de todas as ethnias recensadas. Fizessemos com os elementos deste grupo o que fizemos com os elementos das combinações (1—1) e (2—2), isto é, a sua discriminação por ethnia originaria — e o numero destes suppostos casas “homogêneos” ficaria extremamente reduzido e o seu coeficiente talvez fosse muito inferior a 1,8 %, ou mesmo nem existisse...

Em conclusão: dos calculos dos coeficientes de homogeneidade segundo as gerações, a conclusão a tirar é que, nos centros de immigração em que o *melting-pot* se constitue normalmente, a tendencia para a nupcialidade endogamica (dentro da mesma ethnia) se vae enfraquecendo á medida que se succedem as gerações. E’ possivel que esta lei nem sempre se verifique; mas, neste caso, a ethnia cae na anormalidade do “enkistamento”, á maneira dos Judeus, nos “ghettos” do velho e novo mundo. Facto que póde ter repercussões muito profundas sobre a estrutura social e politica dos centros immigratorios em estudo (10).

(10) ANDRÉ SIEGFRIED — *Les États-Unis d'aujourd'hui*, caps. I, II, III, VI, VII e VIII. Cfr. DAVIS — *obr. cit.*, cap. XII.

X

Isto para os coefficients de homogeneidade. Quanto aos indices de fusibilidade, o problema se resume nesta pergunta: — o gráu de miscibilidade, isto é, a capacidade para ligações heterogeneas entre os individuos da primeira geração (immigrantes) é o mesmo que entre os individuos da segunda geração (filho de colonos) ou entre os da terceira geração (netos de colonos)? Isto é, os filhos e netos de colonos tendem, no ponto de vista da nupcialidade, a se libertar das afinidades com as suas ethnias respectivas e a apresentar um pendor maior para as ligações exogamicas?

E' a resposta a esta pergunta que nos dará o indice de fusibilidade das gerações em cada ethnia. Este indice é mais interessante ainda que o da fusibilidade das ethnias: elle nos permite penetrar mais a fundo as intimidades do processo da mestiçagem dos varios grupos immigrants numa dada população. Realmente, se, feitos os calculos, os indices revelam que as segundas e terceiras gerações dos colonos evitam sahir das suas ethnias respectivas; que os filhos e os netos dos allemães, por exemplo, casam preferencialmente com allemães ou descendentes de allemão; que não se entrelaçam senão raramente com os elementos das outras ethnias; que o mesmo fazem italianos, polacos, russos, portuguezes, etc.; é fóra de duvida que o centro de immigração em estudo está sob o regimen das "ilhas ethnicas", com todos os inconvenientes delle decorrentes.

Para a determinação dos índices de fusibilidade das diversas gerações, o calculo é simples: basta procurar a proporção percentual dos casaes mixtos de cada geração em relação á *totalidade* dos casaes encontrados para a mesma geração. São estes os resultados de WESSEL:

GERAÇÕES	Familias em cada geração	Familias mixtas em cada geração	Índices de fusibilidade por geração $\left(\frac{b}{a}\right)$
	(a)	(b)	(c)
(1 — 1)	924	52	5,5
(2 — 1)	86	40	46,5
(2 — 2)	56	24	42,8
Totaes e indice para 1 — 2	1.066	115	10,8
(3 — 1) (*)	70	70	—
(3 — 2)	111	111	—
Outras combinações de 3 com 2 (**) ...	171	171	—
(3 — 3)	402	—	—
Totaes e indice para 3	755	352	46,8
Totaes	1.819	467	25,7

(*) Esta terceira geração é considerada nacional (norte-americana); logo as combinações (3—1), (3—2) e outras são forçosamente mixtas; dahi a identidade das parcelas nas duas columnas (a) e (b) do quadro.

(**) Por exemplo: (3—2) × (3—2) ou 3 × (3—2) e outras.

WESSEL, para formar a columna (a), separou as familias não mais pelo criterio das ethnias, mas segundo as diversas combinações de gerações. Nas 1.819 familias recenseadas, achou que 924 eram da primeira geração (1—1), isto é, resultavam de casamentos de immigrants entre si; 86 eram de immigrants com filhos de immigrants (2—1); 56 eram de filhos de immigrants com filhos de immigrants (2—2). E assim por diante. Formou por esta forma a columna (a), onde estão todos os 1.819, casaes classificados segundo as varias combinações de gerações.

Depois, WESSEL passou a formar a columna (b). Essa é uma columna especializada: contem unicamente os casaes *mixtos*, isto é, os que se formam pela combinação de elementos de ethnias differentes. Nesta columna figuram, pois, na combinação (1—1), todos os casaes constituídos por immigrants de uma ethnia com immigrant de outra ethnia. Na combinação (2—2), todas as familias formadas pelo casamento de filhos de colonos de uma ethnia com filhos de colonos de outra ethnia (por exemplo: filho de italiano com filho de allemão). Na combinação (1—2), figuram os casaes em que um dos conjuges é estrangeiro de uma ethnia (italiano, por exemplo), e o outro é filho de estrangeiro de outra ethnia (allemã, por exemplo).

E' preciso frisar novamente que, pela convenção estabelecida por WESSEL, a terceira geração é considerada americana; portanto todos os (3—3) encontrados, mesmo vindos de ethnias differentes, são considerados

homogeneos e figuram como casamentos de “americanos x americanos”. Dahi os 402 casaes, formados pelo casamento de netos de immigrants entre si (3 — 3), não serem collocados na columna (b), que é a dos casaes heterogeneos — e sim na columna (a), dos casaes em geral. E’ claro que a somma das parcelas da columna (a) deve ser igual ao total verificado das 1.819 familias recenseadas. Tambem a somma das parcelas da columna (b) deve ser igual ao total verificado das familias mixtas (isto é, 467).

Feita a analyse dos indices obtidos, nota-se que os descendentes de colonos (segunda e terceira gerações) são incomparavelmente menos exclusivistas, revelam uma capacidade exogamica incomparavelmente maior do que os seus ancestraes immigrants (primeira geração). Destes, o indice de fusibilidade é, com effeito, apenas de 5,5 %, isto é, os immigrants lançam no *melting-pot* apenas 5,5 % das suas familias; ao passo que os seus descendentes (segunda e terceira gerações) lançam no *melting-pot* quasi 50 % dos seus casaes; 46,5 %, 42,8 % e 46,8 %, respectivamente. Demais, o indice de fusibilidade de primeira e segunda gerações, consideradas em conjunto, é apenas de 10,8 %; já na terceira geração, este indice eleva-se a 46,8 %.

Compreende-se: os descendentes de estrangeiros, nascidos no paiz, tendem para a assimilação pela propria pressão uniformizadora do meio; as diferenças de lingua, de tradições, de cultura, que separavam os seus ancestraes e impediam a miscigenação, vão perdendo,

pouco a pouco, a sua força segregadora. De modo que, á medida que as gerações se succedem, a identificação cultural entre os descendentes, provindos embora das ethnias mais diversas, se faz cada vez mais completa: e a elevação do indice de fusibilidade em cada geração é apenas o reflexo, no campo da nupcialidade, desta identificação progressiva.

E' possivel que esta elevação progressiva dos indices segundo as gerações não se opere: neste caso, o que os resultados das pesquisas desvendam é uma situação de enkistamento. E a demonstração mathematica desta situação póde valer, por si só, em certos casos, como um aviso de alarme aos responsaveis pelo governo do paiz.

Foi o que aconteceu com os Estados Unidos. Todo o fundamento da sua actual politica immigratoria e da sua campanha nacionalizadora repousa numa revelação destas, na revelação de um estado de enkistamento, de que só a guerra tornou conscientes os americanos:

— “Immediata e decisiva foi a impressão produzida pela guerra européa — diz ANDRÉ SIEGFRIED, estudando a “crise de assimilação” da America —; como uma revelação subita, a falta de unidade da nação appareceu aos olhos dos americanos conscientes. Centenas de milhares, de milhões de estrangeiros, que elles se jactavam de ter “americanizado”, não o estavam realmente. Em face da guerra européa, a reacção delles foi allemã, austriaca, hungara ou franceza. Com taes cidadãos, os Estados Unidos iam-se convertendo num mo-

saico, corriam o risco de não serem mais uma nação. Os italo-americanos, na controversia de Fiume, ou teuto-americanos, na campanha presidencial de La Folette, conservaram-se, antes de tudo, italianos e allemães” (11).

XI

Ha, portanto, em relação ás leis de *melting-pot*, nos paizes de immigração, tres ordens de pesquisas a fazer, como se vê do methodo demographico de BLOOM WESSEL:

a) *determinação dos coefficients de homogeneidade*, isto é, a maior ou menor refractariedade das ethnias ao *melting-pot*. Estes coefficients nos auxiliam a determinar o grau de insulamento ou enkistamento das ethnias. Delles se pôdem inferir suggestões de ordem administrativa no sentido de reduzir esta condição de enkistamento ou de resistencia á assimilação;

b) *determinação dos coefficients de fusão*, isto é, discriminação percentual dos elementos constitutivos do *melting-pot*. Ha que discriminar as ethnias que estão contribuindo para elle e qual o tamanho da parcella com que cada uma contribue. E' importante

(11) SIEGFRIED — *obr. cit.*, page. 10-12. Cfr. caps. II e III. O mesmo se deu, aqui, com os “descendentes” de allemães no Paraná e em Santa Catharina: v. pg. 167, nota 12.

para o conhecimento da evolução ethnica do grupo; porque a ethnia que contribue com a maior parcella tem probabilidades de impôr ao grupo em elaboração no *melting-pot*, não apenas o seu "typo morphologico", mas tambem o seu "typo pscologico" e o seu "typo de cultura";

c) *determinação do indice de fusibilidade.* Estes indices nos permitem conhecer o grau de nupcialidade exogamica dos elementos de cada ethnia. E' elle que nos dá meios de calcular as possibilidades de assimilação das ethnias e as possibilidades da sua influencia no grupo em fusão. Uma ethnia, numericamente menos importante do que uma outra, póde lançar, entretanto, no *melting-pot* uma parcella incomparavelmente muito maior — e isto devido a possuir uma capacidade exogamica mais alta. No ponto de vista da assimilação das "culturas" e da mestiçagem dos "typos anthropologicos", este indice é, pois, da maior significação.

CAPITULO V

Os grupos arianos ao sul e a sua tendencia á assimilação

SUMMARIO — I. Os nossos methodos estatisticos: suas deficiencias. Indiscriminações e confusões. Discriminações a fazer. — II. Coefficientes de homogeneidade: calculos para o Rio Grande do Sul e São Paulo. Razão do baixo coefficiente de fusão no Rio Grande. — III. Calculo da distribuição percentual dos nubentes por ethnias. — IV. O “melting-pot” no Rio Grande e em São Paulo: sua determinação. — V. Discriminação e analyse dos elementos formadores dos dois “melting-pots”: o rio-grandense e o paulista. — VI. Relação entre a população e o “melting-pot”. Diferenças possiveis entre a composição de um e de outro. Causas que facilitam ou embaraçam a formação do “melting-pot”. — VII. Os indices de fusibilidade: calculos. Indices de fusibilidade das ethnias em São Paulo. Idem no Rio Grande do Sul. O syrio e o japonês em São Paulo: sua fusibilidade. — VIII. Os “descendentes” e o problema da selecção matrimonial.

O que a analyse mathematica revela no "melting-pot" paulista. — IX. O "melting-pot" e o phenomeno da "polarização" das ethnias affins. — X. O problema da assimilação dos immigrants e a resistencia das ethnias estrangeiras á assimilação. Modalidades por que esta resistencia se manifesta. — XI. Os problemas do "melting-pot" e a rotina dos nossos methodos estatisticos. Critica.

REALIZAR sobre nosso *melting-pot* uma analyse mathematica, á maneira do que fez WESSEL para New London, é operação impossivel se tivermos que jogar apenas com os dados das nossas estatisticas demograficas. Nestas, a technica adoptada gera discriminações taes que impossibilitam inteiramente qualquer estudo mais penetrante e detalhado do nosso plasma racial.

I

Os immigrantes, por exemplo, não apparecem discriminados por *zonas de origem* — e apenas por *nacionalidades*. Ora, isto reduz de muito o campo das possibilidades de determinação aproximada dos typos anthropologicos e culturaes. O italiano do norte e o italiano do sul, o allemão do norte e o allemão do sul apparecem sob uma rubrica commum: são todos “italianos” ou “allemães”. Entretanto, não só no ponto de vista social, como no ponto de vista anthropologico, estes dois grupos differem muito. Nos Estados Unidos, os italianos do Norte (Lombardia, Veneto, Piemonte, etc.) se revelam tão distinctos culturalmente dos italia-

nos do sul (Calabria, Sicilia, Basilicata, etc), que se tem a impressão, segundo ROY GARIS, de que são provin- dos de duas civilizações diferentes (1). No Brasil, sabemos que os imigrantes italianos, que colonizaram inicialmente o Rio Grande do Sul, eram quasi todos das regiões do norte, principalmente do Veneto, do Tyrol e da Lombardia; como sabemos que os que affluem, modernamente, para São Paulo são originarios principal- mente das regiões do sul; mas sabemos-o atravez das pesquisas deste ou daquelle investigador — e não por- que nol-o houvessem dito as nossas repartições de estatistica (2). No entanto, a determinação destas ori- gens geographicas tem a maior significação para uma justa apreciação dos phenomenos do nosso *melting-pot*, quer nos seus aspectos ethnographicos, quer nos seus aspectos anthropologicos.

Outra indiscriminação, de consequencias ainda mais embaraçantes e perturbadoras, é a que se refere ao grupo rotulado em nossas estatisticas com o titulo de “brasileiros” ou “nacionaes” Neste grupo apparecem reunidas sob uma mesma denominação certas categorias de individuos que os demographistas contemporaneos

(1) ROY GARIS — *Immigration Restriction*, 1927, pags. 211-2.

(2) BARRA (G.) — *La vita spirituale della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud* (in “Cinquantenario della Colo- nizzazione italiana del Rio Grande del Sud”, Porto Alegre, 1925, pags. 55 e segs.).

mais avisados julgam ser necessario distinguir com exactidão. E' assim que as nossas estatisticas officiaes incluem, sob a rubrica commum de *brasileiros*:

a) os *brasileiros de origem*, cujos antepassados, no minimo os quatro avos, nasceram no Brasil. São os *brasileiros genuinos*, os "quatro costados", os "cento por cento" nacionaes, á maneira dos *old americans* de HERDLICKA. Nas estatisticas americanas são os que formam o grupo dos "*natives of american parentage*";

b) os *filhos de estrangeiros*, nascidos no Brasil. Nas estatisticas americanas este grupo apparece sob a discriminação de "*native of foreign parentage*";

c) os *estrangeiros naturalizados*. Entre os americanos, elles formam o grupo dos "*full-naturalized*".

Nossas estatisticas, como se vê, fundem estes tres grupos num só, como se elles fossem a mesma cousa ou como se apresentassem entre si pouca differença. Para os dados relativos ao norte do paiz, esta indiscriminação não offerece grande inconveniente: dada a escassez de elementos estrangeiros alli, este grupo "*brasileiro*" é formado, na sua quasi totalidade, de *brasileiros genuinos*, presos á terra por varias gerações de antepassados. Nos dados relativos ás regiões do sul, porém, onde estão os nossos grandes centros de immigração estrangeira, já não se dá a mesma cousa: esta indiscriminação difficulta extremamente a analyse demographica; torna mesmo inseguras as suas conclusões.

Na verdade, hoje, quer as sciencias da Sociedade, quer as sciencias do Homem, reconhecem que estes tres

grupos são muito distinctos entre si e que é prudente discriminá-los.

Em relação ao estrangeiro “naturalizado”, por exemplo. Elle nunca é integralmente nacional, nem sob o ponto de vista cultural, nem sob o ponto de vista biológico. Sob o ponto de vista cultural, ha neste adoptivo sempre qualquer cousa que resta ou subsiste da sua mentalidade originaria; a sua identificação com a nova patria é mais apparente do que real. Os americanos do norte tiveram durante a guerra a prova disto: os seus milhões de “naturalizados”, parecendo perfeitamente americanos na mentalidade e nos costumes, sentiram-se subitamente, ao estalar a guerra, com surpresa talvez delles proprios, e apesar do tremendo poder absorptivo do meio yankee, que continuavam a ser, como dantes, allemães, francezes, inglezes, austriacos...

Sob o ponto de vista biológico, o estrangeiro, mesmo naturalizado, é sempre um organismo em crise de adaptação: a sua physiologia de homem de climas frios tem que operar o seu reajustamento ás condições de novo meio tropical. Ora, nem sempre o seu organismo tem a plasticidade bastante para realizar com exito esta evolução adaptiva (3). São justamente as variações de capacidade adaptativa que se reflectem nas variações dos indices de morbidade, de mortalidade, de longevidade de cada individuo, de cada raça, de cada ethnia.

(3) v. HUNTINGTON — *Climate and Civilisation*, 1922, cap. III; RIPLEY — *The races of Europa*, 1923, pags. 160-89.

E' absurda, pois, esta identificação entre os dois grupos: o dos *brasileiros de nascimento* e o dos *estrangeiros naturalizados*.

Não é menos absurda a identificação entre os *brasileiros genuínos* (cento por cento brasileiros) e os *filhos de estrangeiros*. Certo, pela nossa Constituição, estes descendentes (2.^a geração de WESSEL) são considerados brasileiros. Esta identificação, porém, deve ficar restricta apenas ao campo dos direitos civis e politicos; mas, transportada para o campo da demographia, revela-se inconveniente. Social e biologicamente, é preciso distinguir, do grupo dos *old brazilians*, estes "descendentes".

Socialmente, com effeito, o filho do immigrante, principalmente quando vindo de ethnias exclusivistas, nunca está inteiramente dentro da mentalidade da nova ethnia. Por meio de uma analyse psicologica sagaz, os sociologos modernos conseguem discriminar na sua mentalidade residuos e ligações subteis, que mostram que este "néo" não está inteiramente fóra do grupo ancestral donde proveio. Dahi, o typo do "marginal man"

(4) v. PARK — *Human migration and the marginal man* ("Amer. Journal of Sociology", 1928, pg. 881); PLUYETTE — *La doctrine des races et la selection de l'immigration*, pg. 84-89; STONEQUAST — *The problem of marginal neau* (in *Amer. Journal of Sociology*, julho 1935);

Cf.: SPEAK — *The meaning of nationality and americanization* (idem, 1926, pag. 237); SMITH (W.) — *Changing personality traits of second generation orientals in America* (idem, 1928, pag. 894);

de PARK, engenhado justamente como a expressão representativa desta identificação imperfeita (4).

Biologicamente, os descendentes dos immigrants europeus, fixados nos tropicos, são tambem organismos em crise de adaptação, embora muito mais proximas da adaptação final do que os seus ancestraes immigrants. Mas, a sua resistencia vital no novo meio, onde surgiu, não é egual á dos nativos genuinos. Porque, como é sabido, o que as estatisticas coloniaes comparativas revelam é que é justamente sobre a descendencia dos europeus nos tropicos que a selecção tellurica exerce o seu escrutinio mais severo (5).

Confundindo, pois, estas tres categorias distinctas — “brasileiros nativos”, “descendentes de estrangeiros” e “estrangeiros naturalizados” — as nossas estatisticas, principalmente as demographo-sanitarias, cream aos investigadores difficuldades insuperaveis. Ellas não nos permitem chegar, pela simples analyse dos dados, ao calculo dos indices differenciaes de vitalidade (morbidade, mortalidade adulta, mortalidade infantil, mortinatalidade, longevidade, etc.) dos colonos e dos seus

GOSNELL — *Non-naturalisation: a study in political assimilation* (idem, pag. 930); CLARK (C.) — *Some indices of urbanization in two Connecticut Rural towns* (“Social Forces”, 1931, pag. 409); WIRTH (L.) — *Culture conflict and misconduct* (idem, 1931, pag. 487).

(5) v. HUNTINGTON — *obr. cit.*, cap. III; RIPLEY — *obr. cit.*, pags. 560-89. E’ ponto exhaustivamente estudado em *O arya no no Brasil*.

descendentes em confronto com os velhos elementos nativos.

Equivale dizer que, para os objectivos da biologia differencial das raças estrangeiras em nosso meio, os dados demographicos fornecidos pelas nossas repartições officiaes são absolutamente imprestaveis. Tambem o são, como vamos vêr, para os objectivos da anthropologia differencial das ethnias, para o estudo cultural do nosso *melting-pot* — para a analyse estatistica dos phenomenos de assimilação e da nacionalização de estrangeiros.

II

Nos quadros estatisticos relativos aos nossos grandes centros de colonização, como são São Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, não se discriminam, com effeito, em relação ao grupo brasileiro, os brasileiros genuinos dos estrangeiros naturalizados; me nos ainda as diversas gerações de immigrants; nem mesmo a 2.^a geração, como fazem os americanos. Dahi, a impossibilidade de um estudo do *melting-pot*, já não diremos á maneira de WESSEL, que vae até a 3.^a geração (netos de immigrants), mas mesmo em relação ás segundas gerações nascidas em nosso solo (filhos de immigrants). O allemão naturalizado e os descendentes de allemães; o italiano naturalizado e os descendentes de italianos; o luso naturalizado e os descendentes de lusos; o syrio naturalizado e os descendentes de syrios; o japonéz naturalizado e os descendentes de japonezes;

tudo isto, toda esta congerie heterogenea e heteromorpha apparece em nossas estatisticas confundida com os velhos elementos nativos, englobados num grupo unico: "brasileiros". Todas as possibilidades para calcularmos os coefficients de homogeneidade, os coefficients de fusão, os indices de fusibilidade destas segundas e terceiras gerações de colonos, a velocidade crescente da sua precipitação no *melting-pot*, ficam-nos assim vedadas. De modo que estes calculos só nos é possivel realizal-os sobre dados relativos ás primeiras gerações (immigrantes).

Foi o que fizemos. Para isto, tomamos dois grandes campos immigratorios: o Rio Grande do Sul e São Paulo. Em relação ao Rio Grande do Sul, servimo-nos das estatisticas relativas ao triennio de 1925 a 1927; para São Paulo apenas das do anno de 1924. E' evidentemente pouco. Logicamente, os calculos, para permitirem inferencias seguras, deviam abranger um periodo de dois decennios, no minimo; mas, nada disto está feito nas estatisticas officiaes — e fazel-o por nós mesmos representaria um esforço demasiadamente penoso para ser realizado individualmente. Os resultados que conseguimos obter são menos um trabalho definitivo do que uma demonstração do muito que seria possivel fazer neste campo fascinante de investigações.

Baseados nas estatisticas estaduaes de nupcialidade dos periodos referidos, conseguimos recensar 38.236 casaes ou 76.472 nubentes para São Paulo e 49.466 casaes ou 98.932 nubentes para o Rio Grande do Sul.

Para a composição destes casaes concorreram varias ethnias, das quaes, com maiores contingentes, a brasileira, a italiana, a portugueza, a hespanhola, a allemã, a austriaca, a russa, a polaca, a syria e a japoneza. Estas duas ultimas sómente relativas a São Paulo.

Depois de termos feito a discriminação dos nubentes por ethnias, separamos os casaes homogeneos, isto é, os casaes formados por elementos da mesma ethnia. Em seguida, procuramos calcular, á maneira de WESSEL, os respectivos coefficients de homogeneidade. Foram estes os resultados encontrados para os dois Estados:

TABELLA I

COEFFICIENTES DE HOMOGENEIDADE PARA O ESTADO DE S. PAULO (1924)

ETHNIAS	Casaes homogeneos	Numero dos nubentes	Coefficientes de homogeneidade
Brasileira	29.254	58.508	76,48 %
Italiana	556	1.112	1,45 %
Hespanhola	1.072	2.144	2,80 %
Portugueza	829	1.658	2,16 %
Allemã	82	164	0,21 %
Austriaca	26	52	0,06 %
Japoneza	12	24	0,03 %
Syria	171	342	0,44 %
Diversas	9	18	0,09 %
Casaes homogeneos .	32.011	64.022	83,70 %
Casaes mixtos	6.235	12.470	16,30 %
Total	38.246	76.492	100,00 %

TABELLA II

COEFFICIENTES DE HOMOGENEIDADE PARA O ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL (1925-7)

ETHNIAS	Casaes homogeneos	Numero dos nubentes	Coefficientes de homoge- neidade
Brasileira	46.357	92.714	93,71 %
Allema	188	376	0,36 %
Italiana	94	188	0,19 %
Portugueza	38	76	0,07 %
Hespanhola	15	30	0,03 %
Diversas	108	1.016	1,02 %
Casaes homogeneos .	47.200	94.400	95,40 %
Casaes mixtos	2.266	4.532	4,50 %
Total	49.466	98.932	100,00 %

Logo á primeira inspecção, vê-se que são altissimos, para S. Paulo e para o Rio Grande, os coefficients geraes de homogeneidade: respectivamente 83,70 % e 95,40 %. O coefficiente de São Paulo se aproxima muito do coefficiente dos Estados Unidos, achado por DRASCHLER; mas, no Rio Grande, a percentagem dos casaes homogeneos chega a 94,5 %. Por mais um pouco chegaria a 100 % — isto é, infusibilidade total das ethnias...

Tudo isto é um tanto desconcertante. Não se póde comprehender que, em centros immigratorios de alta tensão, como o gaúcho e o paulista, em que o trabalho das interfusões ethnicas é facto de observação commum, o calculo mathematico dos respectivos *melting-pots*, revele tamanha insufficiencia de contacto entre as diversas ethnias, especialmente com a brasileira.

Esta, só por si, quasi que cobre a totalidade do coefficiente geral de homogeneidade dos dois Estados; a parcella restante ás outras ethnias é insignificante, quasi nulla. Nos 83,70% dos casaes homogeneos de São Paulo, 76,4 % pertencem, com effeito, á ethnia brasileira, restando apenas 7,22 % para as outras ethnias. Nos 95,40 % do Rio Grande do Sul, os brasileiros contribuem com 93,71 %, ficando apenas uma pequenissima fracção, cerca de 1,69 %, para ser distribuida pelas outras ethnias.

Qual a razão desta altissima percentagem que cabe á ethnia brasileira? Tudo parece indicar que é consequencia daquella absurda indiscriminação acima alludida, adoptada pelas nossas repartições de estatisticas. Realmente, em São Paulo, como no Rio Grande do Sul, na composição do grupo "brasileiro", como já observamos, aos *old brazilians*, presos á terra pelos quatro costados, reúnem-se, não apenas os "estrangeiros naturalizados" (que são, aliás, sempre uma pequena parcella), mas principalmente o numeroso grupo dos "descendentes", filhos de estrangeiros (tuto-brasileiros, italo-brasileiros, luso-brasileiros, hispano-brasileiros, slavo-brasi-

leiros, etc.). Ora, estes descendentes formam um nucleo extremamente heterogeneo, de elementos que se mesclam entre si, formando casaes, grande parte dos quaes são mixtos (combinações 2—2 e 2—3, pelo critério de WESSEL). Como estes descendentes são considerados indiscriminadamente *brasileiros*, os casaes por elles formados tambem o são e nas estatisticas respectivas passam logicamente como “homogeneos” e vão engrossar o numero dos casaes “brasileiros”, juntando-se aos velhos elementos nativos. Dahi os altos coefficients de homogeneidade que achamos para a ethnia brasileira em São Paulo e no Rio Grande.

Estabelecido, porém, como fez WESSEL, o critério da discriminação por ethnia originaria para todos estes casaes de descendentes (2 — 2, (2 — 3), veriamos logo que aquelles dois altos coefficients de homogeneidade, 83 % e 95 %, que cabem respectivamente, no Rio Grande e em São Paulo, ao grupo nacional, se reduziriam bruscamente, attingindo niveis incomparavelmente mais baixos. Talvez, pelo menos no extremo-sul, aos 22 % encontrados por WESSEL em New London.

Isto para a ethnia brasileira. Para as outras ethnias, a contribuição de cada uma varia nos dois Estados. Em São Paulo, os hespanhóes e os portuguezes apresentam uma contribuição de casaes homogeneos maior do que os italianos. Estes revelam uma tendencia menos accentuada do que os seus co-irmãos latinos, como veremos, para a nupcialidade endogamica; parecem,

portanto, mais susceptíveis de fusão. Os outros grupos, allemães, austriacos, etc., representam parcelas muito diminutas, naturalmente devido á sua pequena importancia demographica no grupo paulista — e não á sua menor fusibilidade.

No Rio Grande do Sul, os coefficients differenciaes por ethnia dão aos allemães um numero de familias homogeneas (0,36%), maior do que ás outras ethnias: a italiana (0,19%), a espanhola (0,03%), a portugueza (0,07%). Os allemães são, no extremo-sul, cerca de 18.000; os italianos devem orçar em cerca de 50.000; ora, assim sendo, esta contribuição maior dos allemães (0,36%), em casaes homogeneos, maior do que a dos italianos (0,19%), exprime realmente uma maior tendencia, alli, dos allemães para nupcialidade dentro da sua ethnia. E' o que veremos adiante, quando apurarmos os indices de fusibilidade das diversas ethnias.

III

Passemos agora ao objectivo principal do nosso trabalho, que é a determinação do *melting-pot* dos dois Estados, isto é, o seu coefficiente de fusão e os seus indices de fusibilidade.

Faz-se preciso, para chegarmos a estes resultados, uma operação preliminar: o calculo do numero global dos nubentes (dos casaes homogeneos e dos casaes mixtos) e depois a determinação da sua distribuição por

ethnia. Os nossos calculos dão 98.932 nubentes para o Rio Grande do Sul e 76.472 para São Paulo. Eis a distribuição que encontramos segundo as diversas ethnias:

TABELLA III

DISTRIBUIÇÃO DAS ETHNIAS DA NUPCIALIDADE PAULISTA DE 1924 E RIOGRANDENSE DE 1925-27

ETHNIAS	SÃO PAULO		RIO G. DO SUL	
	Nubentes	%	Nubentes	%
Brasileira	63.924	83,57	95.208	96,23
Italiana	3.264	4,26	666	0,68
Hespanhola	3.816	4,85	143	0,14
Portugueza	3.461	4,52	345	0,34
Allema	259	0,33	922	0,93
Austriaca	202	0,26	—	—
Japoneza	49	0,06	—	—
Syria	526	0,68	—	—
Diversas	991	1,29	1.648	1,67
Total	76.472	100,00	98.932	100,00

Na matrimonialidade dos paulistas para 1925, 83,67 % dos nubentes são “brasileiros” (isto é, brasileiros genuínos+descendentes de estrangeiros+estrangeiros naturalizados); 16,33 % são estrangeiros (imigrantes). Na matrimonialidade riograndense, esta

proporção de nubentes “brasileiros” sóbe a 96,23%, deixando pouca margem (3,77 %) á contribuição das ethnias estrangeiras.

Em relação a estas, vemos que as tres ethnias latinas — a italiana, a hespanhola, a portugueza — preponderam em São Paulo, só ellas absorvendo 13,63 % dos 16,43 % que cabem alli ás ethnias estrangeiras. Syrios, japonezes, allemães, austriacos e outros, estes concorrem apenas com menos de 2,80 % ou sejam 5.488 individuos para a composição desses 76.472 nubentes recenseados. O grupo paulista é, pois, muito nitidamente latino.

No Rio Grande do Sul, os brasileiros só elles concorrem, nesta massa de 98.932 nubentes recenseados, com a formidavel cifra de 95.208 ou sejam 96,23 %. O coeﬃciente reservado ás ethnias estrangeiras é muito pequeno e a contribuição dellas á nupcialidade já é menos exclusivamente latina. Os nubentes allemães representam, com eﬀeito, cerca de 0,93 %; ao passo que os italianos, os portuguezes e os hespanhoes apenas, respectivamente, 0,68 %, 0,34 % e 0,14 % ou, em conjunto: 1,15 %. Ha, pois, da parte das tres ethnias latinas, uma superioridade apenas de 0,23 % sobre a contribuição allemã. Considerando, porém, que no grupo “Diversos” (1,67%) estão comprehendidos, além de outros elementos estranhos, os polacos e os russos, em numero aproximado de 20.000, verificamos que, no extremo-sul, em relação á nupcialidade, os allemães e slavos, quando reunidos, superam de muito o grupo

latino: 2,5 % contra 1,15 %. Os allemães, aliás, revelam uma capacidade matrimonial maior: são 18.000 e dão 0,93 % á nupcialidade geral; já os italianos, que são 50.000, dão apenas 0,68 %. Esta inferioridade talvez seja devido ao facto dos italianos emigrarem, em regra, por familias e não por individuos, em contraste com o allemão, que, em regra, vem solteiro (6).

IV

Determinado, por um lado, o numero de nubentes que formam a totalidade dos casaes (homogeneos e mixtos) nos periodos referidos e já conhecidos, por outro, egualmente, o numero de nubentes que formam os casaes homogeneos, temos agora os elementos necessarios para chegarmos ao calculo dos casaes mixtos e a consequente determinação do *melting-pot*. Tudo se resume em subtrahir, dos totaes encontrados para a nupcialidade geral os elementos encontrados para a nupcialidade homogenea; o residuo representará logicamente os elementos dos casaes não homogeneos contidos nestes totaes, isto é, os individuos que se ligaram exogamicamente, em ethnias diversas da sua; portanto, constitutivos do *melting-pot*.

São estes os resultados do calculo, com os respectivos coefficients de fusão para as diversas ethnias:

(6) ALFREDO ELLIS — *Pedras Lascadas*, 1928, pag. 274.

TABELLA IV

O MELTING-POT PAULISTA (1924)

ETHNIAS	Nubentes em geral	Nubentes dos casoes homogeneos	Melting-pot (a-b)
	%	%	%
	(a)	(b)	(c)
Brasileira	83,57	76,48	7,09
Italiana	4,26	1,45	2,81
Hespanhola	4,85	2,80	2,05
Portugueza	4,52	2,16	2,36
Allema	0,33	0,21	0,12
Austriaca	0,26	0,06	0,20
Japoneza	0,06	0,03	0,03
Syria	0,68	0,44	0,24
Diversas	1,29	0,09	1,20
Total	100,00	83,70	16,30
Coefficiente geral de homogeneidade			83,70 %
Coefficiente geral de fusão			16,30 %
			100,00 %

TABELLA V

O MELTING-POT RIOGRANDENSE (1925-27)

ETHNIAS	Nubentes em geral	Nubentes dos casas homo- geneas	Melting-pot (a—b)
	%	%	%
	(a)	(b)	(c)
Brasileira	96,23	93,71	2,52
Allema	0,93	0,36	0,57
Italiana	0,68	0,19	0,49
Portuguesa	0,34	0,07	0,27
Hespanhola	0,14	0,03	0,11
Diversas	1,67	1,02	0,65
Total	100,00	95,40	4,60
Coefficiente geral de homogeneidade			95,40 %
Coefficiente geral de fusão			4,60 %
			100,00 %

O primeiro ponto a accentuar é, como já observamos, o volume extremamente reduzido do nucleo em fusão (*melting-pot*) nos dois Estados. Em São Paulo: 16 %. No Rio Grande: apenas 4,60 %.

Como se explica este baixissimo coefficiente de fusão, não diremos para São Paulo, mas para o Rio Grande do Sul? E' na verdade surpreendente. Todos nós sempre imaginamos o extremo-sul como um campo

maravilhoso de assimilação de estrangeiros: as varias ethnias alli affluentes se deviam estar caldeando intensamente. Entretanto, feitos os calculos, o que encontramos parece indicar uma situação opposta: as ethnias alli em contacto dão a impressão de que se isolam, como que vivendo sob um regimen de exclusivismo endogamico accentuado. Um *melting-pot* de 3,6 % é realmente quasi a inassimilação absoluta, o enkistamento total...

Não será porém, tudo isto apenas uma apparencia? não será este baixo coefferiente uma illusão creada pelas deficiencias já apontadas dos nossos methodos demographicos?

E' o que parece mais provavel. Realmente, os calculos que fizemos para determinar, no extremo-sul, a nupcialidade homogenea de cada ethnia nos deu, como vimos, um coefferiente de 93,71 % para o grupo "brasileiro". Acontece, porém, que nestes 93,71 % dos casaes homogeneos "brasileiros" estão incluídos casaes realmente heterogeneos, porque formados por elementos das segundas e terceiras gerações de immigrants de ethnias differentes. Por exemplo: filhos de italianos × filhos de allemães; netos de hespanhoes × filhos de portuguezes; filhos de polacos × filhos de austriacos; e assim por diante e em outras combinações analogas. Pelo criterio de WESSEL, estes casaes seriam evidentemente heterogeneos e deviam ser inscriptos na columna (c), que representa o *melting-pot*, e não na columna (b), que representa os casaes homogeneos. Entretanto, como nas estatisticas estaduaes figuravam como casa-

mentos de “brasileiros \times “brasileiros”, tivemos que incorporal-os ao grupo brasileiro, na columna dos casacs “homogeneos” (b), que soffreu assim uma elevação artificial, uma inflação forçada. Ora, esta inflação só poderia operar-se á custa da parcella dos casacs heterogeneos (*melting-pot*), que consequentemente se reduziu. Dahi este pequenissimo coefficiente de 4,60 %, que encontramos para o *melting-pot* riograndense, claramente inferior á realidade.

Não podemos, contudo, fugir a esta conclusão: o processo de acculturação e miscigenação das ethnias em São Paulo é mais extenso e profundo do que no Rio Grande do Sul. O *melting-pot* riograndense absorve, como vimos, 4,60% da nupcialidade geral; já a paulista absorve 16,30 % — o que dá um coefficiente quasi quatro vezes maior do que o do extremo-sul. Não se pôde attribuir esta divergencia á diversidade dos criterios na collecta estatistica. Estes são os mesmos nos dois Estados; num e noutro as segundas gerações se integram no velho grupo dos *old brazilians* e com elle se confundem; num e noutro não se distinguem os brasileiros natos dos brasileiros naturalizados. Dada esta identidade de processos estatisticos, a conclusão a tirar desta enorme differença entre os dois coefficientes estaduaes de miscigenação (16,30 e 4,60) é que ha, com effeito, no *melting-pot* paulista, em confronto com o do extremo-sul, um poder absoritivo maior, numa capacidade maior de assimilação e fusão dos elementos estrangeiros alli confluentes.

V

Estas observações referem-se aos dois *melting-pots* considerados em globo, no seu valor absoluto. E' preciso fazer agora a analyse discriminatória do seu conteúdo, isto é, determinar:

- a) quaes as ethnias que contribuem para elle;
- b) qual o tamanho da contribuição de cada uma.

Sob este aspecto, os dois *melting-pots* — o paulista e o riograndense — offerecem caracteristicos muito diversos e profundamente significativos.

Em primeiro logar, em ambos os *melting-pots*, são os "brasileiros" que contribuem com a maior parcella. No paulista, elles contribuem com 7,09 %; quasi a metade dos 16,30 % que cabem ao nucleo em fusão. No riograndense, elles vão além e a sua parcella de contribuição é de 2,52 %, isto é, um pouco mais da metade do coefficiente geral de miscigenação, que é de 4,60 %.

Póde-se dizer então de um modo geral que a ethnia brasileira concorre com 50 % mais ou menos dos elementos que se entrelaçam fóra das suas respectivas nacionalidades. Certo, estes elementos com tendencias exogamicas não são infelizmente muito numerosos, como vimos dos baixos coefficientes de fusão 16,30 % e 4,60 %, respectivamente para São Paulo e Rio Grande; comtudo, mesmo para este nucleo assim tão reduzido, são os brasileiros que levam o contingente mais consideravel.

Esta superioridade dos elementos brasileiros nos dois *melting-pots* servirá para nos assegurar futuramente a preponderancia dos nossos caracteres culturaes? E' o que não sabemos, é que só poderia ser respondido depois de calculados os coefficients de homogeneidade por geração. Com os dados actuaes, qualquer resposta affirmativa será temeraria — porque, nestes 50 % que nos cabem, grande parte, no extremo-sul pelo menos, talvez esteja presa ainda á lei das suas ethnias originarias (7).

E os elementos estrangeiros? Quaes os que trazem maiores contingentes ao *melting-pot*?

Neste ponto, o grupo paulista differe sensivelmente do riograndense. Certo, não encontramos, nem em São Paulo, nem no Rio Grande, nenhuma ethnia infusivel, como a judaica, em New London; mas o *melting-pot* do sul não tem a mesma composição do paulista. Este, no tocante á participação estrangeira, tem uma caracterização nitidamente latina: os elementos principaes que alli confluem são os italianos (2,81 %), os portuguezes (2,35 %) e os hespanhóes (2,05 %); ao todo, 7,22 %. Como os brasileiros entram com 7,09 %, a contribuição das quatro ethnias representa 14,31 % dos 16,30 % que cabem alli ao *melting-pot*. Ficam, portanto, apenas 1,99 % para a contribuição dos outros elementos: allemães, austriacos, syrios, japonezes, etc.

No Rio Grande, o *melting-pot* já não offerece esta preponderancia tão accentuada dos elementos latinos:

(7) v. pg. 167, nota 11 em apoio desta conjectura.

os germanos, associados aos slavos, ahí apparecem como concorrentes poderosos.

Realmente, nem o italiano, nem o hespanhol, nem o portuguez superam individualmente, no sul, o germano: este entra para o *melting-pot* com um contingente (0,57 %) incomparavelmente maior do que o de qualquer das tres ethnias latinas (0,49, 0,27 e 0,11%, respectivamente). Certo, os latinos reunidos sommam 0,87 % e superam o contingente germanico, isoladamente considerado; mas é preciso levar em conta a contribuição do grupo "Diversos", onde figuram principalmente os contingentes polacos e russos. Ora, estes slavos reunidos aos germanos sobrepujam vantajosamente o grupo latino: 1,32 % contra 0,87 %. Em synthese: no extremo-sul, o *melting-pot* está destinado a offerecer características ethnographicas e anthropologicas muito mais interessantes do que no grupo paulista. E' mais rico em ethnias, como vimos; portanto, mais abundante em typos morphologicos e em typos culturaes. Os resultados emergentes, no ponto de vista da hybridação das culturas, como no ponto de vista da hybridação das raças, serão, pois, incomparavelmente mais variados e complexos.

VI

E' preciso observar que nem sempre ha identidade entre a composição de um dado *melting-pot* e a composição da população dentro da qual elle se forma. Nesta as ethnias podem apparecer em proporção muito diver-

sa da proporção com que apparecem naquelle. O contingente que cada ethnia lança no *melting-pot* está dependendo de varios factores: volume demographico da ethnia; maior ou menor matrimonialidade geral; maior ou menor matrimonialidade exogamica, etc. Uma ethnia póde representar um contingente importantissimo na população e dar, entretanto, uma contribuição infima ao *melting-pot* — e isto porque possui um indice de nupcialidade exogamica reduzido.

Imagine-se, por exemplo, uma população composta de tres ethnias apenas: a judaica, a portugueza e a hespanhola, esta com o volume de 10.000 individuos e um indice de fusibilidade de 70 %; a portugueza com um volume de 10.000 individuos e um indice de fusibilidade de 50 % e a judaica com um volume de 100.000 individuos e um indice de fusibilidade de 3 %. Os tres grupos estariam representados assim na população e no *melting-pot*:

ETHNIAS	População	Indices de fusibilidade	Melting-pot
Judaica	100.000 (83 %)	3 %	3.000 (20 %)
Portugueza	10.000	50 %	5.000
Hespanhola	10.000 (17 %)	70 %	7.000 (80 %)
Total	120.000		15.000

Como se vê, no caso em hypothese, o grupo em fusão (*melting-pot*) é diferente da população da qual se origina. Esta é nitidamente judaica na sua estru-

ctura: 83 % de judeus contra 17 % de ibericos. O *melting-pot*, entretanto, é nitidamente iberico: 80 % de ibericos contra 20 % de judeus. Póde acontecer mesmo que uma ethnia, que figura na população, não figure no *melting-pot*: é o caso dos judeus em New London, com um coefficiente de miscigenação igual a 0. Não se póde, pois, da proporção das ethnias do *melting-pot* inferir-se a proporção dellas na população, ou vice-versa: a diversidade dos indices de fusibilidade pode invalidar inteiramente uma ou outra destas inferencias.

VII

Esta maior ou menor rapidez no affluir para o *melting-pot*, esta fusibilidade maior ou menor das ethnias está dependendo de uma infinidade de factores, que não apenas o seu volume numerico na população geral. Ha o factor raça: é o caso dos negros nos Estados Unidos. Ha o factor religião: é o caso dos judeus na Europa e no mundo. Ha os factores decorrentes da diversidade de formação ethnographica: lingua, cultura, tradição. Ha os factores decorrentes da diversidade da composição demographica e anthropologica das ethnias: proporção maior ou menor de immigrants solteiros; proporção maior ou menor de immigrants casados; maior proporção de mulheres; maior proporção de varões; belleza plastica das raças componentes; *status* social dos immigrants. Tudo são factores, uns cla-

ros, outros obscuros, uns patentes, outros latentes, que influem sobre a maior ou menor facilidade com que esta ou aquella ethnia se entrelaça com outras ethnias e se precipita no *melting-pot*.

E' o que acontece aqui para as ethnias estrangeiras affluentes em São Paulo e no Rio Grande: o calculo dos indices de fusibilidade revela uma grande diversidade entre ellas no ponto de vista da aptidão exogamica. Eis aqui os calculos respectivos e os varios indices encontrados para ambos os Estados:

TABELLA VI

INDICES DE FUSIBILIDADE PARA S. PAULO

ETHNIAS	Numero dos nubentes na totalidade das casas	Numero dos nubentes nos casas mixtos (<i>melting-pot</i>)	Indice de fusibilidade de cada ethnia $\frac{b}{a}$
	(a)	(b)	(c)
Brasileira	63.924	5.416	8,4 %
Italiana	3.264	2.152	65,9 %
Hespanhola	3.816	1.672	43,7 %
Portugueza	3.461	1.803	52,8 %
Allema	259	95	36,6 %
Austriaca	202	150	74,2 %
Japoneza	49	35	75,5 %
Syria	526	184	34,9 %
Diversas	991	973	97,1 %
Total	76.472	12.470	

TABELLA VII

INDICES DE FUSIBILIDADE PARA O RIO GRANDE

ETHNIAS	Numero dos nubentes na totalidade dos casaes	Numero dos nubentes nos casaes mixtos (melting-pot)	Indice de fusibilidade de cada ethnia $\frac{b}{a}$
	(a)	(b)	(c)
Brasileira	95.208	2.494	2,6 %
Allema	922	546	59,2 %
Italiana	666	478	71,7 %
Portugueza	345	269	77,9 %
Hespanhola	143	113	79,0 %
Diversas	1.648	632	38,7 %
Total	98.932	4.532	

Como se vê, a ethnia brasileira revela menor capacidade exogamica, um indice de fusibilidade menor do que qualquer das ethnias estrangeiras. Em São Paulo, ella dá apenas 8,4% dos seus elementos á nupcialidade mixta; no Rio Grande, menos ainda: 2,5%. E' verdade que, em um e outro centro, ella contribue, como já vimos, com cerca de 50% dos elementos em fusão no *melting-pot*; mas isto é devido á sua importancia numerica no seio das duas populações (93,1% no Rio Grande; em São Paulo: 82%) — e não á sua maior fusibilidade.

Em relação ás ethnias estrangeiras, ha que observar, preliminarmente, que a capacidade exogamica dos elementos estrangeiros no extremo-sul é maior do que em São Paulo; os indices de fusibilidade no sul são mais altos, em geral, do que no grupo paulista.

Excluindo a syria, é a allemã, das ethnias estrangeiras, a que dá menor percentagem ao *melting-pot* paulista: dos 259 nubentes allemães de 1924 só 36,6% estão no *melting-pot*. Os italianos, entretanto, dão 65% dos seus elementos ao nucleo em fusão; os portuguezes, 52,8% e os hespanhóes, 53,7%.

Na sul, estes indices sobem extraordinariamente, principalmente em favor das tres ethnias latinas: a italiana, a hespanhola e a portugueza. Estas exhibem alli indices de fusibilidade altissimos. Dos nubentes italianos de 1925-27, por exemplo, nada menos de 71,7% estão no *melting-pot*; dos portuguezes um pouco mais: 77,9%. Os colonos hespanhóes (ao contrario do que acontece em São Paulo) são, ao sul, os que apresentam o maior indice de fusibilidade: quasi 80% dos seus elementos casaram-se, naquelle periodo, fóra da sua ethnia originaria. Os polacos e os russos, includos no grupo "diversos", entram com indice incomparavelmente mais baixo: 38%.

Em São Paulo, apparecem ainda duas outras ethnias, já agora de origem asiatica: a syria e a japoneza. O grupo semita exhibe um indice de fusibilidade moderado: 34,9% — o que não deixa ainda assim de

ser surpreendente; porque, em todos os pontos do globo e em todas as phases da historia, o semita, seja judeu, phenicio, carthaginez ou arabe, se mostra tenazmente rebelde á commixtão, a allianças fóra da sua tribu. Em São Paulo, no entanto, elle parece desmentir esta lei: o seu coefferente de fusão, pelo menos apparentemente, é consideravel (8).

Onde, porém, a surpresa chega a ser desconcertante é quando verificamos o indice de fusibilidade dos japonezes: é o mais alto do *melting-pot* paulista, cerca de 75%. Isto é, tão alto como o das ethnias latinas no extremo-sul.

Como se explica isto? então o grupo japonês não é o eterno kisto nas populações onde se fixa? o seu typo de cultura e o seu typo anthropologico não constituem obstaculos á miscigenação? não o condemnam ao *inbreeding*, isto é, ás ligações dentro da sua ethnia originaria? O estudo mathematico do *melting-pot* paulista como que responde negativamente a estas perguntas; o que elle parece dizer é que os japonezes são extremamente fusiveis. E' o que tambem pensa um dos nossos grandes investigadores (9).

Observemos, entretanto, o seguinte: os japonezes, fixando-se por dezenas de milhares (26.000 em 1920 e 93.000 em 1930) no territorio paulista, dão 49 nu-

(8) v. ALFREDO ELLIS — *obr. cit.*, pag. 216.

(9) v. ALFREDO ELLIS — *obr. cit.*, pag. 143.

bentes apenas á nupcialidade de 1924. Por que? naturalmente porque os colonos japonezes que aqui chegam já vêm casados, trazendo a sua respectiva familia; o que, seja dito de passagem, concorre para assegurar á ethnia nipponica aqui fixada uma homogeneidade perfeita. Estes 35 japonezes, que alli se casaram em 1924 fóra do grupo nipponico, são, pois, evidentemente elementos extravagantes, gottas d'agua infinitesimae desprendidas do oceano formidavel dos que se mantêm fieis á lei da sua ethnia.

VIII

Todas estas inferencias, entretanto, se revestem de um certo character de insegurança, dada a insufficiencia de dados para um estudo mais discriminado e profundo da nupcialidade dos dois grandes centros de immigração. Sómente o calculo dos coefficients de homogeneidade e dos indices de fusibilidade *por geração* é que nos poderiam dar o conhecimento exacto e seguro do que se está passando em São Paulo e no extremo-sul em relação aos phenomenos de assimilação e interfusão dos elementos estrangeiros alli confluentes.

Para concluir pela fusibilidade e assimilação das ethnias alli fixadas não basta, por exemplo, verificar que cerca de 76% dos immigrants italianos, portuguezes e hespanhóes estão se ligado no extremo-sul com elementos estranhos á sua ethnia. E' possivel que estes elementos "estranhos" não sejam realmente tão estra-

nhos assim: é possível que sejam "descendentes" em 2.^a geração ou em 3.^a geração, respectivamente, de italianos, portugueses, allemães, austriacos, etc. De modo que os casamentos destes "descendentes" (italo-brasileiros, luso-brasileiros, teuto-brasileiros, etc.) com os immigrantes, nas nossas estatísticas considerados de "brasileiros com estrangeiros", serão, dest'arte, apenas heterogeneos na apparencia, mas na realidade perfeitamente homogeneos, porque operados dentro da mesma ethnia. Foi o que BLOOM WESSEL verificou para New London.

Não temos presentemente, dispendo, como disparamos, apenas de estatísticas officiaes, dados para a verificação mathematica deste ponto. Só pesquisas especiaes, feitas á maneira de WESSEL para New London, é que nos poderiam dar elementos para dizer realmente da existencia ou não existencia desta heterogeneidade meramente apparente. Entretanto, tomando os dois grupos estaduaes e discriminando, ethnia por ethnia, no grupo dos casaes heterogeneos (*melting-pot*), os elementos "brasileiros", de um lado, e, do outro, os elementos das outras ethnias, conseguimos chegar aos seguintes resultados, que parecem lançar alguma luz sobre estas obscuridades:

Tipos de combinações mixtas		Rio Grande do Sul	S. Paulo
Allemao	Brasileira ..	88,8	89,1
	Diversas	11,1	10,8
Italiano	Brasileira ..	83,2	68,9
	Diversas	16,7	31,0
Portuguez	Brasileira ..	87,6	72,4
	Diversas	12,3	27,5
Hespanhol	Brasileira ..	91,1	83,2
	Diversas	8,8	16,7
Syrio	Brasileira ..	—	90,0
	Diversas	—	10,0

Como se vê, nos casamentos realizados fóra das suas respectivas ethnias, o immigrante italiano, o immigrante hepanhol, o immigrante portuguez, o immigrante allemão, tanto no sul como em São Paulo, concentram quasi todo o peso das suas preferencias sobre os elementos da ethnia brasileira. Em São Paulo, por exemplo, em 100 casamentos de immigrantes allemães com “estranhos”, 89% destes estranhos são “brasileiros”. Com os outros immigrantes, o hespanhol, o portuguez, o italiano, esta singular preferencia pelos “estranhos” de nacionalidade brasileira tambem se apresenta em coefficients altissimos, especialmente no extremo-sul, onde a percentagem dos brasileiros preferidos por estes immigrantes anda, no minimo, pela casa dos 83% e dahi para cima. Já os elementos das outras ethnias — aliás,

em intimo contacto como estes immigrants nos grupos coloniaes — são pouco procurados.

Ora, esta singular concentração das preferencias sobre a ethnia brasileira dá que pensar. Quem não nos diz, realmente, que estes “brasileiros”, assim tão carinhosamente preferidos por italianos, allemães, hespanhóes, portuguezes, (e naturalmente, por polacos, russos, syrios, japonezes), não são *descendentes* de antigos immigrants italianos, allemães, hespanhóes, portuguezes, polacos, russos, syrios e japonezes? e preferidos justamente por conservarem ainda muitos caracteres das suas ethnias originarias? Tudo leva a crer que sim; mas a demonstração scientifica deste facto só nos poderá ser dada pelo calculo dos coefficients de homogeneidade por *geração*. Este calculo, infelizmente, as nossas estatisticas officiaes não nos permitem absolutamente fazer-o.

IX

Profundando a analyse dos dois *melting pots*, chegamos a revelações ainda mais significativas relativamente á recalcitrante lentidão com que, nos centros immigatorios, como o nosso, de composição demasiadamente heterogenea, as ethnias estrangeiras se vão desprendendo das suas peculiaridades nacionaes, do seu espirito, da sua alma, em summa, para se afundirem na uniformidade de uma nacionalização completa. E' certo que os elemen-

tos de uma ethnia, convivendo com outras numa mesma população, acabam, como vimos, matrimoniando-se com elementos dessas outras; mas, tambem é certo que, nesta dispersão exogamica que aquelles elementos operam, ha como que uma especie de polarização das preferencias matrimoniaes no sentido das ethnias affins, isto é, mais ou menos semelhantes nos seus typos anthropologicos e nos seus typos de cultura.

E' o que nos revela o estudo do *melting-pot* paulista, quando realizamos a discriminação por *ethnia* dos elementos que compõem os casaes heterogeneos. O quadro acima nos deixa ver, com effeito, a selecção matrimonial exogamica exercendo-se desegualmente sobre o grupo "Brasileiros" e sobre o grupo "Diversos", aquelle absorvendo os 4/5 da totalidade dos elementos preferidos e este representando uma pequena fracção, que não vae nunca a mais de 16%.

Ora, fazendo a discriminação dos elementos contidos dentro deste pequeno grupo "Diversos" e calculando, sob uma base percentual, a sua distribuição por *ethnia*, encontramos os resultados abaixo, extremamente elucidantes do sentido com que os immigrants estrangeiros operam a selecção matrimonial nos casos de nupcildade exogamica:

TABELLA IX

DISCRIMINAÇÃO DOS ELEMENTOS ETHNICOS FORMADORES DO GRUPO "DIVERSOS" NA NUPCIALIDADE PAULISTA DO ANNO DE 1924

ETHNIAS		Percentagem
Italiano	Hespanhola	46,8
	Portugueza	41,5
	Allemlã	4,4
	Austriaca	7,0
	Diversas	0,0
Hespanhol	Italiana	45,6
	Portugueza	48,5
	Allemlã	0,9
	Austriaca	1,8
	Diversas	2,9
Portuguez	Hespanhola	58,5
	Italiana	32,8
	Allemlã	1,4
	Austriaca	3,5
	Diversas	3,5
Allemlão	Austriaca	38,4
	Italiana	38,4
	Hespanhola	23,0
	Portugueza	0,0
	Diversas	0,0
Austriaco	Allemlã	22,2
	Italiana	13,9
	Hespanhola	5,5
	Portugueza	2,7
	Diversas	55,5

Como se vê, os varões de cada ethnia estrangeira, todas as vezes que saem do seu grupo nacional e procuram esposas em outros grupos não brasileiros, concentram as suas preferencias sobre os elementos das ethnias affins com a sua, affins pela raça e affins pela cultura.

Com os allemães e austriacos, esta tendencia não se deixa revelar claramente — e isto naturalmente devido á pequenez dos contingentes respectivos, representados na nupcialidade de 1924; mas com as ethnias latinas — a portugueza, a hespanhola, a italiana — esta tendencia se evidencia de uma maneira flagrante. O italiano converge as suas preferencias sobre o grupo hespanhol e portuguez, que entram com 46,9%, 45,1%, respectivamente, dos elementos preferidos, ou sejam 91,9% ao todo; restando apenas menos de 10% para as outras ethnias estrangeiras. O luso, por sua vez, sempre que sae do seu grupo e não se fixa no grupo “brasileiro”, vae escolher preferencialmente esposas na ethnia hespanhola (58,5%) e depois na ethnia italiana (32,8%), ou sejam em conjunto (91,3%). O hespanhol se dirige, antes de todas, ás portuguezas (48,%) e ás italianas (45,6%), revelando pequena preferencia pelas allemãs, austriacas...

Em relação ao Rio Grande do Sul, os dados estatisticos, pela maneira por que são collectados, não dão margem a que se possa realizar esta discriminação das ethnias; de maneira que não nos foi possivel determinar a extensão e o sentido exacto da matrimonialidade exogamica dos estrangeiros naquellas extremas do paiz.

O grupo riograndense, como já observamos, é mais rico do que o paulista em ethnias; portanto, mais rico em typos de cultura e em typos anthropologicos. Os alemães, os polacos, os russos têm alli uma importancia demographica que não exhibem em nenhum ponto do paiz, excepto o Paraná. Plena de revelações curiosas e elucidativas seria, pois, uma investigação mais detalhada deste aspecto particular da matrimonialidade exogamica neste grande campo de commixtão de raças, que é a região colonial do extremo-sul. Porque tudo parece indicar que o phenomeno da “polarização” se reproduz alli em condições mais ou menos analogas ás que encontramos para o grande centro paulista (9-bis).

X

Não nos illudamos. Estes altos coefficients de homogeneidade revelados pelas diversas colonias; esta preferencia dos immigrants aqui fixados pelos “descendentes” das mesmas ethnias; esta “polarização” em torno das ethnias affins pela cultura e pelo typo; tudo isto outra cousa não representa senão recursos subtis e invisiveis de defesa, de que as ethnias transmigradas se utilizam para reagir contra a acção assimiladora nos novos meios. Os anthropo-sociologos dos paizes de coloniza-

(9-bis) Sobre o *melting-pot* ao Norte do Estado do Paraná v. interessante estudo do Prof. BASTIDE no “Supplemento” do “Estado de S. Paulo”, de Agosto de 1935.

ção, especialmente os anthropo-sociologos americanos, só agora estão comprehendendo como é fragil e superficial o verniz da chamada "nacionalização dos estrangeiros" e como as ethnias fixadas nestes novos campos de immigração da Amercia são organismos vivazes, autonomos, longamente resistentes ao systema de forças que importam na destruição da sua originalidade nativa (10).

Concentrando-se na selecção matrimonial endogamica; convergindo as suas preferencias exogamicas sobre o grupo do "descendentes" ou polarizando-as no sentido dos grupos ethnicamente analogos: o que as varias "colonias" immigrants aqui fixadas estão realizando é realmente a reacção defensiva dos seus organismos culturaes originarios contra a pressão unificadora dos novos climas sociaes, para onde se transferiram. Nestes campos cis-atlanticos de colonização, como o nosso, os climas sociaes têm sobre as condições culturaes trazidas pelas varias ethnias immigrants uma acção dissociativa, transformadora e selectiva comparavel á que os climas physicos, principalmente os tropicaes, devem estar exercendo sobre as condições biologicas dos novos typos immigrants.

Ha, portanto, processos de selecção e adaptação cultural, como ha processos de selecção e adaptação biologica, agindo sobre as ethnias aqui affluentes, e que

(10) ROSS — *The Old World in the New*, 1914; JENKS and JETT — *The immigration problem*, 1917; FAIRCHILD — *Immigration*, 1913; ROY GARYS, *obr. cit.*, Para Cuba: v. LAMAR SCHWEYER — *La crise del patriotismo*, 1929.

cumpre investigar. Nem estes, nem aquelles foram ainda claramente comprehendidos; alguns estão apenas vagamente intuidos. Todos elles, porém — quer no campo da biometria e da anthropologia, quer no campo da anthropo-sociologia e da ethnographia — inteiramente destituídos de quaesquer elementos mathematicos com os quaes se possa construir a base scientifica de uma theoria interpretativa.

Fala-se muito, por exemplo — e já ha cerca de vinte annos, SYLVIO ROMERO abria sobre isto á sua maneira, isto é, impetuosamente, o debate (11) — do “enkistamento” dos allemães em Santa Catharina. E’ uma affirmação que ainda não foi demonstrada, embora trombetada pelos quatro horizontes (12). Ora, temos agora, com os methodos estatisticos de BLOOM WESSEL e DRASCHLER, meios seguros para a verificação mathematica deste facto.

Ha, egualmente, no Rio Grande do Sul como no

(11) SYLVIO ROMERO — *Provocações e debates*, 1910, pag. 115.

(12) Dos allemães do Rio Negro diz uma testemunha, que os observou de perto: — “Os velhos e ainda os filhos usam a lingua allemã na sua forma dialectica; mas os netos e bisnetos já não a conhecem, servindo-se unicamente do vernaculo. Porém, todos elles, durante a grande guerra, mostraram-se fieis ás tradições (*sic*), honrando o nome do grande povo, do qual são descendentes.” — (“*Os allemães em Santa Catharina e Paraná*”, ed. commemorativa do 1.º centenario, 1829-1929, pg. 261). No Rio Grande, os grupos slavos são os que mais resistem á assimilação (v. RONDON — *Pelo Brasil Central*).

Paraná, já o vimos, grandes massas estrangeiras densamente accumuladas em zonas circumscriptas. Entretanto, ainda nada sabemos sob que leis e fórmulas as ethnias alli reunidas estão realizando a sua marcha para a assimilação e a fusão.

XI

Para o conhecimento destes phenomenos, temos infelizmente que realizar investigações pessoais e proprias. Para isto, pouco nos valem os elementos collectados pelas nossas repartições de estatisticas, quer federaes, quer estaduaes, quer locais. Observando-as na sua actividade, tem-se a impressão de que estes varios e numerosos centros de pesquisas visam apenas o objectivo estricto do simples calculo do volume da população, sem outra preocupação senão a determinação exacta, cabeça por cabeça, do numero de habitantes de que se compõem este ou aquelle grupo recenseado. Os trabalhos são conduzidos sem o intuito de um conhecimento mais profundo e complexo das condições demographicas das unidades em causa.

Sob este aspecto, a nossa sciencia statistica official parece estar ainda vivendo a phase da primeira infancia, com um atrazo de cincoenta annos sobre os methodos utilizados nos grandes centros contemporaneos de pesquisas. Sente-se que os orientadores dos nossos serviços demographicos estão ainda dominados das pre-

occupações e das directrizes dos seus mestres europeus, para quem os phenomenos de acculturação e assimilação de estrangeiros, tão importantes nos paizes deste lado do Atlantico, não têm, como é natural, importancia, nem significação alguma (13). Dahi a escassez, senão a carencia absoluta de dados que nos permittam entrar no conhecimento destes phenomenos, de significação suprema nos paizes como o nosso, alagados continuamente por alluviões colonizadoras successivas, descidas de todos os pontos do globo, da Europa especialmente.

Cerca de 4 milhões de europeus aqui chegaram em menos de um seculo e, em menos de vinte annos, como já vimos, o mundo asiatico, repullulante no seu formiguelo humano, já nos lançou em nosso solo quasi cem mil japonezes. No entanto, os nossos centros de estatisticas demographicas, como que insensiveis a tudo isto, continuam hoje, como ha 50 annos, no seu trabalho arithmetico de contarem pacientemente (e com que admiravel exactidão!) apenas o numero destes immigrantes aqui chegados. Quando muito vão até a discrimi-

(13) Excepto talvez na França, onde a profunda depressão demographica, que se vem accentuando principalmente *post-bellum*, está attrahindo uma corrente, relativamente volumosa, de estrangeiros e onde, por isso mesmo, os problemas da assimilação começam a se fazer sentir: v. PLUYETTE — *La doctrine des races et la selection de l'immigration en France*, 1930, caps. I e II; MAUCO — *Les étrangers en France*, 1933. Cf. RENÉ MARTIAL — *Traité de l'immigrations et de la greffe international*, 1930; — *L'emigration continental et transcontinental*, 1933; *La race française*, 1934.

nação por nacionalidades e por portos de entrada desta massa copiosa de ádvenas.

Estes, entretanto, nos chegam, civilizados ou semi-barbaros — gentes do occidente e gentes do oriente europeus, gentes do occidente e gentes do oriente asiaticos — carregando usos estranhos, costumes, tradições, modalidades folkloricas de todo o genero. Em summa, formas novas de civilização, que, entrando em conflicto entre si ou com a nossa, substituindo-se, superpondo-se ou interfundindo-se, estão alterando profundamente as camadas tradicionaes da nossa sedimentação cultural.

Todos os que observam um pouco o nosso paiz dão conta disto. Os abalos destas vagas immigratorias aqui entradas estão para ahi ferindo os ouvidos e a consciencia de todo o mundo; só não chegam a impressionar a sensibilidade dos sismographos dos nossos observatorios demographicos. Estes como que se conservam indifferentes a estas profundas vibrações subteraneas de vida nova, que vêm agitando, ha quasi um seculo, os grupos humanos neste trecho mais largo e civilizado do nosso territorio.

CAPITULO VI

Os aspectos anthropologicos do "melting-pot" brasileiro ao sul

SUMMARIO — I. Os aspectos anthropologicos do
"melting-pot". — II. O nosso "melting-pot" e os
seus problemas biometricos.



I

ESTES indices e coefficientes, obtidos segundo os methodos de analyse demographica de BLOOM WESSEL, DRASCHLER e outros, revelam o *melting-pot* nos seus aspectos sociaes, especialmente ethnographicos, isto é, o *melting-pot* das ethnias ou das “culturas”: a italiana, a hespanhola, a lusa, a allemã, a russa, a polaca, a syria, a japoneza. Elles não nos dizem, nem nos podem dizer, dos aspectos anthropologicos e biologicos do *melting-pot*, isto é, o *melting-pot* das raças: a Iberica, a Atlantica, a Celta, a Nordica, a Slavonica, a Dinarica, que aqui nos chegam, como vimos, carreadas por aquellas ethnias. O problema é este:

— Nos centros immigratorios do Rio Grande do Sul, do Paraná, de São Paulo, de Santa Catharina, como se estão cruzando estas seis “raças”? quaes as que mais contribuem para o *melting-pot*? que modalidades somatologicas revestem os hybridos resultantes destas cruzas aqui operadas? as leis que regulam a somatologia destes hybridos no velho continente são as mesmas que regulam a dos elaborados sob os nossos climas?

São perguntas que o estudo do *melting-pot* das ethnias não responde e cuja resposta só pôde ser dada pelo estudo do *melting-pot* das raças, isto é, das ethnias anthropologicamente consideradas.

Os modernos anthropologistas bem comprehendem isto e estão conduzindo as suas pesquisas para este rumo. Já alguns especialistas, especialmente slavos, como BUNAK, STOLYWHO, CZSKANOWSKI, estão realizando com exito esta delicada analyse biometrica e estudando os phenomenos da mestiçagem dentro mesmo das suas proprias ethnias nacionaes (1).

ROSINSKI, o notavel anthropologista polaco, nos dá um bello paradigma destes estudos — e o seu methodo será tão fecundo para a analyse biometrica dos aspectos do *melting-pot* como o de BLOOM WESSEL para a analyse mathematica dos seus aspectos sociaes e culturaes (2).

Elle tomou para basé dos seus estudos a população de Pultusk, districto da provincia de Lomza. Não

(1) CZSKANOWSKI — *Travaux de l'Institut Anthropologique de l'Université de Lwow*. ("Compte-rendu de la II session de l'Institut International d'Anthropologie", 1924, pag. 87); BUNAK — *Le mouvement eugénique en Russie* (idem, pag. 536); STOLYWHO — *Nouvelle méthode d'analyse des types anthropologiques* (idem, pag. 150); TCHPURKOWSKI — *La méthode géographique en Anthropologie* (idem, pag. 175); — *Quelques problèmes d'Anthropologie physique* (idem, pag. 178).

(2) ROSINSKI — *Recherches sur la population de Pultusk* ("Compte-rendu de la II session, etc., pag. 160); — *Le choix anthropogénétique* (idem, III session, 1927, pag. 274).

precisou, é claro, fazer a analyse biometrica de todos os individuos componentes dessa população — o que seria praticamente impossivel; mas seleccionou cerca de 800 casaes com as suas respectivas descendencias, formando um conjunto que bem poderia ser considerado uma expressão reduzida da composição ethnica de toda a população.

Preliminarmente, ROSINSKI começou por discriminar os typos somatologicos, as “raças” como diriamos, existentes nesse grupo formado pelos 800 casaes e sua descendencia. Na discriminação destas “raças”, elle adoptou um criterio meramente phenotypo — e considerou nordico todo o individuo que elle encontrou de apparencia nordica, como celta todo individuo de apparencia celta, sem se preoccupar de saber se estes typos nordicos ou celtas alli encontrados eram oriundos de matrizes nordica ou celticamente puras, ou eram typos miscigeneos, a que forças obscuras da hereditariedade ethnica tivessem revestido de uma ou de outra destas duas caracterizações anthropologicãs.

E’ assim que elle encontrou, na composição do grupo em estudo, cerca de sete typos ou raças: nordica, sub-nordica, celta, slavonica, laponoide, dinarica e mediterranea; estas tres ultimas em proporção muito pequena. Os elementos dominantes eram os nordicos e slavonicos, pois representavam mais de 50% dos individuos (3).

(3) ROSINSKI — *Le choix anthropogénétique* (“Comptendu de la III session”, etc., 1927, pag. 273).

O interesse, porém, mais culminante da pesquisa não era esta discriminação dos typos, nem a sua representação proporcional na composição da ethnia em estudo. Discriminados os typos, ROSINSKI, abalando-se a trabalhos mais profundos, procurou fazer a investigação biometrica de cada um delles em relação ás suas condições biologicas e calculou-lhes então os indices de longevidade differencial, de fecundidade differencial, de esterilidade differencial e o “comportamento” de cada um em face daquillo que chama — a “selecção anthropogenetica”.

Elle achou, por exemplo, que no tocante á vitalidade, os individuos de typo Slavonico e Nordico têm um indice mais alto, isto é, uma duração de vida mais longa; que os de typo Celta são os que apresentam uma vitalidade menor. Por outro lado, achou tambem que os phenotypes sub-Nordicos exhibem uma fecundidade maior. Dahi a conclusão a que elle chega — de que os elementos Nordicos tendem a absorver os outros elementos. Conclusão inteiramente em desaccordo com as affirmações dos pan-germanistas, á maneira de WOLTMANN e GUNTHER, que proclamam a “desnordicização” progressiva (a expressão é de GUNTHER) dos povos europeus em geral.

Estas pesquisas, entretanto, de biologia differencial das raças, só revelarão inteiramente a sua importancia mais tarde, quando tivermos oportunidade de estudar, em *O ariano no Brasil*, os problemas da selecção tellurica e da selecção ethnica em nosso meio. Para o

assumpto deste capítulo, são as pesquisas relativas á selecção anthropogenetica que importam. Neste ponto, ha aqui um campo enorme de investigações a fazer no seio dos nossos grupos do Norte, do Centro e do Sul; destes principalmente.

O que ROSINSKI chama selecção anthropogenetica é a selecção matrimonial. O problema é este: nos cruzamentos operados entre individuos da mesma ethnia ou de ethnias diferentes, quaes os typos preferidos, os que apresentam maiores coefficients de matrimonialidade?

Esta pesquisa tem uma enorme importancia. Dillo GRIFFITH TAYLOR, expressivamente:

-- "Sabemos que a côr da pelle, a côr dos olhos e a fórma do rosto se têm alterado de algum modo entre varios povos. Os typos esbeltos e pequenos são, por exemplo, mais populares na Inglaterra; os typos cheios ou gordos mais apreciados entre os europeus do sul, e as mulheres obesas são muito attractivas para a maior parte dos negros. Os typos louros e os brunos variam muito na sua popularidade. Ora, se preferencias, como estas, por este ou aquelle typo, se impõem á generalidade dos matrimonios, o typo não preferido tende a desaparecer" (4).

Para o grupo polaco, ROSINSKI encontrou uma sensível tendencia dos individuos de apparencia nordi-

(4) GRIFFITH TAYLOR — *Environment and race*, 1927, pag. 39.

ca e sub-nordica para a matrimonialidade homogâmica (5).

Esta preferencia dos phenotypos nordicos e sub-nordicos para se cruzarem entre si explica, talvez, a persistencia destas duas "raças" naquella população.

II

Ora, em regra, em cada uma das nossas "colonias" ha varios grupos ethnicos; raras são as que se constituem com uma só ethnia. Em São Paulo, no Paraná, em Santa Catharina, no Rio Grande do Sul, em cada nucleo colonial encontramos, como já vimos em capitulo anterior, italianos, allemães, hespanhóes, polacos, portuguezes, russos, vivendo em convivio intimo, em nucleos de alta densidade demographica. Ha, pois, alli, em convivencia e, portanto, em mestiçagem, individuos de varias raças: Nordica, Celta, Iberica, Slavonica, Dinarica.

— Como se comportam, no ponto de vista da selecção anthropogenetica estes elementos entre si? os phenotypos nordicos em face dos phenotypos ibericos? os celtas em face dos dinaricos e dos slavonicos? e todos

(5) HERSKOVITS tentou com os *coloreds* americanos uma pesquisa deste genero e achou uma tendencia entre os *full-bloods* e os *half-bloods* do grupo negro no sentido de uma preferencia pelos tipos mais claros (HERSKOVITS — *obr. cit.*, pags. 63-4).

elles em face dos velhos phenotypes oriundos do antigo *melting-pot* luso-indo-africano? Só os coefficients de homogenia e de semelhança poderão dizer.

— Destes typos puros ou mestiços: quaes os mais resistentes? quaes os mais longevos? quaes os mais fecundos? Só os indices de morbidade, de mortalidade, de longevidade, de fecundidade e de esterilidade poderão dizer.

O estudo do nosso *melting-pot*, segundo os methodos estrictamente biometricos, é, pois, condição essencial para o conhecimento das leis que estão regendo a formação e a evolução anthropologica das raças em nosso povo e sob os nossos climas. Leis relativas á biologia dos cruzamentos, á recessividade, á dominancia e á segregação dos caracteres. Leis relativas á formação dos typos mestiços e das suas modalidades mais frequentes. Leis relativas aos phenomenos da adaptação das raças exoticas, principalmente as arianas, ao nosso meio tropical. Leis relativas aos phenomenos de selecção ethnica e da selecção tellurica e, consequentemente, á evolução dos grupos morphologicos em nosso sólo.

Neste ponto, os problemas da raça deslocam-se do campo das sciencias sociaes para o campo das sciencias naturaes — e o trabalho a empregar é já agora da competencia dos technicos nas sciencias do Homem: anthropologistas, biologistas, heredologistas, biometristas, ecologistas. Os technicos nas sciencias da Sociedade — os sociologistas, os anthroposociologistas, os demographistas, os estatistas, os ethnographistas, os psyc-

sociologistas — limitam-se apenas a aguardar que aquelles especialistas realizem as suas pesquisas e analyses, para então iniciarem a sua tarefa interpretativa dos resultados obtidos e determinarem, baseados nelles, as multiplas “repercussões” dos factores ethnicos nos dominios da phenomenologia social.

Não estarão os especialistas dessas diversas sciencias do Homem em nosso paiz dispostos a orientar as suas pesquisas neste sentido?

Notas complementares



I

O anti-germanismo de PITTARD.

Os estudos anthropologicos em Portugal.



O anti-germanismo de Pittard

OS nossos intellectuaes se louvam muito candidamente na sinceridade e na probidade dos scientistas francezes — e não ha duvida que fazem muito bem. Ha, no entanto, certos assumptos, em que um pouco de reserva e duvida não seria desaconselhavel: os problemas da raça, por exemplo, com especialidade os problemas referentes á raça germanica. Emquanto não chegam ahi, elles vão admiravelmente, sempre ageis, finos, subtis, luminosos; mas, logo que se aproximam deste ponto perigoso, é tudo como uma agulha de bussola que caísse, de repente, dentro de um imprevisto campo magnetico: desorientam completamente, não só a elles, como aos que os leem confiantemente.

O caso de PITTARD é typico. PITTARD pertence áquelle grupo de scientistas e investigadores que estão collaborando com HENRI BERR numa vasta obra de synthese sobre a evolução collectiva da humanidade. Desta cooperação têm saído mais de uma dezena de livro interessantes, embora de valor desigual, todos revelando uma certa preocupação systematica de “duvida

methodica” e, por isso mesmo, deixando-nos frequentemente embaraçados e vacillantes, porque o seu scepticismo fundamental os torna quasi sempre inconclusivos. O livro de FEBVRE, por exemplo, sobre anthropo-geographia, que me parece um dos melhores, pecca principalmente por este tomo dubitativo, por esta inclinação ao scepticismo, que o atravessa todo (1). O de PITTARD pecca tambem por isso, e excessivamente, e ainda mais por um espirito claramente anti-germanico, que tambem não deixa de apparecer na obra de FEBVRE (2). Em FEBVRE sente-se a preocupação de reagir contra a concepção anthro-geographica de RATZEL e em PITTARD o empenho em não dar treguas ás idéas da anthropo-sociologia de LAPOUCE e AMMON.

O livro de PITTARD não é propriamente um grande livro, mas sim um bom livro. E’ inferior, como obra de ethnologia geral, ao livro classico de DENIKER e á solida obra de KEANE, recentemente refundida por HADDON.

Neste livro, PITTARD resume os estudos e as conclusões mais recentes sobre a composição ethnica e anthropologica de todas as populações do globo — e se é innegavel que os resumos são feitos sempre com felicidade, não se póde dizer que o sejam sempre com honestidade. Evidentemente as capacidades de PITTARD como synthetizador, apesar da sua limpidez latina, estão muito

(1) LUCIEN FEBVRE — *La Terre et l'évolution humaine*, 1922.

(2) EUGENE PITTARD — *Les races et l'Histoire*, 1924.

longe do genio comprehensivo, da *maitrise*, da intuição do traço essencial de RIPLEY e o seu modo expositivo não soffre comparação vantajosa com a probidade cathedraica de DENKER e, menos ainda, com a austera imparcialidade de KEANE. Dominado pelo pensamento obsessivo de não dizer nada que possa levar o leitor a pensar que ha qualquer parcella de verdade no que affirmam os anthropo-sociologistas da escola de WOLTMAN e AMMON, PITTARD, com este intuito, lança mão de sophisma e de omissões intencionaes, de argumentos pueris — o que torna o seu livro absolutamente suspeito por este lado como obra de informação e de sciencia.

Não vale falar da puerilidade dos argumentos com que elle combate a chamada “lei da concentração dos dolicoides” de AMMON (que, aliás, não é uma lei, porque falhou quasi em toda parte, na Italia, na Polonia, na Belgica, em Portugal, etc.). Quero apenas mostrar como a preocupação anti-germanica de PITTARD o leva a um sophisma e a uma omiesão intencional.

Em relação a esta ultima, basta-nos considerar a synthese que elle fez da composição anthropologica da população chinesa. PITTARD não podia deixar de referir-se aos trabalhos e ás conclusões de LEGENDRE; mas, ao resumil-os, revelou uma parcialidade facilmente demonstravel. LEGENDRE chegara á conclusão que, na China Septentrional, a população não era exclusivamente mongolica, mas tambem aryana — e que os elementos mais importantes, as grandes figuras chinezas não pertenciam á raça amarella, mas a um typo ethnico diffe-

rente, caracterizado pelo alto talhe, pelos olhos frequentemente azues ou pardos e não obliquos: — “Muitas vezes, eu perguntei a mim mesmo se era na China que eu estava, ao ver-me diante de velhos camponeses de barba intensa, de olhos claros, pardos ou azulados, de traços tão finos. Chinezes de grandes olhos azues, de grossos bigodes, de face rosea! como estamos longe do typo classico uniformemente amarello e glabro, de olhos negros, do qual todos os tratados de geographia, senão de anthropologia, nos dão a caricatura. E' inutil ajuntar que o elemento branco tem sido, visivelmente, durante o curso dos seculos, o elemento dominante no ponto de vista social, apesar da sua inferioridade numerica ”(3).

Pois bem. PITTARD resume as conclusões de LEGENDRE, mas silencia sobre o topico do elemento Nordico na aristocracia da grande nação asiatica; não diz sobre isto sequer palavra... De modo que o leitor confiante, que buscar em PITTARD uma informação exacta sobre a ethnologia chinesa, é arrastado a um juizo falso sobre a verdadeira composição anthropologica daquelle povo.

Isto quanto á omissão. Quanto ao sophisma, é facil surprehendel-o no seu resumo da evolução ethnica da Peninsula iberica. PITTARD põe em duvida se os godos e os suevos, que invadiram a Peninsula e ali estiveram como dominadores durante mais de duzentos

(3) LEGENDRE — *Il n'y a pas de race jaune* (“Compte-rendu de la III session de l'Institut Internationale d'Anthropologie”, 1927, pags. 251 e 253).

annos, eram realmente germanicos de raça ou eram tribus que de germanico só tinham o nome. O ponto justificado da duvida é que a população iberica nada tem de germanico actualmente — o que para elle é prova de que aquelles invasores não deviam ser de typo germanico.

— “E’ evidente — diz elle, referindo-se á Hespanha — que de duas uma: ou devemos encontrar, nos descendentes, a physionomia geral do typo germanico a que pertencem os godos, ou então estes invasores não eram godos senão de nome! Ora, a Hespanha não nos mostra populações que tenham conservado o typo germanico. Logo, não se póde falar de uma influencia anthropologica devido aos wisigodos”.

E, quanto a Portugal, onde os suevos se fixaram longamente:

— “Os suevos são tambem gente de raça germanica. Mas, então que pensar de uma immigração de povos germanicos, com os caracteres perfeitamente definidos deste grupo, occupando durante mais de 200 annos um paiz — e não deixando neste nenhum traço do seu typo physico?”

Ora, Pittard não é sincero na sua argumentação. Elle finge ignorar que o plasma racial de um povo póde variar, senão na qualidade, tambem na quantidade dos seus elementos formadores. Elle bem sabe que a composição ethnica de uma população póde não ser hoje a mesma que era ha quatrocentos ou ha mil annos passados. Elle simula desconhecer o trabalho subtil e po-

deroso das selecções ethnicas. O seu raciocinio seria igual ao do individuo que, estudando, por exemplo, a população actual de Blumenau e, reconhecendo que é toda de typo europeu, concluísse que: — “de duas uma: ou devemos encontrar na população de Blumenau, a physionomia geral da raça vermelha, a que pertencem os primitivos aborigenes de Santa Catharina, ou então estes primitivos aborigenes não são de raça vermelha senão de nome”!

Demais PITTARD não diz a verdade quando afirma que não existe nenhum traço de presença de elementos de typo germanico na população de Portugal e Hespanha. Estes typos alli apparecem e figuram nas analyses anthropologicas dos que estudaram a composição ethnica dos dois povos. Pondo de lado os dados de FERRAZ DE MACEDO e outros para Portugal e os de HOYOS, ARAZADI, etc., para a Hespanha, basta-nos considerar os dados recentes obtidos sobre os soldados americanos que foram para a guerra de 1917. Operando sobre os recrutados de origem iberica, os anthropologistas americanos encontraram, entre os recrutados de origem portugueza, 5 % de typos germanoides e, entre os recrutados de origem hespanhola, cerca de 10 %. E’ o que se póde ver no bello resumo que da obra de YERKE e YOKUN nos dá R. DUTHIL.

O notavel mestre francez sacrificou, como se vê, a pura verdade scientifica ás suas rivalidades de escola e ás paixões do publico para quem escreve. E, o que é mais grave, é que não é elle o unico a proceder assim...

Os estudos anthropologicos em Portugal

NÓS, que acompanhamos com attenção e minucia o movimento scientifico da França, da Inglaterra e da Allemanha e, um pouco menos, da Italia e da America Saxonia, ignoramos quasi inteiramente o que, em certos dominios da sciencia, se faz em povos, como Portugal e Hespanha, com os quaes temos maiorès affinidades pela historia e pelo sangue. No tocante aos estudos anthropologicos e ethnologicos, por exemplo, o labor dos varios centros de cultura da Peninsula se conserva para nós quasi que completamente ignorado.

Do que se faz em Hespanha sempre alguma coisa consegue filtrar-se para cá — e os trabalhos dos OLORIZ, dos HOYOS SAINZ e dos ARANZADI nos permitem acompanhar a actividade daquelles centros culturaes. Mas, do que se faz em Portugal neste dominio, que é que sabemos realmente? Nada ou quasi absolutamente nada. Entretanto, tem-se feito muito, não só em relação ás origens ethnicas do povo portuguez, como em relação ás suas characteristics anthropologicas actuaes.

Desses assumptos o conhecimento que temos nos vem através de algumas obras já classicas, mas cujos fundamentos scientificos são hoje velharias inaceitaveis. Como, por exemplo, a obra de Oliveira Martins, vivida, agil, luminosa, mas baseada no conceito, hoje perempto, das raças "historicas", ou a obra de THEOPHILO BRAGA, macissa e pesada como um pano de muralha, mas já reduzida a destroços pelo nosso SYLVIO ROMERO, a golpes de uma dialectica troglodytica (1).

Os estudos e trabalhos mais recentes nos são, porém, quasi totalmente desconhecidos; entretanto, são estes justamente os mais bellos, porque realizados com maior rigor scientifico. Os methodos modernos de investigação anthropologica e de analyse ethnica estão sendo applicados alli por espiritos do mais alto quilate na solução de todos os problemas que interessam, ao mesmo tempo, ao passado e ao presente do povo, ás suas origens ethnicas e á sua caracterização actual — e os resultados têm sido os mais brilhantes, principalmente em relação ao problema das origens.

E' ao norte do paiz, na Sociedade Portugueza de Anthropologia e Ethnologia e no Instituto de Anthropologia da Universidade de Porto que parece estar concentrado o nucleo mais laborioso de investigadores. Entre elles, como uma das suas expressões mais culminantes, está o professor MENDES CORREIA, cathedratico de Anthropologia daquella Universidade. E' um sabio

(1) SYLVIO ROMERO — *Patria Portugueza*, Rio, 1905.

authentico, que, sem mais leve sombra de lisonja, honra soberanamente não apenas a cultura peninsular, mas toda a cultura occidental. O seu nome é hoje familiar em todos os centros scientificos da Europa e da America, como uma das autoridades mais acatadas na sua especialidade. Nós, entretanto, só agora começamos a conhecê-lo.

Lendo-o nos seus livros e ensaios notabilissimos, a nossa admiração se reparte, indccisa, sem saber qual, dentre os aspectos culminantes do mestre peninsular, aquelle em que nos devemos fixar de preferencia: se a sua espantosa capacidade de trabalho e realização; se a amplitude do seu horizonte cultural e critico; se a multiplicidade dos campos explorados por sua intelligencia complexissima; se a sua maravilhosa erudição, continuamente renovada, denunciando o contacto com as fontes mais recentes da elaboração scientifica do mundo.

Dos numerosissimos trabalhos do professor MENDES CORREIA, livros, monographias, ensaios, artigos e notas destacaremos apenas alguns para umas ligeiras referencias. Especialmente aquelles que podem contribuir para uma comprehensão mais scientifica dos problemas da raça ou para desenvolver o interesse maior pelos estudos da anthropologia ethnica.

Dentre estes ensaios, os que versam sobre a *Anthropologia applicada* e *A anthropologia nas suas relações com a arte* são dos mais bellos, dignos da penna do

grande mestre que os escreveu (2). Nelles o professor MENDES CORREIA nos deixa ver a vastidão, a complexidade e também a belleza desse campo de estudos. O nosso TOBIAS BARRETO considerou uma vez a sociologia uma sorte de "pantosophia". Esta expressão, a quem lê a monographia do illustre anthropologista lusitano, talvez caiba com mais justiça á Anthropologia. O conceito que desta tem o mestre peninsular faz-me lembrar a exactidão de uma phrase de DUCKWORTH quando este mestre inglez fala da "protean nature of anthropology" (3). E' realmente uma sciencia vastissima, que toca quasi todos, senão todos, os dominios dos conhecimentos humanos — e o escorço que della nos dá o professor MENDES CORREIA é um quadro que só poderia ser traçado por um sabedor da sua estatura.

Em outras monographias, da qual a mais recente é de 1931, o eminente anthropologo estuda, com uma surprehendente riqueza de erudição, os problemas relativos á biochimica das raças (4). Os estudos da biologia chegaram á verificação de que "a substancia viva

(2) MENDES CORREIA — *Antropologia Applicada*, 1926; *A Antropologia nas suas relações com a Arte*, 1925; *Ideologia do Século XX*, 1924; *Inquéritos Escolares*, 1925; *Geologia e Antropologia em Portugal*, s/d.; *Introdução á Antropobiologia*, 1933.

(3) DUCKWORTH — *Morphology and Anthropology*, 1915, I.

(4) MENDES CORREIA — *As tentativas de definição biochimica da raça e do individuo*, 1926; *La valeur anthropologique des groupes sanguins; Os grupos sanguineos na Genética*, 1931.

differe chimicamente de especie para especie, de um homem para outro e até, mesmo, num individuo, dum órgão ou dum tecido para outro órgão ou para outro tecido". As pesquisas sobre a composição do sangue, por exemplo, "vieram revelar uma diversidade chimica das especies e das proprias raças". Essas analyses feitas sobre o homem e as raças humanas levaram alguns biologistas a dividir as raças em "grupos biochimicos" — como os anthropologistas as haviam dividido em "grupos morphologicos". E' assim que HIRSCHFELD, citado pelo professor MENDES CORREIA, divide as raças humanas em dois grupos — o grupo *A* e o grupo *B*, segundo o modo por que se operam os phenomenos da agglutinação no plasma sanguineo.

Este criterio biochimico é seguro, capaz de trazer uma differenciação realmente scientifica das raças? O professor MENDES CORREIA se mantem dentro de uma duvida prudente. Para elle "a reacção serologica não é mais do que um epiphenomeno sem significação profunda". E observa o facto de que "entre os japonezes e os chinezes septentrionaes, que são anthropologicamente affins, as percentagens serologicas são mais profundamente diversas do que entre aquelles chinezes e os hindús, ou entre aquelles chinezes e senegalezes". E conclue que: "é ainda prematuro falar de *raças serologicas* — e a repartição dos grupos por varios typos constitucionaes não se evidenciou ainda com correlações perfeitas e expressivas".

Na verdade, tudo são conclusões precipitadas de pesquisas imperfeitas ou insuficientes. Os classicos criterios da morphologia externa — forma do craneo, estatura, côr dos cabellos, dos olhos, da pelle, etc., continuam ainda a ser os meios mais seguros da classificaçã das raças.

Em outras monographias (5), o professor MENDES CORREIA nos dá os resultados das suas pesquisas anthropologicas e nos faz uma critica prudente ao problema da applicação das leis da hereditariedade mendeliana á anthropologia, problema de capital importancia para nós, povo onde convivem e se misturam mais de uma dezena de variedades humanas.

Estas leis, como sabemos, regem a hereditariedade dos typos hybridos no mundo da vegetabilidade e da animalidade — e o grande problema é saber se ellas tambem se applicam á hereditariedade humana e á biologia das raças miscigenas. O professor MENDES CORREIA mantem uma discreta reserva diante das soluções desconstradas deste ponto delicado de heredologia — e o seu juizo é dado com o mais rigoroso espirito scienti-

(5) MENDES CORREIA — *L'hérédité mendélienne et l'analyse ethnologique; Sobre tres craneos de negros Mossumbes*, 1915; *Notas morphologicas sobre os molares superiores nos portuguezes*, 1925; *Sur quelques différences sexuelles dans le squelette des membres superieurs; De l'asymetrie du squelette des membres superieurs; Curso de Antropologia na Universidade do Porto*, 1922; *A fisionomia humana e os animaes*, 1933; *Valor psicologico das raças colonias*, 1934; *Os mestiços das colonias portuguezas*, 1934.

fico. Vê-se que elle fica entre os enthusiasmos e a convicção de BATESON, CONKLIN, CUÉNOT e DAVENPORT e a critica, ou negativa, ou sceptica, ou reticente, de GRASSET, BLARINGHEM, JENNINGS, GUYÉNOT e RABAUD.

E', porém, no campo vastissimo da anthropogenia, da paleo-ethnologia, da archeologia e da pre-historia que o grande mestre peninsular nos tem dado as suas maiores obras e trazido as melhores contribuições.

Estudando, por exemplo, a questão do povoamento da America, o professor MENDES CORREIA suggere uma terceira hypothese, que virá ajuntar-se á hypothese de RIVET — das migrações malayo-polynesias pela costa do Pacifico, e a hypothese classica — das migrações asiaticas pelo estreito de Behring. Para fundamentar a sua nova hypothese, elle se aproveita da moderna theoria das translações continentaes de WAGENER. Por esta hypothese, além da grande corrente povoadora, que veio do Norte. houve tambem uma outra corrente povoadora vinda pelo Sul, tendo como entrada a região patagonica e seguindo a rota: *Australia — Tasmania — Nova Zelandia — Antartida — Patagonia*. Por este caminho é que deveriam ter passado á America os primitivos povoadores sahidos do grande centro anthropogenetico formado em torno da bacia do Indico (6).

Em outras duas obras, essas de grande tomo — *Os povos primitivos da Lusitania e Homo* — o professor

(6) MENDES CORREIA — *As primeiras migrações humanas, s/d; O significado geneologico do "Austrolopitecus", etc.*, 1925.

MENDES CORREIA estuda e debate, manejando uma formidável massa de erudição, os grandes problemas relativos á pre-historia e á archeologia da Peninsula, por um lado, e, por outro, ás origens e á evolução do Homem (7).

No grande volume dedicado a *Os Povos Primitivos da Lusitania*, MENDES CORREIA nos dá a ultima palavra sobre as origens pre-historicas e proto-historicas dos portuguezes contemporaneos. Elle conclue pela preponderancia, desde os periodos mais remotos, na ethnogenese dos povos peninsulares, dos elementos de typo mediterraneo, isto é, dos pequenos dolicoides ibero-insulares de DENIKER. Illustrando por sua vez, em *Homo*, os seus conceitos sobre anthropogenia e theorias anthropogeneticas, apresenta dados e observações sobre a caracterização morphologica do povo portuguez actual.

(7) MENDES CORREIA — *Homo*, 1926; *Novas discussões sobre a origem do homem*, 1923; *Os povos primitivos da Lusitania*, 1924; *O homem terciario em Portugal*, s/d; *Glozel e Alvão: os portuguezes e a invenção do alfabeto*, 1926; *A necropole de Parada Todeia*, 1925; *Contribuição para a antropologia da idade do ferro em Portugal*, 1921; *Art. rupestre en Traz-os-Montes*, (v. "Rev. Archéologique"), 1929; *A chronologia das mais antigas inscrições do nordeste da Peninsula*; *A geographia da Prehistória*, 1929; *Les nouvelles fouilles à Muge*, 1933; *Les migrations pré historiques*, 1933; *Les inscriptions à Parada, Alvão e Lerilla*; *A posição systematica do esqueleto de Combe-Capelle*, 1933; *No centenário de Martins Sarmiento*, 1933; *Prehistoria de Moçambique*, 1936; *A Teologia e a origem do homem*, 1935.

Das syntheses do professor MENDES CORREIA em ambos esses livros resulta a confirmação da these da complexidade ethnica das populações ditas ibericas. E' certo que o typo dominante é o iberico; mas typos representativos de outras raças tambem alli apparecem, embora esporadicamente, como, por exemplo, o *H europæus*, com os seus olhos azues, os seus cabellos louros, a sua alta estatura, a sua dolicocephalia accentuada (que, aliás, não é alli differencial, porque o iberico, elemento dominante, é tambem dolicocephalo).

Suevos e godos, embora varridos historica e politicamente da Peninsula, alli ainda remanescem pela immortalidade do sangue, explodindo aqui e alli em imprevisitas revivescencias stavisticas. Estas irrupções de caracteres nordicos são mais frequentes, como se vê dos dados e mappas do professor MENDES CORREIA, na zona do Norte (Minho, Douro, Traz-os-Montes e as duas Beiras) — zonas onde a analyse anthropologica constata maior abundancia de typos louros (8). Estes germanoides apparecem alli numa proporção de 2%, mais ou menos, segundo os calculos de FERRAZ DE MACEDO; mas nas correntes immigratorias contemporaneas, esta proporção augmenta, attingindo, como se acaba ultimamente de verificar nos grupos que se encaminham para a America do Norte, um coefficiente de 5 a 10% (9).

(8) MENDES CORREIA — *Homo*, paga. 260-1.

(9) DUTHIL (R.) — *L'immigration aux États Unis et le déclin de l'intelligence américaine* ("La Grande Revue", Juillet, 1925).

Os typos celtas ou celtizados (*H. alpinus*) — brunoïdes de pequena estatura e brachycephalos — formam uma porção um pouco maior da população, talvez 14%, levando em conta apenas o indice cephalico. E' na região do Minho onde elles encontram o seu centro de maior frequencia (10).

O professor MENDES CORREIA tambem assignala outros typos ethnicos, como os que traem primitivas influencias semiticas: no Alentejo, dos arabes; nas costas do littoral, dos phenicios; e dos judeus de typo armenoïde, em casos isolados.

Comtudo, apesar destas variantes e resurreições atavicas, o typo do portuguez moderno é o da raça ibero-insular. Esta fórma a base indigena da população. O tumulto das invasões e das conquistas, que por alli se alastraram desde as idades pre-historicas, não a destruiu: cobriu-a apenas, por um momento, de uma camada adventicia de celtas, de germanoides, de semitas, de negroides berberizados (mouros); mas o primitivo fundo indigena ficou sempre intacto; foi, por isso mesmo, reapparecendo pouco a pouco e acabou, por um lento e

(10) MENDES CORREIA — *Curso de Anthropologia da Universidade do Porto*, 1922, pag. 23; *La minorité brachycephale chez les portugais* ("Compte-rendu des séances de la Societé de Biologie", (1928); *Valencianos e portuguezes*, 1933; *Estatura e indice cephalico em Portugal*, 1932; *La distribution géographique des hommes supérieurs*, 1933; *Origem da Cidade do Porto*, 1935. Cfr. BENTO CARQUEJA — *O Povo portuguez*, pags. 48, 54.

secular processo de *re-ibirização*, absorvendo a massa intrusa desses adventícios, cujo typo hoje só apparece alli em manifestações esporadicadas, de atavismo. O pequeno dolicoide de olhos escuros e cabellos tambem escuros ou pretos, de côr branca matte, de nutrição média que o professor MENDES CORREIA nos descreve nos seus livros e cuja presença assignala alli desde a éra neolithica, é ainda o elemento dominante, é quem ainda dá o typo morphologico a, certamente, 85 % dos actuaes portuguezes.

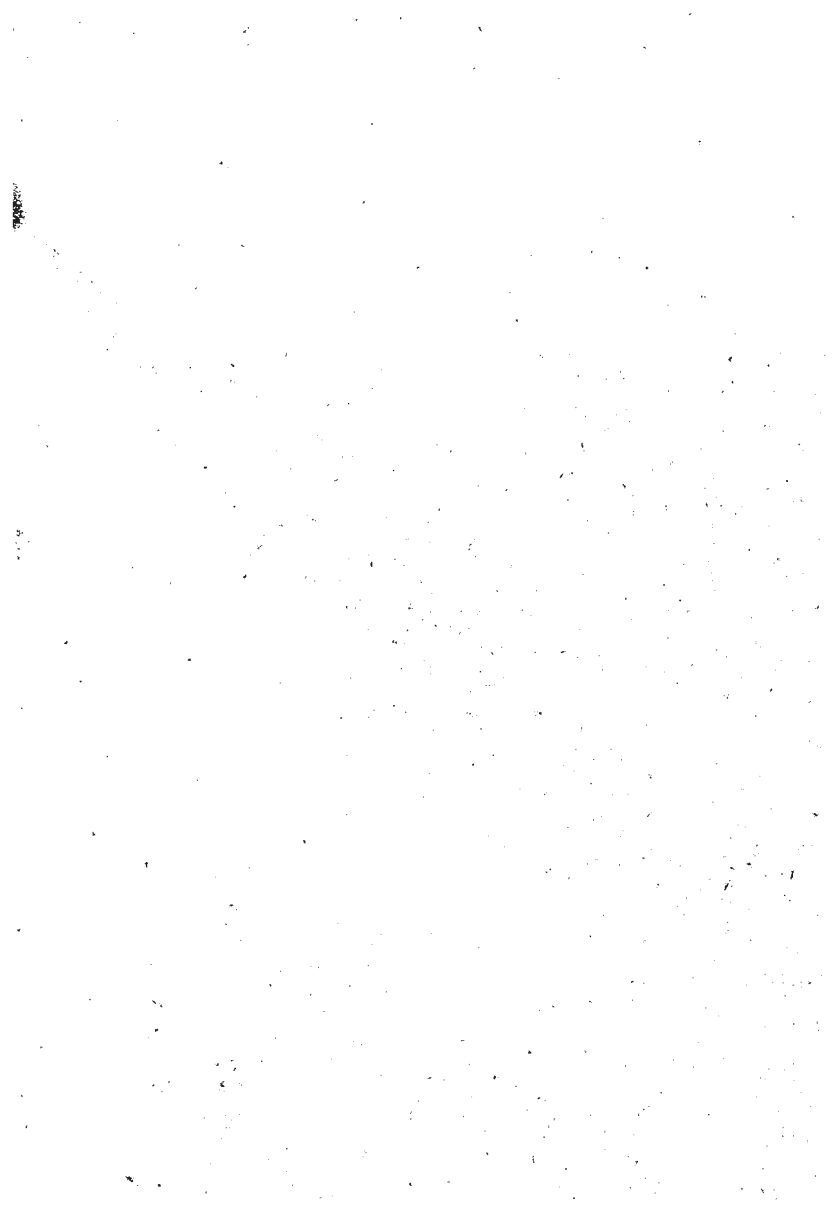


II

Raça e psychologia ethnica

JENNINGS e a selecção racial.

MUKERJEE e a *ecologia humana*.



Raça e psychologia differencial

(O japonéz e o seu problema)

QUANTO mais penetramos a trama complexa dos problemas raciaes, mais nos vamos convencendo de que o problema ethnico da Europa é irresolúvel. Quando um investigador constroe, sobre dados rigorosamente colhidos, uma certa theoria explicativa, para logo um outro investigador, operando com o mesmo rigor, colhe dados e chega a conclusões que destroem inteiramente esta theoria. Tem-se a impressão de um terreno de dunas em movimento, em que os pontos de referencia se deslocam continuamente e continuamente desorientam o observador. E' a impressão que se tem em muitos passos da obra de RIPLEY, que é classica; em muitissimos da obra de PITTARD (1924) e em quasi todos da moderna obra de FRANZ HANKINS sobre as bases raciaes da civilização (1).

Tudo alli é confuso, contradictorio, embaraçante: a historia das raças, a geographia das raças, a sociolo-

(1) HANKINS — *The racial basis of civilization*, 1926.

gia das raças, a psychologia das raças, a biologia das raças. Mesmo em relação ás pesquisas puramente anthropometricas, não se pode dizer que hajam chegado a conclusões definitivas e immoificaveis sobre a verdadeira caracterização anthropologica dos varios grupos ethnicos alli existentes. No tocante á biologia dos cruzamentos e ás leis que a regem, tudo o que se tem feito alli nos dá uma impressão de contingente e provisório.

Os problemas da raça, as leis que regulam a sua biologia, a sua psychologia e a sua historia — é convicção nossa cada vez mais forte — só poderão encontrar solução na America. Se LAPOUGE, AMMON ou WOLTMANN, em vez de trabalharem sobre materiaes europeus, tivessem trabalhado sobre materiaes americanos, as suas construcções theoricas, hoje tão facilmente desmontaveis, teriam certamente outra solidez e duração.

E' que a America, tanto a do Sul como a do Norte, é hoje o campo de convergencia de todas as raças do globo: brancos da Europa; mongóes da Asia; negros da Africa; malaios e polynesios da Oceania. Os phenomenos ethnicos têm, por isso, deste lado do mundo, uma visibilidade meridiana — e podem ser observados mesmo a olhos desarmados. Especialmente os phenomenos da adaptação racial, da biologia dos cruzamentos e da psychologia differencial mostram-se, na America, sem nenhuma daquellas obscuridades que, no velho mundo, difficultam, e tornam mesmo impossiveis, a observação e o trabalho das pesquisas.

Os americanos do norte, com o seu admiravel senso realistico dos problemas, comprehenderam isto á maravilha — e o esforço que estão desenvolvendo neste campo de estudos é simplesmente prodigioso. Ha trabalhos de observação; ha trabalhos de pesquisas, ha trabalhos de experiencia — todos caracteristicamente americanos pelo methodo, pelo espirito, pela audacia das conclusões. Os trabalhos comparativos sobre o negro, o indio e os seus mestiços são, como é de prever, numerosissimos.

Onde, porém, eles têm a excellencia, e nada do que se tem feito na Europa se lhes póde comparar, é nos estudos e pesquisas sobre a psychologia differencial das raças. Neste ponto, são até agora inexcediveis pelo rigor scientifico dos trabalhos e pelo volume da obra realizada. Exemplo disto é o volume escripto a duas pennas por PORTEUS e BABCOCK (2).

O campo de estudos dos dois psycho-anthropologistas é o Hawai — onde a primitiva população de raça malaio-polynesia se encontra ainda ao lado dos modernos colonos, uns de origem aryana (portuguezes, hespanhóes, anglo-saxões), outros de origem asiatica (japonezes e chinezes). Este facto torna, na opinião dos dois autores, o Hawai um dos mais admiraveis centros de estudos de psychologia ethnica comparada existentes no mundo.

(2) PORTEUS AND BABCOCK — *Temperament and Race*, 1926.

Dahi, durante dois annos, realizarem alli sobre malaios, portuguezes, espanhões, anglo-americanos, japonezes, chinezes e mestiços respectivos uma série de pesquisas psychometricas, feitas pelo methodo dos *tests* de BINET e outros no sentido de apurarem os indices mentaes dessas diversas raças e grupos ethnicos alli fixados. Os resultados obtidos apparecem expressos em graphics e quadros estatisticos, compostos por aquella forma suggestiva, de que os americanos parecem ter o segredo.

Sente-se que o pensamento central dos autores é pôr em pratos limpos o problema da superioridade ou inferioridade das duas raças amarellas, especialmente a japoneza, em face das raças arianas. Estudadas scientificamente pelo processo psychometrico dos *tests*, como se comportam ellas? como se comporta especialmente a japoneza em confronto com as raças brancas, especialmente a anglo-saxonia? Eis o que PORTEUS e BABCOCK se propuzeram a esclarecer.

Pois bem: a conclusão, a que elles chegam, é absolutamente inprevista. Os dois pesquisadores americanos (que visivelmente não morrem de amores pelos orientaes, principalmente os japonezes) foram forçados a concluir que as duas raças amarellas, com especialidade a japoneza, estudadas scientificamente em relação aos *tests* da intelligencia e do character (temperamento), não são em nada inferiores a nenhuma das raças europeas e — o que é mais surprehendente — em alguns dos *tests* se mostraram mesmo superiores!

Dahi opinarem pela exclusão implacavel (*rigid*) dos japonezes do territorio americano e possessões inglezas. Esta exclusão — observam elles — deve ser justificada, não mais sob o fundamento da inferioridade da raça nipponica, mas sim sob o fundamento contrario: da superioridade della. Textualmente: — “Our personal opinion of the inherent advantages that the Japanese race enjoys is so high that we would entirely favour a policy of rigid exclusion from Canada, United States and Australia. If however, we wish to avoid racial rancor and bitterness, it is well to state the grounds for this exclusion exactly as we have done so, and not from the standpoint of an unfounded racial superiority complex” (3).

Para nós o problema da assimilação do immigrante japonez é infinitamente mais difficil de resolver do que o dos immigrantes das outras raças aqui affluentes -- e isto, não pela sua inferioridade, que fica patente não existir, mas pela sua incapacidade de se deixar absorver pela massa nacional. Qualidade que elle revela de modo quasi aggressivo no Hawaii, segundo os dois autores citados, e que, penso, ha de se revelar em qualquer parte onde se fixe.

O japonez é como o enxofre: insolúvel. E' este justamente o ponto mais delicado do seu problema immigratorio, aqui como em qualquer outro ponto do globo.

(3) PORTEUS AND BABCOCK — *obr. cit.*, pag. 335.



Jennings e a selecção racial

I

O livro do professor JENNINGS, que traz o título: *Prometheus*, é um pequeno volume de menos de 100 paginas in-16, cujo valor intrinseco está em absoluta desproporção com o seu tamanho reduzido, de livrinho de orações. Só um mestre como JENNINGS seria capaz de metter dentro de um espaço tão pequeno tamanha somma de idéas geraes sobre os grandes problemas da hereditariedade experimental.

Neste livrinho (1), JENNINGS faz uma critica rigorosa ás modernas concepções da escola mendeliana -- e as suas objecções, principalmente contra a theoria do "factores", são absolutamente desconcertantes: JENNINGS considera esta theoria uma completa illusão, uma verdadeira fonte de mystificação e erro: — "It has tur-

(1) JENNINGS — *Prometheus or Biology and the advancement of Man*, 1925.

ned on to be a completely mistaken one. This fact has not come to general consciousness; this doctrine continues to be a source of mystification and error”.

JENNINGS é dos que não crêm no rigor das formulas mathematicas do mendelismo. E' como GRASSET, para quem as chamadas “leis de hereditariedade” significam apenas *probabilidades* e não *fatalidades*, indicam apenas *tendencias* e não *necessidades* (2). Elle reage, por isso, contra esta illusão corrente (*current fallacies*) de que o que é hereditario é certo, fixo, immutavel. Não ha tal certeza, tal fixidez, tal immutabilidade no dominio da hereditariedade, affirma elle. O mesmo “fundo hereditario” póde produzir este ou aquelle resultado conforme se encontre sob a acção deste ou daquelle meio (*environment*). JENNINGS não vê nenhum fundamento scientifico na affirmação dos eugenistas e seleccionistas, quando dizem que a descendencia do dysgenico deve ser dysgenica e a descendencia do eugenico deve ser eugenica: — “Não ha nenhum fundamento na sciencia para uma affirmação destas” — diz elle.

Depois de um ataque a fundo ás concepções neo-mendelianas, o notavel biologista entra a fazer a critica dos postulados da escola eugenistica anglo-americana. JENNINGS é um tanto irreverente para com esta escola e leva o seu scepticismo um pouco além do razoavel.

(2) GRASSET — *La Biologie Humaine*, 1920, cap. XII e pag. 188. Cfr. RABAUD — *L'herédité*, 1921, cap. CXI.

O ponto mais interessante da sua critica é aquelle justamente que mais nos interessa: é a investida que faz ás actuaes leis americanas, que estabelecem a selecção immigrantista.

O pensamento central de JENNINGS é que esta selecção não póde ser realizada em concordancia com as leis geraes da biologia — e isto porque, segundo elle, estas leis não nos dão base segura para um discrimen racional entre os elementos eugenicos e os elementos não eugenicos na especie humana. Tudo o que sabemos de positivo a este respeito, diz elle, são meras inferencias, por meio das quaes applicamos ao *Homo* e á sua biologia as conclusões das experiencias feitas nos laboratorios sobre outras especies vivas, animaes e vegetaes. O que observamos na hereditariedade das cobaias, dos ratos ou das plantas, generalizamos para o rei da criação. Ora, para JENNINGS isto é erro, porque o homem tem a sua biologia propria. JENNINGS neste ponto está com GRASSET: tambem elle crê numa “Biologia humana”.

Estes argumentos de JENNINGS contra a politica seleccionista norte-americana — a politica que veda ou restringe a entrada de certos individuos e de certas raças em territorio americano — são argumentos de biologista e do ponto de vista da biologia são irrespondiveis. Realmente, para cada individuo isolado é impossivel prevêr todas as suas possibilidades hereditarias. Ninguem póde affirmar, com effeito, que as gerações oriundas de um individuo eugenico sejam sempre compostas

de individuos eugenicos; que de criminosos ou imbecis só resultem imbecis ou criminosos; ou de santos ou genios só provenham genios ou santos. Se a politica immigrantista dos norte-americanos fosse baseada exclusivamente neste criterio, ella seria falsa e estaria condemnada a fallir.

Mas, a verdade é que o criterio desta politica seleccionista é principalmente *estatistico* — e não puramente *biologico*. Os seleccionistas americanos bem sabem que de um homem superior póde provir um homem inferior; que de um mediocre póde resultar um genio; de um bom póde sahir um mau, de um mau um bom; que, portanto, não será possivel nunca em nossa especie a previsão *para cada caso individual*. O que elles affirmam não é isto, porém; o que elles affirmam é que em 1.000 individuos “superiores” o numero de *possibilidades* ou *eventualidades* hereditarias “superiores” é incomparavelmente maior do que o que pode apresentar um grupo composto de 1.000 individuos “inferiores”.

O fundamento da politica immigrantista que advogam é justamente este: está no principio da maior frequencia, na lei dos grandes numeros. Não é o estricto rigorismo das formulas mendelianas que os inspira; mas, o calculo das probabilidades. JENNINGS, aliás, é o proprio a reconhecer que, dentro deste criterio, os seleccionistas têm razão.

II

Demais — é este o ponto que nos interessa principalmente — ha que considerar as “repercussões” dos novos meios sobre as potencialidades hereditarias de cada individuo (3). O biologista americano não contesta inteiramente a influencia da hereditariedade; mas dá um papel preexcellente á acção do meio em geral, principalmente á acção dos novos meios. Diz que um meio novo ou um meio differente pôde modificar o typo das combinações hereditarias do individuo e fazer apparecer nelle qualidades que até então não existiam. Nestas condições, todas as vezes que uma raça se transplanta para um “habitat” novo, o seu systema de hereditariedade se altera em muitos pontos; opera-se mesmo a irrupção de qualidades novas: — “O meio — diz JENNINGS — pôde fazer apparecer numa dada raça caracteristicos que jamais se haviam revelado”.

E’ possivel determinar estes novos caracteristicos? JENNINGS responde que, *a priori*, é impossivel determinal-os. Só a observação *in loco* da vida da raça no novo meio permittiria realizar esta determinação: — “O que uma raça virá a revelar sob o novo *habitat* não pôde ser deduzido dos principios geraes da Biologia. Somente o estudo desta mesma raça e da sua maneira de reagir

(3) JENNINGS — *obr. cit.*, cap. II, pag. 58.

aos diversos ambientes nos poderá trazer sobre este ponto”.

Na selecção das nossas matrizes ethnicas não nos basta, pois, levar em conta o indice eugenistico das varias raças nos seus *habitats de origem*. O eugenismo, que uma determinada raça revela no seu meio originario, pôde soffrer alterações quando elle penetra em meio novo, estranho á sua biologia. Não seria mesmo absurdo suppôr que raças ou individuos destituídos de eugenismo possam, sob a acção desequilibradora do novo *habitat*, revelar imprevistas qualidades eugenisticas. Ou, então, o contrario disto: raças ou individuos de alto teôr eugenistico num certo meio, ao transplantarem-se para outros muito differentes, revelarem uma imprevista diminuição no seu indice de eugenismo. Esta ultima transmutação, aliás, parece ser factó frequente entre os individuos de raça germanica, quando fixados em meios caracteristicamente tropicaes.

Tudo isto mostra a grande interdependencia da Raça e do Meio, da biologia do eugenismo e da influencia do ambiente — ou, para empregar a linguagem technica, da eugenia e da euthnia. Neste terreno, todo apriorismo deve ser condemnado.

O problema da selecção immigrantista está dependendo, portanto, de pesquisas preliminares realizadas em nosso meio sobre o eugenismo positivo e negativo das varias raças aqui affluentes. Sem conhecermos previamente os resultados destas pesquisas, realizadas nos moldes que esboçaremos no *Aryano* no Brasil e na

Anthropologia Social, não será possível organizar em nosso paiz, com fundamentos seguros, o processo selectivo das raças.

Poder-se-ia objectar que ha as experiencias já feitas por outros paizes immigrantistas: a America do Norte, por exemplo.

Na America do Norte, com effeito, depois de pesquisas notaveis sobre o valor mental e social dos diversos elementos immigrants, acharam os seus legisladores que deviam restringir a entrada de certas raças e favorecer a entrada de outras. Estas ultimas eram as que se haviam revelado mais providas de eugenismo, mais aptas para as exigencias do meio americano; aquellas, ao contrario, eram as que denunciavam, no novo meio, um baixo coefficiente eugenistico, que as tornavam uma sorte de peso morto, retardando a impetuosa marcha ascencional da grande nação (4).

Estabelecendo a selecção immigrantista, os norte-americanos fizeram-no, comtudo, apoiados em pesquisas numerosas, numa copiosa massa de dados scientificos, principalmente de ordem psychometrica. E' verdade que JENNINGS julga que estes dados não são bastantes, nem fidedignos; mas o que é certo é que os legisladores americanos só tomaram aquellas providencias selecçio-

(4) Cfr. ROY GARIS — *Immigration restriction*, 1927, cap. VI-X. Cfr. SIEGFRIED — *Les États Unis d'aujourd'hui*, 1928, caps. VII e VIII; NISOT — *La question eugénique dans les divers pays*, I, 1927, pag. 357.

nistas depois de uma série de investigações sobre o valor das varias raças *em funcção no meio americano*.

Nós, que estamos collocados na mesma grave contingencia, não podemos proceder diversamente. Neste ponto, o exemplo americano nos serve e devemos aproveitá-lo.

Está claro que o exemplo americano nos serve; mas nos serve para aproveitá-lo na sua *methodologia*; não, nas suas *conclusões*. Estas não sabemos se nos servem ou não, se se adaptam a nós ou não. O meio americano não é igual ao nosso: *somos o unico grande paiz de immigração aryana situada em região tropical* — e só este facto basta para mostrar o aspecto singular do problema entre nós.

Precisamos, por isso mesmo, fazer o que os americanos fizeram: estudar as variações do eugenismo das diversas raças advenas *em funcção do nosso meio tropical*. Depois disto, estaremos armados com criterios seguros para adoptarmos uma politica seleccionista, com a amplitude que esta politica deve ter num povo, como o nosso, carregando já as responsabilidades de uma nação "leader" do continente.

Desta politica seleccionista só uma pequena parte poderemos realizar desde já: é a que interessa ao que os anglo-saxões chamam — seleccionismo negativo. Podemos, com effeito, e devemos desde já vedar a entrada em nosso paiz aos individuos que pertencem áquella classe que MALATO denominou "detritaria", isto é, os que trazem patentes os estigmas de profundas here-

ditariedades morbidas: surdos, mudos, loucos, retardados, criminosos, etc. O rigor dos norte-americanos neste sentido, como observa HERBERT WALTER, tem preservado a massa da população dos Estados Unidos de uma copiosa multidão, oriunda de matrizes morbidas. Só em 1908 foram repellidos dos portos americanos cerca de 7.000 individuos, entre loucos, idiotas, mendigos, criminosos e portadores de molestias contagiosas (5).

Esta especie de selecção nós podemos realizal-a já — e de uma maneira severa. Mas esta selecção é uma selecção de *individuos* e não de *raças* (6). Selecção racial, esta só a poderemos realizar, depois de termos concluído as pesquisas, cujo plano traçaremos nas duas obras em elaboração, acima alludidas.

(5) in NEWMAN — *Evolution, Genetics, and Eugenics*, 1925, pags. 529 e ss. Cfr. NISOT — *obr. cit.*, pag. 165.

(6) v. JULIANO MOREIRA — *A selecção individual do immigrante* ("Archivos Brasileiros de Hygiene Mental", Março, 1925, pag. 109); ALVARO CARDOSO — *Legislação sobre immigração* (idem, pag. 141); PACHECO E SILVA — *Immigração e hygiene mental*, (idem, Dez., pag. 27). Cfr. AZEVEDO AMARAL — *O problema eugenico da immigração* ("Annaes do 1.º Congresso de Eugenia", 1929, vol. I, pag. 327); — *Estudos Brasileiros*, Rio, 1930, capitulo: *O factor humano*; KEHL (R.) — *Lições de eugenia*, Rio, 1929 (especialmente lição 11.^a). E tambem CARLOS MARTINS — *Uma politica de immigração*, Rio, 1929, pags. 38 e ss.



Mukerjee e a ecologia humana

“**POUR** le poète védique la nature ressemble à un voile transparent derrière lequel se meuvent des forces impondérables et divines”, diz SCHURÉ.

Mas não é só do poeta vedico; podíamos dizer o mesmo de todos os homens do Oriente. Elles têm, mais do que os do Occidente, o sentimento da Natureza, a intelligencia profunda das suas correlações interiores, sorte de visão clarividente das cousas que formam o outro lado da Realidade. Esta “alma das cousas”, que em todos nós os do Occidente, com a rara excepção de alguns raros eleitos, não passa de uma pura noção “intellectualista”, para estes homens do Oriente representa uma realidade viva, que elles descobrem por intuição natural em cujo espectáculo variado, multiplo, colorido como que se repascem, numa contemplação entre familiar e deslumbrada.

Esta intima communição do Homem com a Natureza, esta sorte de identificação das duas almas — a humana e a cosmica — é que encontramos no livro de

RADHAKAMAL MUKERJEE, sociologo hindú, professor de sciencia economica da Universidade de Lucknow, India Ingleza (1). E' um grosso volume escripto originalmente em inglez — um inglez harmonioso e limpido, de uma pureza e transparencia latinas. Prefacia-o **ROSS**, mestre notavel da Universidade de Wisconsin, que vê na concepção mukerjeeana da “sociologia regional” um novo campo de estudos no dominio das sciencias sociaes.

Esta denominação de “sociologia regional” foi suggerida a **MUKERJEE** por **TACORE** — e será talvez essa a unica originalidade do titulo. Porque, ao contrario do que parece a **ROSS**, o campo explorado por **MUKERJEE** não é propriamente novo: a “sociologia regional” do pensador hindú não é senão a “anthropogeographia” dos allemães, a “geographia social” dos francezes, a “geographia humana” dos inglezes ou aquillo que os americanos chamam, com muito maior felicidade, a “ecologia humana”.

O autor se mostra familiarizado com toda a litteratura occidental sobre o assumpto. Sente-se, porém, que o fundo da sua cultura é inteiramente anglo-saxonio: os polos do seu espirito estão respectivamente na Inglaterra e na America.

(1) **RADHAKAMAL MUKERJEE** — *Regional Sociology*, 1926. E tambem — *The regional balance of Man* (“Amer. Jour. of Sociology, novem. 1930); — *The ecological outlook in sociology* (idem, nov. 1932).

Todos os grandes mestres lhe são familiares; todas as escolas de anthropogeographia lhe são conhecidas. Está entre os que, embora admirando-a na vastidão e originalidade, reagem contra a concepção ratzeliana, corrigindo-a. Em relação ao problema do clima e da sua influencia sobre o homem, as suas idéas são as de HUNTINGTON e discipulos. Pela objectividade do seu methodo, principalmente pelo senso das "repercussões", pôde-se concluir que se inclina mais para os monographistas da escola leplayana, com TOURVILLE, DEMOLINS e BUREAU, do que para os monographistas da escola de LA BLACHE, embora este, BRUNHES e VALLAUX não lhe sejam desconhecidos.

O mestre, que parece ter exercido uma acção profunda sobre o espirito de MUKERJEE, é LUCIEN FEBVRE. Parece mesmo que foi este quem lhe deu as directrizes da sua orientação investigadora. O ultimo capitulo do seu livro é, no fundo, um resumo de pensamento central de FEBVRE — da divergencia e da multiplicidade dos typos de evolução e da necessidade de pesquisas preliminares como base para as grandes syntheses do futuro (2).

O grande valor da obra de MUKERJEE não é, porém, este. Neste ponto, elle não se distingue por nenhuma criação original: as suas idéas são as dos pensadores europeus e americanos. O merito do anthropogeogra-

(2) V. OLIVEIRA VIANNA — *Evolução do povo brasileiro*, São Paulo, 1923, introdução, 1.^a parte.

phista hindú está em trazer para o campo da anthropographia aquelle sentimento da Natureza, aquella intuição da *anima rerum*, que parece ser um privilegio dos homens do Oriente e de que nós, os do Occidente, somos, em regra, tão escassa ou nullamente dotados.

Nenhum autor nos deu realmente, como este, a noção mais substancial, mais rica de *realidade*, mais profunda e completa, de como os homens e os grupos humanos estão dependendo, por mil e um laços, do meio natural que os envolve. Demonstrar esta dependencia tem sido na Europa e na America o objectivo dos estudos anthropogeographicos; mas, atravez do immenso labor dos occidentaes, sempre nos ficou, dessa acção do meio sobre o homem, uma noção mais ou menos "intellectualista", qualquer cousa de schematico ou abstracto, que lembra aquella "déformation du réel par le logicien qui ne sait pas se maintenir en contact intime avec la vie", de que fala BUREAU — e isto já não falando dos largos schemas, em que se enquadra a concepção de RATZEL, ou das grandes linhas da obra de SEMPLE; mas mesmo das monographias mais detalhadas e locais, feitas com o maior rigor objectivo, como as das escolas de LA PLAY e LA BLACHE. Entre os proprios investigadores inglezes, que são mais *realistas*, menos susceptiveis, por certas razões de raça ou de educação, daquella "deformação do real", tambem sentimos esta lacuna, a falta de um certo *quid*, que eu agora encontro copiosamente em MUKERJEE: esta sorte de intuição illuminada

dos liames invisíveis que prendem o homem ao seu ambiente cósmico.

Nenhum anthropogeographista ou ecologista do Occidente dá-nos esta especial impressão de *prise intérieure*, de *insight*, que nos revela MUKERJEE, ao descerrar o quadro, inédito aos nossos olhos occidentaes, da vida das pequenas comunidades humanas, que se adensam e repullulam nos valles férteis do Ganges e do Indus, ou se dispersam nas zonas montanhosas do Deccan. O homem se mostra allí preso por mil attinencias subtis ao seu quadro geographico — e é então que comprehendemos como todos nós estamos dependendo, desde a nossa vida biologica á nossa vida social e á nossa propria vida moral, do meio physico, principalmente dos seres que nos cercam, ou com quem convivemos. arvores, bichos, outros homens. Uma plantula, uma especie humilde de relva, um insecto, um pequeno passaro apparecem exercendo, ás vezes, na vida daquelles aggregados humanos, atravez “repercussões” successivas e variadas, uma influencia que nos surprehende, mas que não é menos real do que a exercida por essas grandes categorias geographico-climaticas, com que se comprazem em manejar as escolas anthropogeographicas do Occidente.

O autor como que parece ter a mão delicada de uma fiandeira de fios de seda ao discernir e separar os infinitos liames que formam o que elle chama — *the web of life* — “a trama da vida”, isto é, a perenne circulação de influencias reciprocas, as mil e uma correla-

ções existentes entre nós e o mundo exterior, entre o homem e o pequeno quadro regional em que se fixa. Isto tem sido tentado no Occidente — e as monographias de DEMANGEON, BUREAU, ROUX, VALLAU, DEMOLINS, etc., bem o mostram; mas nenhum delles o fez com essa fina intelligencia da alma das cousas, com esse sentimento das affinidades cosmicas, com um senso tão pantheista da Natureza como esse hindú occidentalizado pela cultura, mas de modo algum pela mentalidade.

No prefacio da obra de MUKERJEE, ROSS faz uma observação que convém lembrar; porque encerra um aviso de prudencia aos que aqui pretendem realizar investigações neste dominio. E' de que nós, os americanos, não estamos em condições de comprehender bem os phenomenos da influencia do meio. Povos formados por transplantação, estamos ainda em phase da adaptação, ainda não fixados definitivamente ao solo; de modo que os meios locais não tiveram ainda tempo bastante para exercer sobre nós e as nossas instituições a sua moldagem poderosa.

Em nós, os americanos, as influencias vindas da cultura parecem predominar sobre as influencias vindas do ambiente cosmico: *a terra ainda não se apoderou de nós*. Só o Oriente, com as suas populações fixadas ha milhares de annos, num mesmo pequeno quadro geographico, só o Oriente é *possuido* pela Terra, só elle nos póde revelar, portanto, na sua plenitude, o segredo das reacções do meio, o poder da sua força selectiva e modificadora.

III

Raças e pesquisas estatísticas.

Coefficientes regionaes do crescimento da
população brasileira.



Raças e pesquisas estatísticas

ENTRE nós, a analyse e as investigações anthropologicas encontram uma série consideravel de obstaculos, uma espessa massa de preconceitos, que as difficultam prodigiosamente.

O primeiro obstaculo é a mentalidade dos nossos centros culturaes, pouco familiarizados com esse genero de pesquisas. Não ha, nem nas nossas escolas medicas, nem nas nossas escolas juridicas, nenhuma cadeira especializada em estudos de anthropologia e ethnologia. Dos medicos e bachareis que dellas saem não se pôde dizer que tenham, por este facto, competencia technica para fazer as mensurações e observações delicadas que a analyse ethnica exige: dahi a difficultade de realizar esta analyse em nosso meio. Demais, se aqui um homem de sciencia, armado de instrumentos anthropometricos, saisse a percorrer as nossas populações na faina de medir craneos, estaturas, etc., o menos que lhe poderia acontecer era passar por um vesanico perigoso...

Estes obstaculos, entretanto, não são irremoviveis e, mesmo, não poderiam exercer nenhuma influencia sobre o espirito de um cultor da sciencia, consciente do valor da sua obra e, por isso mesmo, pouco disposto a deixar-se impressionar pelo juizo que delle possa fazer a massa dos ignaros. Ha aqui obstaculos mais sérios do que estes, que se oppõem aos estudos ethnologicos e ás pesquisas anthropologicas: são os que lhes vêm dos preconceitos de raça. Estes é que tornam aqui extremamente difficeis as pesquisas anthropologicas, quando feitas no intuito de um discrimen scientifico dos nossos typos ethnicos.

Realmente, somos uma nacionalidade, para cuja formação o indio e o negro entraram em contribuição copiosissima; em que a commixtão destas raças com o aryano se operou e se opera intensamente; em que o branco lucha sem exito para manter a sua pureza ethnica; em que, depois da 3.^a ou 4.^a geração, já se vae tornando difficil encontrar um descendente de immigrante aryano que não esteja "iscado" de sangue negro ou indigena.

Pois bem: neste povo assim mesclado, é ainda grande o preconceito da mestiçagem. Os mestiços aryanizados, já favorecidos por dosagens altas de sangue caucasico, evitam passar por taes — e inscrevem-se bravamente na classe dos brancos, dissimulando-se na roupagem euphemistica dos "morenos". Na classe dos mestiços só ficam realmente os pardos e caboclos caracteristicos; ainda assim quando fazem parte da plebe

repullulante dos Jecas innumeraveis que puxam a enxada ou fazem trabalhos servis; porque, se acontece serem "coroneis" ou "doutores" — o que não é raro — para estas não ha como cogitar de "mulatismo" e "cabocliismo": elles não são senão "morenos"...

Estas difficuldades creadas pelos preconceitos da raça têm levado alguns espiritos honestos em nosso paiz a esquivarem-se de realizar pesquisas biometricas ou estatisticas no sentido de uma discriminação mais precisa nos diversos typos ethnicos da nossa população. Foi o que aconteceu com o recenseamento de 1920.

Esta grande operação censitaria, magistralmente conduzida por BULHÕES CARVALHO, apresentou, com effeito, uma grande lacuna: nada ha nella referente aos coefficients ethnicos da nossa população. O censo de 72 e o de 90 nos trouxeram a esse respeito bellos algarismos esclarecedores; o de 1920 é inteiramente omisso neste particular. E foi pena: perdemos um magnifico ensejo de conhecer a nossa evolução racial e as transformações soffridas, de 90 até hoje, pelos quatro grandes grupos ethnicos do nosso povo: o aryano, o negro, o indio, o mestiço em geral (mameluco, cafuso, mulato, principalmente este).

Interpellando certa vez aquelle illustre estatista sobre essa omissão, respondeu-nos que não havia incluido no plano censitario de 1920 o questionario ethnico, porque lhe pareceu que as respostas que viessem deveriam ser pouco merecedoras de fé. Primeiro, dizia-nos

elle, os agentes recenseadores não teriam criterio seguro para determinar, ao certo, se um individuo era realmente branco puro ou apenas mulato brancoide, já em phase adiantada de reversão ao antepassado aryano. Depois, muitos mulatoides haveriam de dar-se por brancos nas papeletas censitarias. O que tudo concorria para tornar precarios e mesmo inveridicos os dados colhidos.

Este receio assaltou tambem o espirito do PROF. PAULA SOUZA, Director do Departamento de Hygiene do Estado de São Paulo. Haviamos-lhe pedido que, por intermedio dos diversos postos de prophylaxia rural espalhados por todo o Estado, fizesse uma série de pesquisas estatisticas sobre os quatro grupos raciaes: o *aryanoide*, o *negroide*, o *mameluco* (caboclo) e o *mulato* (pardo). O nosso objectivo era esclarecer certos pontos obscuros da nossa estratificação ethnica, isto é, a distribuição dos quatro typos anthropologicos pelas diversas profissões ou classes sociaes, em que se divide a população do Estado.

O joven professor reluctou longamente em emprender as pesquisas suggeridas sobre este ponto delicado. Renovamos o pedido, insistimos — e então elle acabou confessando-nos que, como homem de sciencia, sentia escrupulos, senão remorso, em entregar á nossa bôa fé, para as nossas deducções anthropo-sociologicas, dados que, para elle, em sã consciencia, não podiam corresponder á verdade verdadeira. E não mandou realizar as pesquisas alvitradas... Os fundamentos da

sua recusa eram os mesmos do estatista BULHÕES CARVALHO.

Um e outro, entretanto, laboraram num equívoco: para as nossas conclusões sociológicas, o que importa não é tanto determinar o typo puro (genotypo) e sim o typo apparente (phenotypo).

Ha, com effeito, duas especies de branco: o branco puro (genotypo) e o branco apparente, isto é, o mestiço brancoide, de aspecto aryano (phenotypo). O mesmo se dirá do negro: ha o negro puro e o mestiço (mulato) negroide. E tambem o mesmo para o indio: ha o indio puro e o mameluco de typo indioide.

Em anthropologia physica estes dois typos — o puro e o apparente — são biologicamente distinctos; mas em anthropologia social, estes dois typos como se equivalem: branco ou mulato brancoide, negro ou mulato negroide, indio ou mameluco indioide, são socialmente analogos: o comportamento delles em face da sociedade é, em geral, identico, como identico é o comportamento da sociedade para com elles.

Por outro lado, ha o typo caracteristico do mulato, que se objectiva no “pardo”, e ha o typo caracteristico do mameluco, que se objectiva no “caboclo”. Haverá alguém, mesmo leigo em anthropologia e ethnologia, que não distinga, logo á primeira inspecção, um “pardo” e um “caboclo”? Fixal-os é cousa facil, principalmente para os medicos dos postos de prophylaxia rural, afeitos a lidar com uma população onde estes typos apparecem

com frequencia. E estas pesquisas lhes seriam tanto mais facies de realizar quanto consistiriam em simples anotações tomadas cumulativamente nas papeletas, onde elles costumam registrar os resultados dos exames clinicos da ankylostomose e da malaria.

Coefficientes regionaes de crescimento da população brasileira

OS recenseamentos de 1872, 1890 e 1920 nos permitem fazer um estudo comparativo do crescimento da população brasileira durante um lapso de cerca de meio seculo.

O ponto mais interessante da questão é o exame comparativo dos coefficients regionaes do crescimento. Como era de esperar, estes coefficients são muito diferentes de região para região. Escrevemos *região* e não *Estado*, porque os dados que possuímos se referem a grupos regionaes — e não propriamente a Estados.

Estes dados são inéditos e colheu-os CARLOS GUSMÃO, então auxiliar prestimoso de BULHÕES CARVALHO no grande recenseamento de 1920. GUSMÃO começou primitivamente com um criterio muito rigorosamente geographico: dividiu o Brasil em tres grandes grupos regionaes, de accordo com a sua posição em relação á costa maritima. No primeiro grupo — o dos Estados

maritimos do Norte — elle comprehendia todos os Estados septentrionaes do Pará á Bahia. No segundo grupo — o dos Estados maritimos do Sul — estavam os Estados meridionaes, do Espirito Santo até o Rio Grande. No terceiro grupo — o dos Estados centraes — reunia os Estados sem fronteiras marinhas: Amazonas (inclusive o Acre), Goyaz, Matto Grosso e Minas.

Feitos os calculos, os coefficients de crescimento foram muito differentes para cada um dos tres grupos, como se vê do quadro abaixo:

GRUPOS	1872	1890	1920
	%	%	%
Estados maritimos do norte ..	49,3	44,2	29,9
Estados maritimos do sul	27,2	30,3	36,9
Estados centraes	23,5	25,5	33,2
	100,0	100,0	100,0

Estes dados mostram, para os dois grandes grupos maritimos, um movimento divergente na evolução demographica. Nos Estados septentrionaes, elle é regressivo, o indice de crescimento se reduz sensivelmente, á medida que caminhamos de 72 para 90, deste para 920. Os Estados maritimos do sul e os Estados centraes revelam, ao contrario, um movimento progressivo, ou,

melhor, uma aceleração progressiva no rytmto evolutivo da população.

O estricto criterio geographico adoptado por GUSMÃO pareceu-nos deficiente, porque não levava em conta as correlações economicas e historico-sociaes, que prendiam os diversos nucleos estaduaes. No grupo -- Estados centraes — por exemplo, estavam Amazonas e Minas, dois nucleos sem nenhuma relação de interdependencia e cuja evolução demographica se vem processando independentemente uma da outra; não havia, pois, razão para fundil-os num coefficiente commum. Da mesma fôrma, no grupo maritimo do norte, encontravamos Pará e Bahia, que não mantinham relações de dependencia definida no tocante ao crescimento demographico: um coefficiente unico que abrangesse um e outro não correspondia á realidade.

Sugerimos então uma outra classificação. O criterio classificador seria, não mais o puramente geographico, mas um outro que, comprehendendo embora o factor geographico, não deixasse tambem de considerar as correlações economicas existentes entre os nucleos estaduaes e as analogias de formação historico social. Dahi uma classificação, em que os centros estaduaes se distribuiriam em quatro grupos caracteristicos: o *extremo norte* (Amazonas, Acre e Pará); o *nordéste* (Maranhão, Piahy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe e Bahia); o *sul* (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas, São Paulo,

Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul); o centro (Goyaz e Matto Grosso).

Feitos os novos calculos, os resultados encontrados foram os seguintes:

GRUPOS	1872	1890	1920
	%	%	%
Extremo norte	3,3	3,3	4,7
Nordéste	46,5	41,9	36,7
Sul	48,0	52,6	56,1
Centro	2,2	2,2	2,5
	100,0	100,0	100,0

Considerando estes dados, sente-se que o nucleo goyano-mattogrossense tem um crescimento puramente vegetativo — o que era de esperar; o seu rytmo demogenico não soffre nenhuma alteração durante este meio seculo. O nucleo extremo septentrional denuncia uma certa aceleração final no seu movimento evolutivo, embora não tão rapido como o revelado pelo grande grupo do sul, zona vivaz, ao mesmo tempo de immigração interna e de immigração externa. Este grupo meridional está em pleno desenvolvimento; mas é interessante notar que o indice de seu crescimento no periodo de 1872 a 1890 é muito maior do que no periodo posterior de 1890 a 1920 — o que parece indicar uma

especie de *ralentissement* no rytmo evolutivo deste grupo: porque os dois periodos têm uma extensão aproximadamente igual.

O facto mais importante, o que resalta mais vivamente deste quadro, é a involução demographica do nucleo do Nordéste — o que não deixa de ser um tanto paradoxal, porque este grupo possui um dos mais altos coefficients de natalidade do nosso povo. De vinte em vinte annos, o seu volume demographico diminue de cerca de 5 % em relação á totalidade da população nacional: em 1872 é 46,5%, em 90 é 41,9%; em 1920 é 36,7 %. Denuncia-se nisto a sua condição de “centro de dispersão”, que é característica desta vasta zona do paiz.

O Nordéste é essencialmente uma região trabalhada poderosamente pelos agentes do centrifugismo demographico. O seu alto coefficiente de natalidade não tem conseguido vencer o systema de forças desequilibradoras, representado por estes dois centros de attracção humana: a Amazonia com a riqueza (agora desaparecida) dos seus seringaes e o Sul com as amenidades incomparaveis do seu clima, a fertilidade das suas terras, a sua crescente industrialização, os brilhos da sua fascinante urbanização. Esta vasta região está condemnada, pois, a representar em nosso povo o papel de *officina gentium*, comparavel ao que vem representado, desde os periodos

pré-historicos, em relação á Europa Central, as populações creadas em torno do Mar do Norte e do Baltico (1).

O destino do Nordéste está traçado — e não vemos como obstar-o: é ficar cada vez mais subordinado á influencia dominadora dos grandes campos de attracção do sul. Equivale dizer que elle está condemnado a ceder — e com intensidade mais e mais crescente — os seus elementos mais eugenicos, isto é, mais ousados, activos, ambiciosos e energicos, ás actividades civilizadoras das regiões meridionaes (2).

(1) DEMOLINS (Ed.) — *Comme la route crée le type social*, II, pag. 455.

(2) V. *O Aryano no Brasil*, cap. XXVI: *O valor psychico dos elementos migradores*.

IV

Pesquizas sobre psychologia ethnica no Brasil.

Os typos anthropologicos brasileiros e o problema da sua classificacão.

O problema do valor mental do negro.



Pesquisas sobre psychologia ethnica no Brasil

ENTRE as criticas que se fizeram a este livro, na sua primeira edição, está a de que o escrevi com o intuito exclusivo de reviver a velha theoria da superioridade das raças. Esta theoria é considerada pelo critico definitivamente morta.

Não quero discutir agora si a theoria da superioridade das raças já está definitivamente morta. Quero apenas accentuar que neste livro, na sua primeira edição, não se cogitou disto. De maneira que, ao menos por este lado, a critica feita não tinha nenhum fundamento e resultou, sem duvida, da leitura apressada de alguns dos seus capitulos.

Cabe observar, porém, que, entre os anthropologistas e ethnologos, mesmo os que admittem a igualdade das raças, só a admittem em relação ás raças brancas, quando comparadas entre si. Na sua quasi maioria, porém, estes scientistas recusam-se a acceitar o principio da igualdade das raças brancas com as demais raças do globo, especialmente com a raça negra (*H. Afer.*).

Não quero antecipar considerações e conclusões, que terei de expôr, mais tarde, e miudamente, no volume desta serie, relativo á psychologia e sociologia da raça (*Problemas da anthropologia social*). Direi apenas que não sou de modo algum partidario da igualdade das raças. Nem creio que, em face das modernas theorias biotypologicas, seja possivel mais admittir-se esta concepção egualitarista.

Não é esta a occasião mais opportuna para discutir si ha raças *superiores* e raças *inferiores*. Estou mesmo convencido de que a superioridade de uma raça é função do "momento" historico, podendo uma mesma raça mostrar-se superior num dado "momento" e, em outro, revelar-se inferior. Cada raça, como cada individuo, leva para o plano social os seus attributos psychicos, como leva os seus attributos physicos; mas é o "momento", são as condições de vida no grupo, as exigencias do meio social que determinam o aproveitamento ou o não-aproveitamento da totalidade destes attributos, ou apenas de alguns delles.

Minha these é outra. Eu não me preocupo com o affirmar propriamente a inferioridade ou a superioridade desta ou daquella raça: o capitulo II deste livro deixa, aliás, claramente entender isto. O que affirmo é que as raças são *desiguaes*. Desiguaes num sentido apenas da maior ou menor *frequencia* em typos de temperamento e em typos de intelligencia. Uma certa raça A é, por exemplo, fecundissima em typos de temperamento ciclothimico, mas pouco fecunda em typos de

temperamento schizothimico; já uma outra B possui physiologia justamente opposta. Ora, para mim e neste ponto, estas duas raças são *desiguaes*. São *superiores*? Isto é um outro problema — e minha these é essencialmente biologica; o problema da superioridade ou da inferioridade *social* das raças é extrinseco a ella. O momento social pode exigir, ora um, ora outro, destes temperamentos. Si exige individuos de temperamento ciclothimico, neste caso, a raça A, fecunda neste temperamento, revela-se superior á raça B, pouco fecunda nelles. Si, porém, por força mesma da sua evolução, as condições do “momento” variam, exigindo individuos de indole schizothimica, por exemplo, nesta hypothese, a raça A para logo se inferiorisa em face da raça B, que passa a ser, desde então, superior (1).

(Este raciocinio pode ser applicado ás qualidades da intelligencia, ás particularidades da raça “A” ou “B” no tocante á sua *maior* ou *menor* fecundidade neste ou naquelle typo de intelligencia. O problema da sua *superioridade* em face do “momento” se collocará de forma analogia).

Eu dissocio, pois, neste livro, o problema da *superioridade* do problema da *desigualdade* das raças.

(1) v. um estudo de Woofler em *Social Forces*, março, 1935, pg. 417. E tambem FISHER — *The social selection of human fertility* pg. 19-20; HABERLANDT — *Ethnografia* (trad.), pg. 46-7.

Desinteressando-me por um momento do primeiro, esforço-me por chamar a atenção de todos os estudiosos unicamente para o segundo, que é de ordem puramente biologica e possivel de resolver-se pelos methodos da analyse biometrica comparativa, manejando os admiraveis instrumentos de que dispõem modernamente a biotypologia, a endocrinologia, a psychologia experimental e outras sciencias *naturaes*.

Dahi o meu appello á technica biotypologica dos Kretschmer e dos Pende. Estou certo que ella é que nos irá dar a solução do grande problema da psychologia differencial das raças. Não creio, porém, que nos possa dar, *desde já*, esta solução. Considero a biotypologia uma sciencia ainda *in fieri*, cujas conclusões actuaes terão fatalmente que soffrer revisões no futuro, quando os seus processos technicos tiverem attingido o seu completo aperfeiçoamento.

E' justamente por acreditar que o que se tem feito até agora em materia de biotypologia geral e, especialmente, em materia de biotypologia ethnica é ainda muito inseguro e provisorio, sujeito a rectificações futuras; é justamente por isto que eu não me julgo em erro, como pareceu a um cientista nosso, quando attribui ao typo amerindio (aliás, apenas como meio exemplificativo e esclarecedor da minha these) uma psychologia propria aos temperamentos schizoides, da classificação de Kretschmer. Quero referir-me á critica feita sobre

este ponto, no seu notavel livro sobre Biotypologia, pelo professor Waldemar Berardinelli (1-bis).

Para este illustre professor, o que se verifica, no ponto de vista da caracterisação biotypologica do indio, é que elle tem, em geral, uma morphologia brachitypica, ou piknica, ou brevilinea (Kretschmer); mas a morphologia brachitypica, ou piknica, ou brevilinea, está associada, como é sabido, e como já vimos no capitulo II deste ensaio, ao temperamento ciclothimico. Ora, isto, para o prof. Berardinelli, vae de encontro á minha conclusão — de que o indio possui uma psychologia schizoide, psychologia que é mais frequente entre os typos morphologicos longuilineos ou asthenicos.

Em primeiro lugar, eu não formulei uma conclusão definitiva. No prefacio deste livro, ao contrario, insisto em que todas as minhas affirmações são conjecturaes, dada a escassez, entre nós, de elementos biometricos para servirem de base a conclusões definitivas. Formulando o meu pensamento sobre a psychologia do indio e procurando explical-a pelo seu typo constitucional, eu não tive outro intuito sinão formular uma hypothese de pesquisa — uma “working hypothesis”, como diria Haddon. Nada mais.

Em segundo lugar, as pesquisas, de que resultaram os dados de Heitor Peres e Cunha Lopes, citados por Berardinelli, sobre a psycho-pathologia dos nossos abo-

(1-bis) WALDEMAR BERARDINELLI — *Noções de Biotypologia*, 1933, pg. 236.

rigenes, são ainda muito pouco numerosas. Mais: além de se referirem a series muito pequenas, são feitas sem criterio differencial rigoroso. Nellas foram considerados os aborigenes em geral, sem attenção aos diversos typos anthropologicos contidos nesta vasta congerie racial, que é a população indigena brasileira. Estudaram-se, nos nossos sanatorios e colonias de alienados, os “caboclos” e “bugres”, como si elles pertencessem a uma só raça, a um só typo ethnico; quando a verdade é que, como já demostramos, não ha um typo unico de indio e a nossa população aborigene é heterogenea, formada, como é, de varias “raças”.

Neste ponto, cumpre recordar aqui esta consideração do prof. Georges Montandon, num estudo recente sobre as correlações existentes entre a raça e os typos constitucionaes:

— “Entre os Amerindios, cujo polymorphismo é conhecido — diz elle — a determinação dos typos constitucionaes é mais difficil do que em qualquer outro grupo racial” (2).

Montandon se apoia em Weindenrich, notavel mestre em questões de biotypologia — e lhe repete as palavras.

Ora, se assim é; si é consideravel o polymorphismo dos nossos aborigenes; si os “typos constitucionaes”

(2) MONTANDON — *Race et Constitution* (“Revue Anthropologique”, 1933, pg. 48),

entre elles são extremamente difficeis de se discriminar, está claro que as conclusões de Cunha Lopes e outros sobre as predisposições constitucionaes dos nossos indigenas e a sua psychologia morbida differencial só devem ser acceitas com grande reservas.

No fundo, eu não affirmei uma verdade, nem uma inverdade; formulei apenas uma "hypothese de trabalho". Cabe aos technicos em biotypologia, em biometria, em psychiatria, em psychometria, em anthropologia, tomarem o problema, por mim levantado, para o resolverem com os seus methodos rigorosos de pesquisas. O que é essencial é que as séries, sobre as quaes vão operar, sejam bastante numerosas para que as suas conclusões se imponham á confiança dos entendidos. Em anthropometria ethnica, diz-se que as series de menos de 100 individuos não merecem fé; ora, em psychometria ethnica, menos fé ainda devem inspirar as series muito limitadas, mesmo as de 100 individuos...

O que é preciso accentuar é que o estudo dos typos constitucionaes não é incompativel com as pesquisas sobre os typos ethnicos: *raça* e *constituição* são conceitos complementares. O typo ethnico é mais comprehensivo e pode conter varios typos constitucionaes: é o que se verifica na maioria das raças da Europa, da Asia e da Oceania. E' esta a conclusão do prof. Montandon no seu bello ensaio a este respeito:

— "Mais, si certains groups raciaux vont de pair avec telle constitution, cela ne veut pas

dire que toute race soit caractérisée par un type constitutionnel; cela n'est en effet pas le cas de la majorité des races de l'Europe, de l'Asie et de l'Océanie. Aujourd'hui, la notion de race est admise même par la majorité des constitutionnistes" (3).

Cumpré, pois, aos nossos investigadores isolarem, da massa da população "cabocla", *preliminarmente*, os "typos anthropologicos" (ethnicos) nella contidos. Depois, cabe verificarem quaes os "typos de constituição" que cada um destes "typos" de raça contem, e a sua frequencia. E' este o verdadeiro methodo a seguir.

(3) MONTANDON — *obr. cit.*, pg. 48.

Os typos anthropologicos brasileiros e o problema da sua classificação

I

DESTAS considerações, expostas no capitulo anterior, resulta que o essencial para nós, nesta ordem de estudos, é uma boa classificação de typos anthropologicos. E' condição *sine qua* para o bom exito das pesquisas no sentido da determinação das características psicologicas mais frequentes de cada um desses typos, bem como das suas particularidades physiologicas, da sua reactividade ás influencias do ambiente cosmico, da sua maior ou menor *adaptabilidade* ao nosso meio e aos nossos climas tão variados.

Collocado o problema da classificação dos nossos typos anthropologicos dentro desse criterio rigorosamente physiologico e funcional, está claro que os typos componentes da classificação devem ser realmente typos morphologicos perfeitamente caracterisados — e não simples grupos de individuos, semelhantes apenas

por um ou dois attributos, principalmente si estes attributos são de valor secundario, como por exemplo, a côr da pele ou a côr dos cabellos.

E' justamente por isto que me parece pouco susceptivel de ser aproveitada utilmente, para os estudos das raças aqui fixadas, a classificação do prof. Roquette Pinto, director do nosso Museu Nacional e grande mestre em anthropologia. Minha impressão (digo impressão porque, mediocre anthropo-sociologista, não sou tecnico em anthropologia pura) é que a classificação do prof. Roquette Pinto, que apparece como sendo uma classificação de "typos anthropologicos", não é propriamente uma classificação de "typos", no sentido especifico que esta expressão tem hoje em anthropologia; mas, apenas uma classificação de grupos humanos pelo criterio exclusivo da côr da pelle. Para o prof. Roquette, os brasileiros (brasilianos, como elle chama) se dividem nos quatro seguintes "typos" anthropologicos (1):

- a) os que têm a pelle branca: os *leucodermos*.
- b) os que têm a pelle amarella: os *xanthodermos*.
- c) os que têm a pelle preta: os *melanodermos*.
- d) os que têm a pelle parda: os *phaiodermos*.

(1) ROQUETTE PINTO — *Ensaio de anthropologia brasileira*, 1933. E tambem: — *Os typos anthropologicos brasileiros* ("Archivos do Museu Nacional", v. XXX, 1928): — *Notas sobre os typos anthropologicos brasileiros* ("Actas e trabalhos do 1.º Congresso de Eugenia", v. I, 119).

Branco, preto, amarello e pardo. No fundo, a velha classificação popular e puramente empirica dos nossos typos ethnicos (branco, caboclo, negro e mulato), a que as denominações gregas revestem de um colorido scientifico.

Para as necessidades praticas e scientificamente elementares da nossa anthropometria militar, está fóra de duvida que esta classificação é inatacavel. Mas duvido que o seja para o effeito das grandes investigações scientificas sobre a biologia e a psychologia da raça no Brasil.

II

Não quero, para o fim de fundamentar a minha duvida, fazer a analyse de todos os quatro grupos da classificação do prof. Roquette. Tomarei, apenas, para uma analyse mais demorada, como já fiz no cap. III, o grupo chamado dos *leucodermos*.

Estes, ao ver do prof. Roquette, constituem, em nosso paiz, um typo anthropologico definido e unico. E' o grupo dos elementos brancos da nossa população. Neste grupo, estudando-o á luz da analyse ethnica, em que é mestre e tecnico, encontrou o prof. Roquette apenas um unico typo morphologico, a que deu o nome, como já vimos, de "leucodermo". Só um — e mais nem um.

Os caracteres biometricos deste typo foram estudados rigorosamente e transferidos depois em curvas, que exprimem, atravez de um movimento irregularissimo, o modo das suas "fluctuações" especificas. Com isto ficou o typo "leucodermo" brasileiro perfeitamente definido. E', pelo menos, o que affirma o illustre anthropologista do Museu Nacional.

E' possivel que tudo isto esteja dentro da melhor technica anthropologica. O prof. Roquette Pinto é um grande mestre no assumpto e deve saber o que fez e o que está fazendo. Não é possivel que tenha procedido empiricamente ao esboçar a sua classificação dos nossos typos anthropologicos.

Entretanto, sem titulos legitimos para penetrar nestes arcanos da sciencia biometrica, é grande a minha duvida sobre a existencia do "typo leucodermo" em nosso paiz. Que ha aqui um grupo de leucodermos, isto é, individuos de pele branca, é certo como a luz do sól; mas que todos estes individuos, assim brancos de pelle, apresentam um mesmo typo, é o que não acredito.

Os leucodermos que aqui existem, ou vieram da Europa, ou são descendentes, mais ou menos puros, dos que vieram da Europa. Ora, na Europa, estes leucodermos apresentam varios typos: — "Varia, segundo os autores a contemporaneos, de 3. a 12 ou mais o nu-

mero de raças europeias” — diz o prof. Mendes Correia (2).

Ora, si os brancos da Europa, centro emigratorio dos brancos que possuímos, exhibem, *pelo menos*, 3 typos anthropologicos, como explicar que, ao chegarem aqui — onde, por acção do clima e dos cruzamentos, estas variações deviam ser mais numerosas — acabem modificando-se de tal forma, que não apresentam sinão um typo unico, cujas fluctuações se acham expressas nas curvas biometricas tão pacientemente construidas pelo prof. Roquette Pinto e que vêm publicadas na sua monographia?

Não posso comprehender como estes typos ethnicos, existindo lá absolutamente inconfundiveis, aqui, ao contacto do nosso meio, desapareçam, fundindo-se num “typo” unico. E isto é tanto mais difficil de ser admitido quanto nós, ao percorremos as regiões do sul, pudemos constatar, por uma simples inspecção visual, que estes typos europeus não desapareceram de modo algum, nem se unificaram; mas, ao contrario, continuam vivos e distinctos, perfeitamente discriminaveis na massa da nossa população!

Não comprehendo bem, ainda não pude comprehender bem, como é possivel considerar como “typo” unico os leucodermos do prof. Roquette Pinto. Elles constituem, para mim, uma collecção de “typos”; nun-

(2) MENDES CORREIA — *Introdução á anthropo-biologia*, 1933, pg. 12.

ca, *um* typo. Os dados colhidos e as curvas achadas indicam os caracteres geraes e as fluctuações de um *grupo*; de modo algum, os caracteres e as fluctuações de um *typo*.

Basta, aliás, uma observação, mesmo ligeira, das curvas biometricas obtidas pelo prof. Roquette Pinto; basta considerar a extrema irregularidade que apresentam, algumas dellas com tres ou quatro cuspides — o que lhes dá, ás vezes, forma de uma verdadeira linha de cordilheiras (2) — para se chegar á conclusão de que as series, sobre que trabalha a technica anthropologica daquelle professor, são demasiadamente heterogeneas para que se possa considerar a distribuição da intensidade dos caracteres nella exhibida como razoaveis “fluctuações” de um typo homogeneo, de um verdadeiro typo anthropologico.

Veja-se, por exemplo, a curva da distribuição das estaturas dos leucodermos. Ella mostra dois vertices: um, indicando uma concentração de estaturas em torno de 1^m.63 e outra, em torno de 1^m.69. O mesmo acontece com a curva do indice nasal: é tambem bicuspide. Ora, é um facto sabido em Biometrica que, todas as vezes que a curva da distribuição das intensidades de um caracter mostra mais de um vertice, a conclusão a tirar-se é de que a serie estudada não é homogenea, encerra mais de um typo (Boldrini, Livi).

(2) — v., por exemplo, a curva do indice nasal dos melanodermos (pg. 270).

E' certo, como observa Boldrini, que o facto da regularidade, ou melhor, da *normalidade* da curva de frequencias nem sempre se poderá concluir que se está diante de um typo homogeneo; mas, é tambem certo que, todas as vezes em que uma curva se mostra irregular, revestindo forma bi ou trimodal, é segura a conclusão de que a serie é heterogenea, podendo-se inferir, com segurança, que a população estudada contem mais de um typo anthropologico.

Nestas condições, diante das curvas bicúspides, que o prof. Roquette encontrou para a distribuição das frequencias relativas a estatura e ao indice nasal dos seus brasileiros leucodermos, não seria licito presumir que ha, pelo menos, *dois* typos anthropologicos na população branca do Brasil?

Os resultados dos calculos biometricos procedidos pelo illustre anthropologista sobre a nossa população branca não desmentem, aliás, esta presumpção: revelam-se fiéis á realidade ethnica do nosso povo. Confirmam, com a irregularidade do seu desenvolvimento, o que a observação commum attesta: *que ha mais de um "typo" branco na nossa população*. O eminente mestre, entretanto, absolutamente convencido da unidade do typo branco no Brasil, vê nesta expressão bimodal ou trimodal das suas curvas de frequencia apenas simples "fluctuações" do typo leucodermo...

Esta preocupação do prof. Roquette Pinto é tanto mais surpreendente quanto é elle mesmo quem confessa ter verificado, entre seus "leucodermos", uma certa

correlação entre as altas estaturas e a pigmentação mais clara, não sei se da pelle ou dos cabellos (2). Mas, se assim é, por que então não tomar a unica providencia logica nestes casos: discriminar estes individuos assim morphologicamente “correlacionados”, agrupando-os numa serie especifica?

III

Esta heterogeneidade dos suppostos typos anthropologicos do prof. Roquette é ainda mais flagrante quando elle nos revela os resultados das suas pesquisas sobre o grupo complexo dos mulatos e dos negros. Estes, na sua classificação, como vimos, tem a denominação, respectivamente, de “phaiodermos” e “melanodermos”.

Em relação aos mulatos, está fora de duvida que elles não podem constituir um grupo homogeneo. Mesmo sem calculo biometrico algum, é facil prever que não pode haver um typo unico para os mestiços afro-aryanos. E isto por esta simples razão — de que, não havendo um typo unico de negro, nem tambem um typo unico de branco, não é possivel, em face das leis da heredologia ethnica, a constituição de um typo *unico* para os productos do cruzamento destes typos tão diferentes e tão heterogeneos.

(2) v. ROQUETTE PINTO — *Ensaio de anthropologia brasileira*, pg. 128.

Os dados biometricos, obtidos pelo prof. Roquette, ainda uma vez, confirmam integralmente esta previsão. Todas as suas curvas, relativas ao indice nasal, ao indice cephalico, ao indice bi-zygomatico e ao indice thoracico dos mulatos, são com effeito irregularissimas e sempre bi ou tricúspides.

Em regra, quando a serie é homogenea e o typo é puro, as curvas das variações dos seus caracteres exhibe uma forma regular e harmoniosa, como se fosse uma campanula. Ora, as curvas encontradas pelo prof. Roquette Pinto para exprimir as fluctuações do indice nasal, do indice cephalico, do indice bi-zygomatico e o do perimetro thoracico apresentam as formas mais exquisitas e desharmonicas. Não falando da relativa ao indice cephalico, com a forma de bico de passaro, basta attentar para as relativas ao indice bi-zygomatico e ao do perimetro thoracico, com dois vertices, e, especialmente, a relativa ao indice nasal (elemento differencial extremamente importante para o prof. Roquette) e que apresenta nada menos de tres vertices...

Quanto aos negros, que representam sabidamente um grupo heterogeneo (havendo, como ha, varios typos de negros), a unica curva exhibida no estudo do prof. Roquette Pinto é a relativa ao indice nasal. Pois bem, ha nesta curva nada menos de quatro cuspides: uma em 85, outra em 79, outra em 70 e uma que se denuncia em 58...

Si o indice nasal é um caracter ethnico tão importante, tão diferenciador dos typos, porque não con-

cluímos que a serie dos melanodermos do prof. Roquette é extremamente heterogenea e que ha, na população negra do Brasil, varios typos anthropologicos, que precisam ser devidamente isolados pelos methodos da analyse ethnica e biometrica?

O eminente anthropologista vê nestes saliencias multiplas das suas curvas, nesta extrema irregularidade que apresentam, apenas "fluctuações" dos typos estudados — fluctuações do typo branco, do typo negro, do typo amarello, do typo mulato. Ora, para mim, a verdade é outra: estes vertices, estas saliencias, estas irregularidades de desdobramento significam apenas que os varios typos, reunidos pelo prof. Roquette em cada uma das suas series, estão, por este meio, berrando o seu protesto contra a uniformidade, a que elle os sujeitou, e procuram, aqui ou alli, "furar" a curva, romper o sacco, em que foram mettidos a contragosto. O que elles querem é vir cá para fóra viverem, cada um, vida propria, autonoma e independente, de typos anthropologicos de verdade...

IV

Voltemos á unidade do grupo leucodermo. E, insistindo sobre a insociabilidade desta unidade com os factos da observação, que testemunham a existencia de, pelo menos, tres typos brancos em nosso povo, vejo que o proprio prof. Roquette me traz um novo argumento ao ponto de vista, que venho defendendo.

Como elle mesmo reconhece, no seu estudo, os individuos de raça celta, os de raça iberica ou mediterranea e os de raça nordica, quando collocados sob a acção do meio tropical, reagem diversamente, revelando uma adaptabilidade differente. Os nordicos, por exemplo, não encontram nestas regiões quentes, como as nossas, condições favoraveis de existencia, produzindo-se, nos nucleos desta raça ahi fixados, phenomenos, facilmente verificaveis, de degeneração physica e moral. O contrario, concorda ainda o prof. Roquette, acontece com os individuos pertencentes ás ethnias melacroides, como as celtas e, principalmente, as mediterraneas ou ibericas. Estas ultimas revelam uma grande capacidade de adaptação aos meios tropicaes, reagindo sempre favoravelmente ás suas influencias climatericas, dando mostras de uma perfeita conformidade biologica com os habitats megathermicos (3).

Ora, se assim é, se é o proprio prof. Roquette quem reconhece que, no grupo branco, entre os seus leucodermos, ha uns certos individuos, dotados de uma certa caracterização morphologica (*H. europeus*), que não se comportam, em face das influencias do meio tropical, da mesma maneira que certos outros individuos, *tambem leucodermos*, mas dotados de uma outra caracterização morphologica (*H. alpinus*, *H. meridiona-*

(3) — “Os alpinos e mediterraneos é fora de duvida que se acclimatam muito bem sob os tropicos. Dos nordicos já não se pode dizer o mesmo” (ROQUETTE PINTO — *obr. cit.*, pag. 171).

lis) ; como se explica que se recuse elle a considerar estas particularidades differenciaes de adaptabilidade destas diversas raças, componentes do seu grupo leucoderma, a ponto de organizar uma classificação, em que estas diversidades ethnicas especificas, revelando-se num campo de tamanha importancia, como é o da physiologia, não foram attendidas?

Veja o eminente professor até onde, até a que consequencias não nos levará a sua preocupação unificadora: desde que, nos seus calculos, os brancos apparecem considerados como um typo unico, que meios teremos nós, de posse dos dados biometricos obtidos por estes calculos, para podermos penetrar os segredos do nosso processo adaptativo, o sentido em que se estão orientando as nossas seleções telluricas em relação a estes varios elementos brancos que aqui subsistem ou que, vindos dos climas frios, para aqui affluem?

Está claro que, com os dados obtidos de uma serie assim tão heterogenea, como a dos leucodermos da classificação ROQUETTE, seria absolutamente impossivel determinar as condições de adaptação dessas diversas raças em nosso meio e, consequentemente, resolver o problema da sua distribuição pelas diversas regiões climaticas do paiz. E

a) ou temos que dissociar o typo leucodermo, desdobrando-o em, pelo menos, tres typos capitaes (nordicos, celtas, iberos) para applicar a cada um delles, isoladamente, a analyse biometrica, de maneira a determinar as suas characteristics anthropo-biologicas, as suas

correlações morpho-physiologicas e assim chegar, por esse meio, a conhecer a reactividade de cada um delles, nordicos, celtas, ou mediterraneos, ao clima tropical;

b) ou então, mantemos o typo leucodermo unificado, tal como elle se apresenta na classificação ROQUETTE, continuando a operar sobre elle como estão fazendo os technicos do Museu Nacional. Neste caso, os dados biometricos obtidos serão absolutamente sem nenhuma utilidade para o estudo e a solução scientifica dos problemas concernentes á adaptação dessas raças européas aos climas tropicaes, á acção morphogenica por elles exercida sobre estas raças, ao sentido, em summa, das nossas seleções telluricas sobre o homem dos climas frios quanto fixado em meio (4).

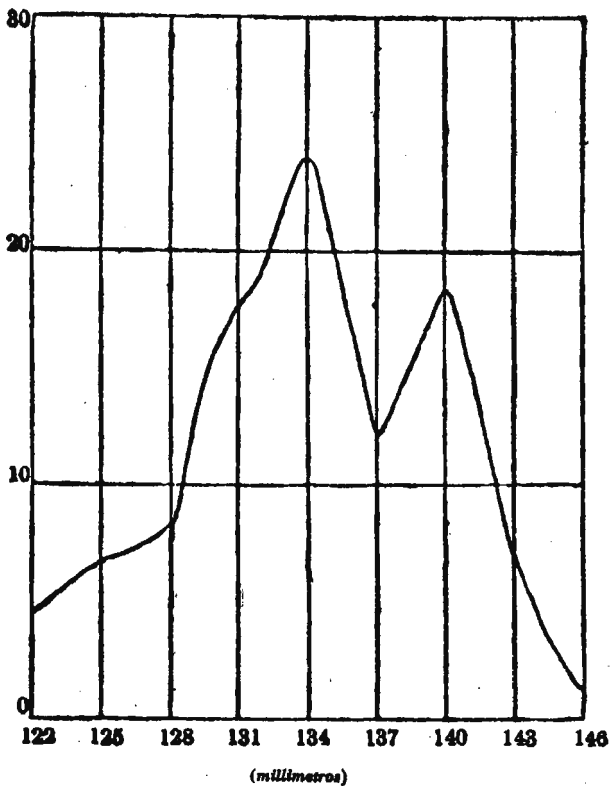
Para resolver estes problemas e lançar os fundamentos verdadeiramente scientificos da nossa anthropologia ethnica, temos que mudar de methodos; temos que rever a classificação de typos do prof. ROQUETTE; temos que iniciar novos estudos, novas pesquisas, realisando novos calculos, construindo novas curvas. Estas apresentarão, certamente, então, uma regularidade e uma

(4) Cumpre lembrar que, em face dos modernos estudos de micro-climatologia, de KRAUS e GEICER, o problema da determinação das zonas "optimas" de acclimação se deve tornar cada vez mais complexo e delicado, especialmente em relação ao homem e ás raças humanas. E' provavel que, mesmo dentro das grandes zonas climatericas "optimas", encontremos pequenos centros esparcos de inadaptação; e vice-versa: v. BROOKS — *Micro-climatology* (in "Geographical Review", 1933, pg. 502).

harmonia que não se encontram nas curvas obtidas pelo prof. ROQUETTE; regularidade e harmonia indicativas de que as series, sobre que se realisaram taes calculos, são homogeneas e os typos revelados são realmente verdadeiros typos anthropologicos — e não simples grupos somatologicos, ligados apenas por caracteres secundarios.

Phaiodermos

%



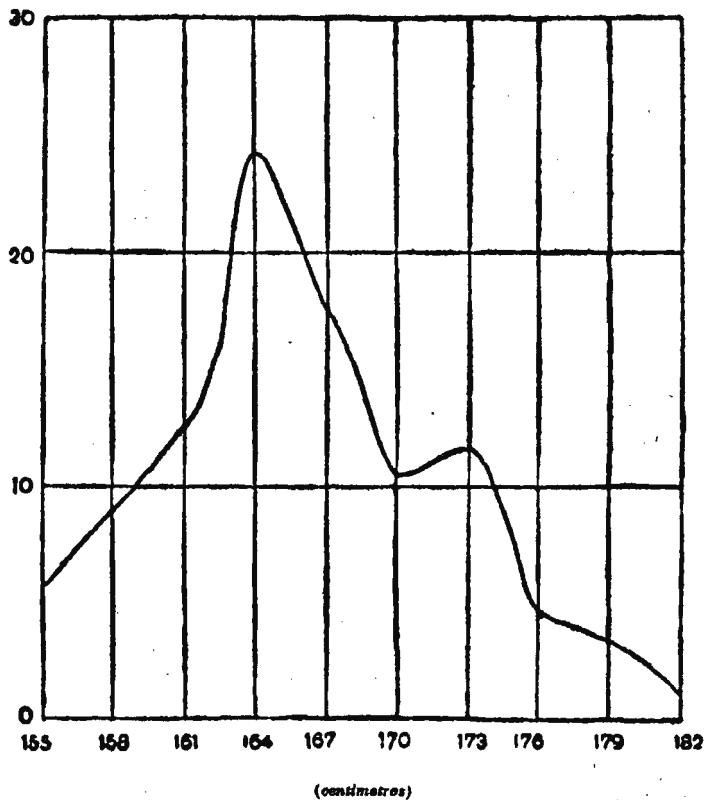
$$\eta = 237$$

By-zygomatiko



Phaiodermos

%



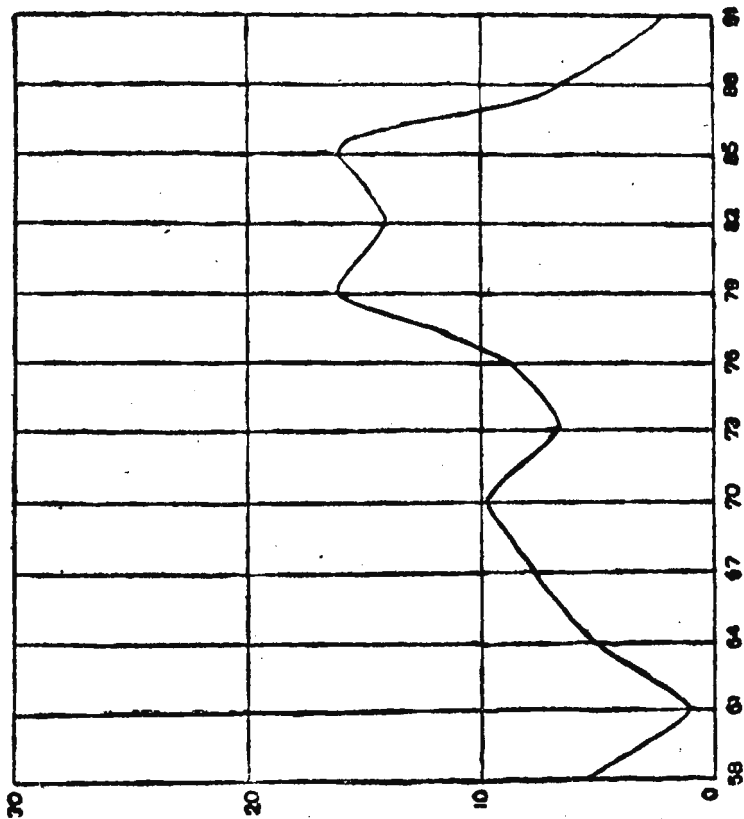
n = 325

Estatura



Melanodermos

%



n = 175

Indice nasal



O problema do valor mental do negro

I

EM relação ao negro puro, minha opinião — a que falta ainda a base de estudos psychometricos definitivos (porque os já feitos, e são numerosos, não me parecem ainda bastantes) — é de que, para certos typos de intelligencia superiores, elle revela, na sua generalidade, uma menor fecundidade do que as raças aryanas ou semitas, com que elle tem estado em contacto. Para os typos da classe F de Galton, ou para os super-normaes, como se diz na technologia psychometrica contemporanea (1), o negro, com effeito, não me parece poder competir com as raças brancas, ou amarellas. E' o que a observação demonstra e os resultados das pesquisas de psychologia experimental parecem confirmar (2).

(1) v. GALTON — *Hereditarius genius*, 1928, pg. 30 ss. Cfr. LEONI KASSEFF — *Educação dos super-normaes*, 1931, I e II partes.

(2) v. SAROKIN — *Contemporary sociological theories*, 1928, pg. 295-299. Cf.: — GINI (C.) — *Le basi scientifici della politica della popolazione*, 1931.

Trata-se, apenas, de uma *menor* fecundidade em super-normaes. Não é que as matrizes africanas sejam negativas na gestação destes typos; ellas tambem os produzem, como bem o demonstram os factos de observação geral, colhidos nos povos, como o nosso, onde ha grandes massas negras e onde vemos apparecerem negros de alta capacidade intellectual. Estes negros superiores não deixam de produzir-se no seio dos grupos negros, quer nas suas regiões nativas, quer nas suas patrias de adopção. O que parece é que, entre os negros, estes typos intellectualmente superiores são produzidos em pequena proporção, isto é, em proporção incomparavelmente menor do que, por exemplo, nas raças aryanas ou semitas.

Strong e Morse — para só citar, a titulo exemplificativo, o resultado de uma investigação *psycometrica*, feita pelo *test* de Binet — encontraram, num estudo comparativo da capacidade intellectual dos negros e dos brancos, 5% de super-normaes entre os brancos e apenas 0.8% entre os negros (3). Equivale dizer que, numa população de 10.000 negros, haveria probabilidade de existir cêrca de 80 negros de intelligencia superior, ao passo que uma população de 10.000 brancos deveriam produzir-se 500. Como estes typos superiores se concentram, normalmente, nas altas camadas sociaes e formam as elites dirigentes, pode-se concluir que a elite da população branca seria incomparavelmente mais rica

(3) v. HUNTINGTON — *Civilisation and climate*, 1923, pg. 12.

de elementos superiormente dotados do que a elite da população negra.

Neste ponto, as duas raças são *desiguaes* — e esta desigualdade se reflecte na desigualdade da riqueza eugénistica das suas elites respectivas. Ora, como a civilização moderna é muito exigente destes typos superiores na composição das suas elites (4), comprehende-se e explica-se porque o negro, vivendo dentro desta civilização, revele certa inferioridade em face dos grupos brancos e brancoidees com os quaes convive.

E' claro que esta inferioridade relativa do negro só é susceptivel de determinação segura, ou melhor, de pre-determinação quando consideramos os negros em grupos, formando uma população; individualmente, isto é, para cada caso isolado, é absolutamente impossivel saber-se si um dado negro é um typo superior ou um typo inferior, é um super-normal ou um sub-normal — um *gifted* ou um *dull*. Do facto de um determinado individuo ser negro não basta para se poder concluir que elle deva ser destituído de alta capacidade intellectual. Pela mesma razão, do facto de um individuo ser branco, não se pode tirar a conclusão de que elle deve ser, forçosamente, um individuo altamente dotado. Ha negros de genio, como ha brancos absolutamente mediocres. Dizer, portanto, que todo negro é

(4) v. GALTON — *obr. cit.*, pg. 333. Cfr. ROUSIERS — *L'élite dans la société moderne*, 1914; HUNTINGTON — *The character of races*, 1927, pg. 314.

estupido é tão absurdo como seria dizer que todo branco é inteligente.

Esta desigualdade entre as duas raças só se revela, como já dissemos, quando os seus individuos se apresentam reunidos em grandes massas. Nesse caso, ha quasi certeza mathematica nesta conclusão: de que um grupo de 10 mil negros ha de se mostrar incomparavelmente mais rico em *dulls* do que um grupo de volume egual, formado exclusivamente por typos aryanos ou semitas, por exemplo.

II

E' esta a minha convicção. Estarei em erro? Penso que não. E' por isto mesmo que não me abalou a critica feita pelo prof. Arthur Ramos, em conferencia proferida no "Centro Oswaldo Spengler", do Rio sobre os povos negros e a sua civilização.

Numa referencia incidente, o prof. Ramos accusa-me de me ter apoiado, nas minhas affirmações sobre os typos negros, na "sciencia do seculo passado" e considera, por isto mesmo, falsas as minhas opiniões sobre a aptidão civilisadora do *Afer*.

Devo observar que a accusação de estar inspirado na sciencia do seculo passado e, portanto, em concepções já atrazadas de trinta ou quarenta annos, não me parece inteiramente verdadeira. Este volume mesmo serve para mostrar que não me conservo alheio ao movimento das ideias sobre este assumpto, estando in-

teiramente em dia com as conclusões mais recentes da investigação scientifica neste dominio.

Quanto á falsidade das minhas conclusões, é um ponto discutivel. O prof. Arthur Ramos é dos que acreditam que o negro possui as mesmas capacidades dos typos brancos. Eu não o contesto; mas acceito a sua conclusão com as restricções que estabeleci.

Um dos argumentos, em que se baseia o prof. Ramos, para fundamentar a sua convicção de que os povos negros têm uma capacidade para a civilização igual á de qualquer outro povo ou raça, está nas revelações trazidas pelos investigadores mais recentes da ethnographia e da historia dos povos africanos, como Froebenius, a que o sr. TRISTÃO DE ATHAYDE chama de "imaginosa" (4-bis).

Froebenius e outros investigadores encontraram, segundo o sr. Arthur Ramos, no recondito das selvas africanas, vestigios segurissimos de civilizações identicas ás que a nossa cultura considera superiores".

Que estas civilizações antigas existiram; que no centro das terras africanas se formaram grandes focos de cultura superior, não ponho em duvida — e os documentos comprobatorios da existencia destes focos, exhibidos por Froebenius e investigadores anteriores a elle levam-nos a certeza disto. Os que estudam a historia africana são, aliás, unanimes em attestar a formação de grandes imperios nos centros onde actualmente vegetam

(4-bis) Leia-se, por exemplo, a *Historia da Civilização Africana*.

povos negros em pleno estado de barbarie (5). São factos historicos, que ninguem contesta.

O que me parece contestavel é a conclusão que dahi se tira — de que estas civilisações antigas, que floresceram nas zonas centraes da Africa, foram criadas pelos homens da raça negra, isto é, pelos typos negros puros. Esta conclusão é tão fundamentada como seria a de algum habitante de Marte ou de Saturno que, observando por ventura, com telescopios poderosos, a nossa civilização, especialmente os grandes fócios de cultura do Rio e de São Paulo, e, reconhecendo que elles florescem em regiões onde vivem ainda povos de raça vermelha, concluísse que foram os incolas, habitantes destes territorios, os criadores de toda esta brilhante civilização. Ou a de um sabio que, daqui a quatro mil annos, descobrindo, depois de penosas escavações, as ruinas das bellas cidades que os inglezes fundaram e estão fundando presentemente na Africa do Sul, viesse dizer que estas bellas cidades e a sua civilização correspondente, por estarem localisadas em zonas onde sempre viveram povos de raça negra, deviam ter sido obra destes povos negros.

III

Ora, a verdade é outra. O que a observação do presente, por um lado, e, por outro, o estado

(5) v. DELAFOSSE — *Les nègres*, 1928, pg. 13 ss.; MEYNIER — *L'Afrique Noire*, 1921, pg. 79 ss. E ainda DELAFOSSE — *Civi-*

da historia do continente negro parecem demonstrar é que estas civilisações, que Froebenius e outros pesquisadores encontraram na Africa, nas suas regiões centraes, não são, certamente, criações dos povos negros: mas, sim, de mestiços afro-semitas, isto é, negroides berberisados ou arabisados, do mesmo grupo dos “fullas”, dos “mandingas”, dos “haussás”, dos “mossis”, dos “somalis” e outros typos de mulatos característicos. Estas civilisações tiveram os seus focos de formação e irradiação, não propriamente na zona das florestas tropicaes; mas nas regiões das steppes, nas immensas planicies da “brousse”, zona das grandes tribus pastoraes, ou nos pontos de cruzamento das grandes estradas de caravanas. Isto é, nas zonas que se constituíram o campo predilecto das incursões dos conquistadores arabes vindos do Norte, dos lados do Mediterraneo, ou de Este, dos lados do Mar Vermelho: dos focos de culturas aryanas ou semitas (6).

O reino do Ghana ou Ghanata, cuja fundação deve datar do seculo IX da era christan, floresceu justamente sobre as margens do Niger, na região das suas cabeceiras, em pleno centro da “brousse” africana; mas não foram os negros puros, habitantes das grandes flo-

lisations negro-africaines, 1925. Cf. — Froebenius — *Histoire de la civilisation africaine*, trad. de Bach e Ermont, Paris, 1933, 1.^a parte.

(6) PRÉVILLE — *Les sociétés africaines*, 1894, pg. 271 ss. Cf.: — MENDES CORREIA — *Prehistoria do Moçambique*, 1936, Seli-gman — *Les races de l'Afrique*, Trad. de G. Montandon, 1935...

restas, que o fundaram, nem a civilização que este imperio representa se deve a elles. Os textos do *Tarikh-es-Soudan*, em que vem o testemunho dos chronistas arabes que o conheceram no esplendor da sua grandeza, o fazem creação de povos brancos — e não negros:

— “E’ tradição que este reino existia antes da Hegira; que vinte e dois principes ahi reinaram antes deste acontecimento e que, igualmente, outros vinte dois ahi reinaram depois delle. *Estes principes eram de raça branca; mas não sabemos de onde se originaram*”.

Os elementos civilisadores, que edificaram o grande imperio de Ghana, eram, alli, pois, estes principes de origem berbere ou arabe e a massa, ahi affluente, de chamicas, homens não negros puros, mas de raça “vermelha” (provavelmente mestiços fixados de semitas com negros das florestas africanas).

O mesmo se deu com o imperio de Songhai, fundado cerca de dois seculos depois (XI) e que succedeu ao Ghana, destruido pelas tribus conquistadoras, vindas do alto Egypto. Os chefes destas tribus, que submeteram o antigo imperio de Ghana e fundaram o imperio de Songhai, originaram-se, segundo a tradição recolhida pelo *Tarikh*, da região do Yemen, na Arabia. Eram de raça semita — e não negra. Os negros representaram alli, neste novo grande imperio, a base material do trabalho — e não os agentes civilisadores.

Não foi outra a genese deste outro fóco de civilização representada pelo grande reino de Bornú. Os elementos, que o fundaram, não eram negros puros e sim

mestiços, oriundos do cruzamento de berberes com negros, isto é, eram da raça vermelha do Sudão e não da raça negra propriamente dita. Esta os invasores semitas fizeram refluir para as selvas da Africa Central.

— “Todos estes monumentos (diz Desplagnes, a proposito das ruínas remanescentes destes grandes imperios primitivos) parecem assignalar, atravez da Africa Sahariana, a marcha dos povos civilisadores, que *partidos das margens do Mediterraneo*, vieram, em época remota, organizar o Sudão” (7).

IV

O que o estudo da historia antiga da Africa demonstra, pois, é que

a) os grandes centros de civilisação, surgidos no interior do continente africano, não foram organizados por povos de raça negra; mas, sim, por povos estranhos, por conquistadores arabes ou berberes, que se caldearam com a primitiva população negra, formando uma massa de mestiços, de que elles se fizeram os educadores e guias;

b) que estes centros de civilisação se constituíram, não no seio das grandes florestas tropicaes, mas na região das estepes, nas grandes planicies campinosas do Sudão ou nos seus limites com a região das gran-

(7) MEYNIER — *obr. cit.*, pag. 96.

des florestas — isto é, nas zonas, ou cortadas pelas grandes linhas de caravanas dos mercadores arabes ou invadidas pelos conquistadores vindos do Egypto ou da Arabia, ou dominadas pelas tribus de raça chamita, como os fellatas, fulas, etc. (8). Os negros puros, vivendo nas florestas do Congo ou da Angola, nunca criaram civilização alguma.

— “Um certo numero destas nações mestiçadas, mas de raça branca — diz Prévile, estudando estes mestiços na actualidade — pertencem a area africana, que temos estudado, delimitada sob o nome de “zona dos desertos do Norte”, ou aos confins desta zona. Taes são os mouros, os pastores commerciantes do Senegal e do Sudão, comprehendidos sob o nome de Pehul, de Felata, Mandiga, Begara, etc., e os Somalis, da costa oriental. Encontram-se alli, alguma vezes, é certo, numerosos individuos que se aproximam, por alguns caracteres, dos negros propriamente ditos; são productos de cruzamentos, da mistura com o sangue de negros alli escravizados ou para alli levados. Arrastados no movimento dos grupos, a que pertencem, estes mestiços numerosos, qualquer que fosse a sua caracterização physica, soffreram a formação resultante da organização patriarcal. Elles pertencem, então, na realidade, não

(8) v. em DELAFOSSE — *Les nègres* (pg. 13-35) a historia resumida destes centros de civilização e destes “imperios”: todos elles se fixam em zonas sudanezas e sob a influencia exogena de berberes ou arabes.

á raça negra; mas, sim, á raça pastoral que os incorporou" (9).

Os criadores dos grandes focos de civilização, assinalados em épocas remotas no continente negro, não foram, pois, negros; mas arabes; mas berberes; mas mestiços de uns e de outros. Dado o facto de que é impossível impedir a corrupção do sangue, mesmo no regimen das aristocracias fechadas ou de casta (10), pode-se concluir que os elementos que mantiveram estas civilizações deviam ser mestiços — e não semitas puros.

V

Na verdade, as maiores autoridade modernas em ethnologia africana, como Keane e Johnston, reconhecem esta superioridade das populações mestiças, oriundas de cruzamentos hamíticos ou arabicos, sobre as populações em que se mantem puro o sangue do *Afer*. Os mouros, por exemplo, mestiços de berberes e negros, mas em quem o sangue negro entra em menor proporção, e que são, por isso mesmo, mais proximos do cha-mita do que do negro; os mouros, segundo Keane, distinguem-se dos verdadeiros negros, não só pelo seu aspecto mais nobre e grave, como principalmente por serem muito mais intelligentes (11).

(9) PRÉVILLE — *obr. cit.*, pg. 272.

(10) BOUCLÉ — *Essai sur le régime des castes*, 1908, pg. 141 ss.

(11) KEANE — *Man: past and present*, 1920, pg. 469.

Keane reconhece, aliás que o arabe e, principalmente, o berbere representam na Africa, em relação á população negra, o papel de agente de fermentação (*leavening elemente*, como elle diz). Elles preparam, com o caldeamento do seu sangue com o sangue dos negros puros, as condições necessarias ao progresso e á civilisação daquellas populações barbarisadas. E' esta conclusão, a que chega esse grande ethnologo, depois de comparar os grupos de negros puros com as raças mestiças do Sudão, da Abyssinia e da Somalilandia: Kanuris, Songhais, Haussás, Nubios, Somalis, Gallas, Fulas e, mesmo, os negroides do grupo Bantú. Estes, segundo Keane, não são negros puros; mas, a dosagem do sangue berbere nelles é menor do que nos negros sudanezes e nos mestiços mouros. Entretanto, basta a presença deste pequeno *quantum* de sangue semita para fazel-os superiores ás genuinas populações negras:

“Quando constatamos — diz Keane — este triumpho dos Bantús sobre a macissa resistencia (*dull weight of resistence*), opposta em toda parte pelas populações de puro sangue negro, (*fullblood negro populations*) a qualquer progresso, que as possa elevar acima do seu nivel actual de cultura, é que podemos avaliar a assignalada superioridade intellectual do negroide Bantú sobre o elemento negro puro” (12).

(12) KEANE — *obr. cit.*, pg. 109.

Não é só o aemita, seja arabe ou berbere, que tem sobre o negro a funcção do *leavening element*, de Keane. Tambem o malayo exerce esta acção eugenisante. E' assim que ha, em Madagascar, uma raça de negros superiormente activos, grandes navegadores, grandes comprehendedores. Mas, estes negros, assim superiormente dotados, observa Johnston, não são negros puros — e, sim, mestiços de malayos (13).

E' sempre assim. Na ethnogenese africana, o sangue branco ou mesmo mongolico exerce aquella "acção deflagrante", de que fala Pittard: só depois de uma infusão mais ou menos forte d'elle é que as explosões de eugenismo começam a se operar, com frequencia, na biologia do *Afer*. Antes disto não.

Na Africa Sudaneza, estes elementos mestiços (Pehuls, Fulas, Felatas, Somalis, Gallas, Bahimas, etc.) mostram-se sempre superiores aos verdadeiros negros. Por isso, nas tribus miscigenas, formam elles a aristocracia e a classe dos proprietarios. E' ainda Johnston quem o diz: — "Nas tribus de negros puros, são estes mestiços que dominam como elementos da aristocracia, como sacerdotes e como proprietarios de rebanhos" (14).

Mesmo na Africa Central, na região dos platós lacustres, no Tanganika, no Uganda, no Unyaro, no Victoria-Nianza, no paiz do Afilo, no Toro, no An-

(13) JOHNSTON — *The natives races of Africa* (in "The living races of Mankind", I, pg. 256, 372).

(14) JOHNSTON — *obr. cit., ibidem.*

kole (zonas de populações propriamente negras), os elementos aristocraticos e dirigentes, as castas dynasticas e a classe dos proprietarios de rebanhos não se formam de negros puro-sangue; mas, de uma raça de negroides semitizados, os Bahimas, em que o sangue berbere entra com maior contingente: — “Os Bahimas — diz Keane — são os senhores de rebanhos no Uganda, uma sorte de aristocracia no Unyoro, uma casta governante no Toro e uma raça dominadora, constituindo dynastia, no Ankole” (15).

Ora, Roscoe, que os observou de perto, descreve os Bahimas como individuos que só são negros pela côr escura e pelo typo do cabello; mas todos possuindo labios finos, nariz direito e rosto delicadamente conformado, revelando a larga dose de sangue semita, que lhes circula nas veias: — “They have straight noses with a bridge, thin lips, finely chiselled faces, heads well set on fairly developed frames, and a good carriage; *there is in fact nothing but their colour and their short woolly hair to make you think of them as negroids*” (16).

VI

O negro puro, portanto, não foi nunca, pelo menos dentro do campo historico em que o conhecemos, um criador de civilisações. Si, no presente, os vemos

(15) KEANE — *obr. cit.*, pg. 91-2.

(16) KEANE — *obr. cit.*, pg. 92.

sempre subordinados aos povos de raça branca, com os quaes entraram em contacto; si, nos seus grupos mais evoluídos das regiões das grandes planícies nativas, são os elementos mestiços, são os individuos de typo negroide, aquelles que trazem doses sensiveis de sangue semita, os que ascendem ás classes superiores, formam a aristocracia e dirigem a massa dos negros puros; como não o seriam tambem nestas épocas remotas, em que se assignalam estes grandes fócios de civilisação? (17)

Que os estudos do passado e as investigações dos archeologos assignalam a existencia dos grandes centros de cultura nas regiões centraes da Africa, é o que não ponho em duvida; mas que estas civilisações sejam criações da raça negra é o que me parece contestavel. Não sei si o negro é realmente inferior, si é igual ou mesmo superior ás outras raças; mas julgando pelo que os testemunhos do presente e do passado demonstram, a conclusão a tirar é que, até agora, a civilisação tem sido apanagio de outras raças que não a raça negra; e que, para que os negros possam exercer um papel civilizador qualquer, faz-se preciso que elles se caldeiem com outras raças, especialmente com as raças arianas ou semitas. Isto é: que percam a sua pureza.

(17) CAYTON (H.) — *The developing class structure among the American Negro* (in "Proceedings of the Seminar on Racial and Cultural Contacts of the University of Chicago", 1935-1936, pg. 86). E tambem outros estudos monographicos do mesmo volume sobre as populações mestiças da America Central e do Norte.



★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes, Rua Xavier de Toledo, 72 — S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 118 — S. Paulo, em Setembro de 1938.